

William Franco Gonçalves

Rezas, benzeções e práticas de cura para humanos e animais não humanos (1931-2018).

Mestrado em História

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE

IRATI

2019

William Franco Gonçalves

Rezas, benzeções e práticas de cura: para humanos e animais não humanos (1931-2018).

Mestrado em História

Dissertação apresentada à banca examinadora da Universidade Estadual do Centro-Oeste, *Campus* de Irati como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História, sob a orientação do Prof. Dr. José Adilçon Campigoto.

Linha de pesquisa: Espaços de Práticas e Relações de Poder.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE

IRATI

2019

Catálogo na Fonte
Biblioteca da UNICENTRO

G635r	<p>GONÇALVES, William Franco. Rezas, benzeções e práticas de cura: para humanos e animais não humanos (1931-2018) / William Franco Gonçalves. – Irati, PR : [s.n.], 2019. 109f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. José Adilçon Campigoto. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR.</p> <p>1. História oral. 2. Medicina popular. 3. Benzedeiras – benzedores. I. Campigoto, José Adilçon. II. UNICENTRO. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 398.27</p>
-------	---



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH
Área de Concentração – História e Regiões



TERMO DE APROVAÇÃO

William Franco Gonçalves

Rezas, Benzeções e Outras Práticas de Cura para Humanos e Animais Não Humanos (1931-2018)

Dissertação aprovada em 31/07/2019, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:

Dr. Paulo José Koling

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Titular

Dr. Ancelmo Schörner

Universidade Estadual do Centro-Oeste
Titular

Dr. José Adilson Campigoto

Universidade Estadual do Centro-Oeste
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Irati – PR
2019

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer imensamente a todas as benzedeadoras e benzedores que abriram suas portas e me permitiram ouvir um pouco de suas histórias e aprender sobre esse universo tão mágico. A todos eles, que com toda a simpatia me acolheram em suas casas, mesmo em seus momentos de descanso e que me ajudaram tanto, desde a graduação e agora, também, no mestrado.

Agradeço também à minha família, meus pais e meu irmão que sempre me apoiaram e me incentivaram a estudar, com a tese de que aprender algo novo todos os dias nunca é demais. Agradeço, também, a meus primos e amigos que sempre estiveram ao meu lado e, mesmo nos momentos mais estressantes, me fizeram sorrir.

Também não posso deixar de agradecer a todos os professores da graduação que acompanharam minha trajetória e sempre me incentivaram a continuar estudando e pesquisando. Agradeço imensamente a todos eles que com suas aulas me ensinaram e com suas orientações me permitiram a chegar até aqui. Um agradecimento especial para os professores José Adilçom Campigoto e Oseias de Oliveira que me orientaram durante essa caminhada e sempre estiveram disponíveis para me esclarecer dúvidas durante todo o mestrado.

Agradeço também à CAPES que com a ajuda financeira me permitiu cursar o mestrado com mais tranquilidade.

Não posso deixar de agradecer também ao Núcleo de Estudos Eslavos e ao Centro de Línguas da Unicentro que me deram a oportunidade de estudar durante o mês de agosto de 2018 no Curso de Verão de Língua, Literatura e Cultura Polonesa na Universidade da Silésia, em Cieszyn. Ali aprendi muito e fiz amigos de tantos países diferentes que jamais poderia sonhar em conhecer. Também agradeço, imensamente, à professora Sônia Niewiadomski que me ajudou a compreender os nomes das doenças em polonês utilizados por uma das benzedeadoras pesquisadas e também me ensinar polonês no curso ofertado pela Unicentro.

RESUMO

Esta pesquisa é um estudo sobre onze benzedeadoras (oras) moradoras (as) do município de Irati, Rio Azul e Mallet, cidades localizadas na Região Centro-Sul do Estado do Paraná. Esta investigação se deu através da História Oral e teve como objetivo analisar e compreender alguns aspectos das práticas de benzeção destas pessoas, entre elas a prática de benzeções de animais não humanos, como por exemplo, cavalos, vacas e cães. Tentamos demonstrar que a fronteira entre os animais humanos e os não humanos no universo da Benzeção, não estaria tão evidente.

Entre esses praticantes estão incluídas cinco mulheres que possuem antepassados poloneses, compreendendo assim como as práticas de benzeções não estão restritas apenas ao espaço afro-ibero-indígena das benzeções, mas também à cultura eslava. Com a ajuda dessas benzedeadoras com ascendência polonesa obtivemos também alguns nomes de doenças em polonês, visto que muitos deles ainda preservam a língua de seus antepassados.

Palavras-chave: benzedeadoras; benzedores; animais; curas

ABSTRACT

This research is a study about eleven folk healers who live in the cities of Irati, Rio Azul and Mallet; these cities are located in the central-south region of the state of Paraná. This research happened through the Oral History and had as its objective to analyze and understand some aspects of the healing practice of these people, among these practices, the practice of non-human animals healing, for example, horses, cows and dogs. We tried to demonstrate that the line between human and non-human animals is not so clear in the healing universe. Among these practitioners, there are five women who have polish ancestors, with this, we could gain a better understanding about how the practice of healing is not restricted to afro-ibero-indigenous spaces only, but also to the Slavic culture. With the help of these five folk healers who have polish ascendant we also got some disease's names in polish, since many of them still preserve their ancestor's language.

Keywords: Folk healers, animals, heal.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I: Pele de gente, osso de bicho: ofício de benzeção.....	18
1.1 A prática da benzeção.....	18
1.2 Ritos e palavras.....	27
1.3 O corpo e a cura.....	37
CAPITULO II: A oralidade e as fronteiras entre animais humanos e não humanos	45
2.1 A história oral e o universo da benzeção.....	45
2.2 Santos, animais e benzedores.....	56
2.3 Animais humanos e não humanos – fronteiras móveis.....	60
2.4 Animais e humanos benzidos.....	71
CAPITULO III: Benzo, queimo, atropelo e espanto: benzeção e ascendentes de poloneses..	78
3.1 Trabalho e pacientes fixo.....	78
3.2 Arrumando criação.....	82
3.3 Sapos e cogumelos.....	90
CONCLUSÃO	99
REFERÊNCIAS	101
FONTES ORAIS	106
SITES CONSULTADOS	107

INTRODUÇÃO

As práticas de cura das benzedeadas e benzedores podem ser consideradas como parte de um espaço regido por regras e saberes específicos, talvez, ainda pouco investigado em nossa região. A forma pela qual estas benzedeadas e benzedores concebem o corpo humano, o meio ambiente, os animais, o bem e o mal, a doença e a saúde, bem como, o diagnóstico e a terapia que fazem, formam um campo vasto de conhecimentos diferenciados de outras práticas curativas presentes em nossa sociedade.

Nesta dissertação, investigamos, sobretudo, a forma pela qual as benzedoras e benzedores organizam o mundo das benzedeadas no que tange às fronteiras entre animais humanos e não humanos. A benzedeadas é uma prática vinculada ao catolicismo popular, um exercício cristão, que nos pareceu característico frente, por exemplo, ao que detectou Thomas (2010, p.21) na Inglaterra do final do século XV e do início do XVII. Ali, “[...] a visão tradicional era de que o mundo fora criado para o bem do homem e as outras espécies deviam se subordinar aos seus desejos e necessidades”. Com base na Bíblia e nos filósofos gregos, partia-se do princípio de que “os animais domésticos existiam para labutar e os selvagens para serem caçados” (THOMAS, 2010, p.21). Teologicamente, argumentava-se que por causa do dilúvio o ser humano recuperou seu domínio sobre os outros semoventes, comando que fora perdido por causa do pecado original. Desde então, “[...] os animais poderiam ser abatidos e comidos legitimamente, guardando-se apenas as restrições de dieta vigentes.” (THOMAS, 2010, p. 22).

Então, completava-se a visão antropocêntrica do cristianismo, acrescentando que além de trabalhar para os humanos, servir de lazer, eles, também foram deixados pela divindade como alimento. Claro que tal atitude diante dos animais não humanos esteve longe de ser absolutamente assumida por todas as pessoas. Teólogos e filósofos, mas também as gentes ditas comuns, lá mesmo na Inglaterra, bem como em outras regiões do planeta, assumiram e preservaram atitudes diferentes daquela que foi consolidada por René Descartes, com a publicação de *Discurso do Método* e das *Meditações sobre Filosofia Primeira*, publicados na primeira metade do século XVII. Thomas escreveu que adotando-se a tese cartesiana segundo a qual o pensamento define a existência, resulta que os animais nada são, posto que não raciocinam e, portanto não tem alma. Mas, escreveu ele tal doutrina teve apenas alguns poucos defensores na Inglaterra. (THOMAS, 2010, p. 46)

Apesar destas nuances “em 1967, o historiador norte americano Lynn White Jr. descreveu o cristianismo, em sua forma ocidental como ‘a religião mais antropocêntrica que o mundo já viu.” (THOMAS, 2010, p. 29). Ora, as (os) benzedoras (ores) da região Sudeste do Paraná, as (as) entrevistadas (os), pertencem ao cristianismo, e benzem pessoas, mas também animais não humanos. Nas entrevistas que fizemos, algumas (as) delas (as) asseguram que as criações também devem ser benzidas. Então, a partir deste universo de benção, temos os animais que foram deixados para trabalhar, para o lazer, para alimento, para serem caçados e, também, para serem benzidos e curados.

A cura pela benção e por meio de remédios caseiros, deste modo, desmantela a fronteira entre os animais humanos e os não humanos. O petshop, as clínicas de tratamento e beleza animal também são lugares em que a separação entre os viventes se fragmenta, fazendo emergir novas sensibilidades. Podemos dizer que o mundo das terapias se encontra em franca expansão, causando a sensação do surgimento de novas formas de cura a cada dia. As práticas terapêuticas das benzedoras e dos benzedores podem ser consideradas como parte de um campo específico, ligado ao catolicismo e às suas variantes. Trata-se de pessoas que abrem as portas de suas casas para cuidar, curar e aliviar as dores de outras, utilizando-se de suas rezas e de seus conhecimentos, geralmente, adquiridos na prática.

De acordo com Oliveira, praticantes de benção existem desde a Antiguidade, mas durante a Idade Média suas práticas foram vistas com atividades demoníacas por parte de membros da Igreja Católica e pelos caçadores de bruxas. Qualquer pessoa que fosse suspeita de exercer tais “poderes sobrenaturais para fazer curas, adivinhações do passado, presente e futuro” era identificada como entidade associada à bruxaria e/ou feitiçaria e muitas delas foram torturadas, perseguidas ou, mortas (OLIVEIRA, 1985, p.18).

No contexto da sociedade cavalheiresca, em que a masculinidade era um dos valores mais exaltados, a benção e o trato aos doentes foram associados à figura da mulher. Nesta perspectiva, o universo masculino era caracterizado como bárbaro, agressivo, selvagem e redentor. O feminino, por sua vez, foi construído como oposto. Criou-se a figura de uma bruxa, uma mulher velha e luxuriosa, empenhada em seduzir os homens, não pela beleza ou pelo afeto, mas por intermédio de poderes demoníacos.

[...] a bruxa era o expurgo de todos os males atribuídos ao feminino, começando com o pecado original e a desobediência da “primeira mulher”, pintada como colaboradora de Satã. Protagonista de

inúmeras condenações, a bruxa serviu como função pedagógica de cunho moralizador durante os séculos em que a Igreja focou a doutrina cristã no combate ao mal, inimigo personificado como o demônio, o adversário de Deus, Satanás. Vinculada à natureza, a bruxa estava ligada ao chamado ‘Príncipe do Mundo’, o diabo, que, mesmo aparecendo hermafrodita em algumas representações, é uma entidade explicitamente fática, masculina. Mesmo as damas de ‘boa conduta’ eram suscetíveis aos cortejos infernais porque as mulheres eram mais facilmente seduzidas pelo pecado (AZEVEDO, 2015, p. 126)

As (os) benzedoras (ores) mantêm certos vínculos com a natureza como é, por exemplo, o recurso às ervas e plantas medicinais para a cura de doenças em humanos, bem como, para a cura de animais doentes. Talvez o aproveitamento pedagógico de que foram vítimas nos anos de perseguição cristã tenha resultado na prática de associar seus procedimentos a um ou a mais santos oficiais do catolicismo.

Aqui, podemos falar de uma diversificação significativa devido ao contato com outras culturas: indígena, africana e portuguesa, eram, cada uma delas permeadas por visões de mundo diversas que se complementavam (PINHO, 2015, p.2). Para Mello e Souza (1986, p. 97) “[...] traços católicos, negros, indígenas e judaicos misturaram-se, pois na colônia, tecendo uma religião sincrética e especificamente colonial”. No período anterior ao surgimento da medicina moderna, quando Pasteur demonstrou que as infecções eram causadas por animais vivos, era mais disseminada e aceita a ideia de que algumas doenças tinham origem sobrenatural. A visão de mundo, de meio ambiente, de corpo, de ser animal, de ser humano, de doença e saúde não era a mesma existente no âmbito da medicina moderna. As benzedoras e os benzedores (em termos da cultura portuguesa) frequentemente afirmam que os médicos não conhecem certas doenças e nem a cura para elas. Estes homens e mulheres parecem fundamentar seu saber numa visão de medicina muito mais antiga, talvez medieval.

Santos, afirma que

Desde o séc. XII a medicina saiu do rol das artes mecânicas (tekhne em grego e ars em latim) e foi considerada uma ciência (episteme ou scientia) no interior da filosofia natural e assim o saber médico achou seu lugar na representação geral do mundo e daí a designação de físico, o intérprete da natureza (physis ou natura), para os médicos medievais. O primado atribuído à saúde da alma e a dificuldade de conciliar o ideal de caridade com a remuneração do atendimento questionaram a legitimidade deste saber. A correspondência estabelecida entre o microcosmo oferecida pelo homem e o macrocosmo representado pelo universo sustentou a ideia de que uma compreensão da criação divina não poderia deixar de lado o estudo do corpo humano, ainda mais que os fundamentos desse estudo se

beneficiavam da física aristotélica. Buscava-se descrever e analisar a estrutura e o funcionamento do cosmos junto com todos seus objetos e criaturas. [...] Todos os corpos estão sujeitos à mudança e à corrupção, ou seja, à doença (SANTOS, 2013, p. 125)

O mundo da benzeção não aderiu à ideia de que o corpo humano deveria ser compreendido como um ambiente regido pelas leis da física e do universo, como foi o caso da ciência médica. Manteve-se, no entanto, a divisão entre mundo físico e espiritual, sendo o corpo considerado como um simples invólucro para a alma. Conservou-se, igualmente, a ideia de que se a alma estiver sã o corpo estará sadio e de que o reestabelecimento da saúde deve ser feito em forma de caridade. Tal filantropia era a marca na prática dos antigos monges.

A assistência à saúde sem o envolvimento do aspecto financeiro é considerada como um dos fatores da extinção da medicina dos monges medievais.

La medicina monástica, que tuvo el mérito de reunir los documentos clásicos y de preservar las tradiciones antiguas a través de tiempos terribles, declinó hasta casi extinguirse durante el siglo X. Las causas de su obliteración fueron varias, pero una de ellas fue su éxito. Los monjes se alejaban cada vez más de sus monasterios para atender la creciente demanda médica, lo que interfería con sus deberes religiosos, por lo que en los Concilios de Reims (1131), de Tours (1163) y de París (1212), las actividades médicas de los monjes primero se restringieron y finalmente se prohibieron. La aparición de las órdenes dominicas y franciscanas en el siglo XIII, ambas hostiles a cualquier actividad científica, reforzó el rechazo de la práctica de la medicina por los frailes (TAMAYO).

De qualquer modo, detectamos uma espécie de regra geral entre as benzedeiras e benzedores de que não se deve aceitar dinheiro em troca dos benzimentos. Isto pode ter sua origem na atitude dos monges curandeiros. Mas, além disso, as práticas da benzeção estão ligadas, por um lado, ao sobrenatural, pois benzer implica restabelecer a saúde, ou eliminar o mal em nome da divindade. Por outro lado, adota-se, conforme o caso, a arte de preparar remédios, ou seja, há um vínculo bem específico com a natureza. Tais práticas podem estar ligadas aos antigos saberes de

[...] elaboração de mezinhas ou remédios manipulados, ou seja, a arte dos boticários seguia toda a longa tradição de obras que buscavam analisar as virtudes e propriedades curativas dos elementos da natureza, oriundos dos reinos animal, vegetal e mineral. O conjunto desses conhecimentos era denominado matéria médica. (SANTOS, p. 123)

Esta ambiguidade, ou seja, este deslocamento da natureza para o mundo sobrenatural se vê presente desde o medievo na Europa, quando a população buscava a ajuda de agentes de cura julgando possuírem o dom de neutralizar o mal que presumivelmente penetrava no mundo. Desta maneira a doença possuía uma origem física e também uma origem sobrenatural.

Acreditava-se na origem sobrenatural da doença, ou melhor, a crença era que as doenças seriam conseqüências do pecado, ou de algum feitiço, ou de mau olhado. Para promover a cura seria então necessária a invocação do sobrenatural, bem como a intercessão das forças espirituais, visando neutralizar os feitiços, os maus olhados, ou obter-se o perdão dos pecados (BOING; STANCIK, 2013, p.88)

O mal visto nesta perspectiva dual de espírito/matéria é neutralizado por meio da reza e das receitas, mas deve ficar claro que no caso das pessoas entrevistadas aqui, sobressai o aspecto da reza, da benção, da oração, do benzimento, por isso, trata-se de benzedores e benzedoras. O mundo das benzedoras ao que parece, não aderiu à separação entre animais humanos e não humanos que se expressa no isolamento das ciências médicas e da veterinária. É perfeitamente normal e aceitável que numa fila de atendimento na casa de uma benzedora esteja um cavalo ou uma vaca. Atualmente, se faz este tipo de benzimento também por meio telefônico, com o uso do nome ou por celular. Benzedoras e benzedores entraram na era digital.

Oliveira escreveu a respeito da imagem que, normalmente, fazemos de uma pessoa que benze. Diz que a ideia cristalizada é de uma mulher, rurícola, casada e com filhos, pobre e detentora de certo ar de mistério. Durante nossa busca por benzedoras e benzedores nas cidades de Irati, Mallet e Rio Azul, nos deparamos com várias mulheres com tal perfil, mas também encontramos mulheres de origem polonesa e três homens, que benzem e atendem inúmeras pessoas.

Estas benzedoras que não sejam de origem portuguesa/indígena/afro bem como homens benzedores não são muito mencionados em trabalhos acadêmicos. Oliveira refere-se aos homens feiticeiros indígenas e xamãs para compara-los às benzedoras que vivem nas cidades, atualmente. Escreveu que

De modo semelhante ao médico feiticeiro indígena, ao xamã que se tornou um especialista na ciência de curar doenças através da medicina popular, dos conhecimentos da magia e da religião, a benzedora é, na sociedade urbana, uma pessoa que possui uma função similar. Mas também [...] ela faz adivinhações, às vezes lê sorte, lida com o mistério e com as coisas do além (OLIVEIRA, 1985, p. 25-26).

As benzedoras e benzedores de que estamos tratando também benzem animais e maldizem pragas e parasitas. Elas utilizam-se de nomes de animais para as doenças tais como o sapinho, o cobreiro, a bicheira e a doença de mico.

Aqui temos um quadro dos que foram entrevistados para esta pesquisa:

Tabela 1: Benzedoras e benzedores entrevistados, cidade, idade e tempo de experiência.

Nome	Idade	Cidade	Tempo de experiência
Inês Kamiski	52 anos	Bairro, Vila São Pedro – Irati	30 anos
Leoni Bueno Gasparetto	80 anos	Bairro, Rio Bonito – Irati	58 anos
Lucia Kruk	54 anos	Bairro, Centro – Rio Azul	30 anos
Maria Frontik	88 anos	Bairro, Centro – Rio Azul	Não soube especificar
Maria Iolanda	70 anos	Bairro, Rio Bonito – Irati	25 anos
Nadir Ferreira	80 anos	Bairro, Alto da Lagoa – Irati	30 anos
Olga Bacil de Quadros	62 anos	Bairro, Centro – Irati	20 anos
Palmira Lewandowski	53 anos	Bairro, Colônia – Mallet	30 anos
Rosa Bueno Silva	50 anos	Bairro, Vila São Pedro – Irati	34 anos
Sonia Maria Sidoski	72 anos	Bairro, Rio Bonito – Irati	Não soube especificar
Telina Qulis	81 anos	Bairro, Salto do Potinga – Rio Azul	Não soube especificar

O mundo das pessoas que benzem gente e criações foge à separação cartesiana entre humanos e não humanos. A perspectiva que utilizaremos para entendermos esse aspecto é a da antropologia ecológica de Tim Ingold. Para o autor, o ser humano está inserido no mundo. Assim ele faz parte do todo, dos fios vitais que entrelaçam todos os seres vivos da terra; e para que possamos compreender como seria desolador ver o humano deslocado do mundo, ele dá o exemplo de uma sala vazia.

No caso-limite – ou seja, na ausência de qualquer objeto – um ambiente como esse seria percebido como um deserto perfeitamente plano como um céu completamente limpo por cima e a terra sólida por baixo, se estendendo em todas as direções até o grande círculo do horizonte. Que lugar desolado seria! Como as tabuas do chão da sala, a superfície da terra só nos permite ficar em pé e caminhar. Só podemos fazer mais que isso se o ambiente aberto como o como interno, estiver regulamente repleto de objetos. (INGOLD, 2012, p.28)

Para Ingold o ser humano está constantemente integrado ao seu espaço seja ele de trabalho, de sociabilidade, ou de lazer. E os objetos que fazem parte desse espaço permitem com que esses ambientes sejam habitáveis e fazem deles locais integrados ao ser humano. Assim Ingold escreveu que, se no quarto onde eu estou nesse momento os objetos comesçassem a desaparecer, se o computador onde estou escrevendo essas frases desaparecesse, se a cadeira onde estou sentado desaparecesse, se a lâmpada que ilumina o quarto desaparecesse. Se todos os objetos sumissem e no quarto ficasse apenas as paredes e o chão, eu não iria poder fazer nada, a não ser ficar em pé e andar pelo quarto. *Uma sala sem objetos, poderíamos concluir é praticamente inabitável.*

Aprofundando a teoria, escreveu que todas as coisas existentes num determinado ambiente não deveriam ser vistas como objetos. Isso por que no momento em que vemos uma árvore, se a vemos como um objeto, estaremos negando todas as vidas que vivem nela, dentro dela e sobre ela. Mas se vemos a árvore como uma coisa, tudo muda. Ingold nos questiona, *o que é árvore, e o que é não árvore? Onde termina a árvore e começa o resto do mundo?*

A casca, por exemplo, é parte da árvore? Se eu retiro um pedaço e o observo mais de perto, constatarei que a casca é habitada por várias pequenas criaturas que se meteram por debaixo dela para fazerem casas. Elas são parte da árvore? E o musgo que cresce na superfície externa do tronco, ou os líquens que pendem dos galhos? Além disso, se decidimos que os insetos que vivem na casca pertencem à árvore tanto quanto a própria casca, então não há razão para excluirmos seus outros moradores, inclusive o pássaro que lá constrói seu ninho ou o esquilo para o qual ela oferece um labirinto de escadas e trampolim. Se consideramos que o caráter dessa árvore também está em suas reações às correntes de vento no modo como seus galhos balançam e suas folhas farfalham, então poderíamos nos perguntar se a árvore não seria senão uma árvore-no-ar (INGOLD, 2012, p. 28-29).

Para Ingold esse aglomerado de acontecimentos é o que transforma um objeto em uma coisa. O objeto é algo congelado, estagnado, morto. Já a coisa é um *acontecer*, é algo que está inserido e unido a uma cadeia de eventos; é algo vivo. Assim como a árvore com seus insetos, com seus musgos, líquens, esquilos, pássaros e até mesmo o vento, toda uma cadeia de vida faz parte dela. Tal como a árvore é a casa, que é cercada de acontecimentos sendo eles causados pelo dia a dia do ser humano ou não humano também. Em todas as casas e até mesmo em apartamentos, estejam eles nos lugares mais altos ou não, sempre existem formigas, mosquitos ou aranhas. Sempre existe um aglomerado de vida ao seu entorno. Um pássaro fazendo ninho do telhado, uma família

de ratos morando sobre o forro, musgos crescendo com a umidade da chuva ou uma lagartixa morando atrás do guarda-roupa depois de fugir da garra do gato. Isso sem contar os próprios animais de estimação que moram tanto fora quanto dentro das casas. A casa assim como a árvore, é uma coisa e não um objeto para Ingold *casa real é uma reunião de vidas, e habitá-la é se juntar a reunião* (INGOLD, p.30, 2012).

Podemos compreender, portanto, que, para Tim Ingold, o ser humano faz parte dessa reunião com os outros seres vivos e também com as outras coisas a todo momento. Que ele está inserido nessa cadeia de acontecimentos e com isso, ele deve ser analisado e compreendido como fazendo parte desse grupo, como um igual e não afastado e também não como um ser superior.

Para as benzedeadas e benzedores analisados para esta pesquisa o ser humano e o animal estão conectados, e não são vistos como objetos estanques. A benzedora Sonia Sidoski, ao ser indagada se além de benzer pessoas, também atendia animais, respondeu: “Eles também, eles precisam de uma ajuda nossa, porque sem eles a gente não é nada. Sabia que eles que são os nossos irmãos, porque Deus deixou os animais e as pessoas, não foi?” Quando perguntamos sobre o modo como ela via os animais, nos disse: “os animais são seres humano também. Eles sofrem dor que nem uma pessoa. E eles têm sentimento igual às pessoas. Eles precisam ser curados iguais as pessoas”.

As entrevistas nos levaram a pensar que, para estas pessoas, o mundo dos benzimentos sempre foi assim, que nunca houve mudanças; mas pensamos em situar estas coisas no tempo. O recorte temporal escolhido para esta dissertação foi elaborado levando em conta os dados a que tivemos acesso através dos relatos das próprias benzedeadas e benzedores entrevistados. O ano de 1931 foi escolhido devido ao fato que foi o ano aproximado de início dos aprendizados da benzedora Maria Frontik de oitenta e oito anos, sendo a benzedora mais velha entrevista por nós. O ano de 2018, por ser aquele em que fizemos as últimas entrevistas. Os encontros com as pessoas entrevistada foram feitos da seguinte forma. Algumas benzedeadas e benzedores já conhecíamos e tínhamos um contato anterior, facilitando o acesso; mas outros conhecemos através de indicações de pacientes e das próprias benzedeadas. Com todos eles houve uma conversa inicial, nos apresentando e apresentando a pesquisa; Em seguida perguntávamos se eles gostariam de participar e se poderíamos gravar as entrevistas usando o celular. Todos concordaram e se mostraram abertos e contentes para contar um pouco de suas experiências como praticantes de benzedeadas.

No primeiro capítulo discutimos a descoberta do dom de algumas benzedeadas entrevistadas, que muitas vezes podem ter inícios diferentes, podendo ser através de uma dívida, herdada de algum parente ou pessoa próxima ou até mesmo por meio de uma descoberta autônoma. Debatemos a diferenciação entre benzimentos e feitiçarias e como as doenças que estas pessoas curam é vista não apenas com de origem física, mas também com de origem sobrenatural. Neste primeiro capítulo, discutimos com maior ênfase a vida e a benção da benzedead Leoni, uma moradora do bairro Rio Bonito, na cidade de Irati, que já chegou a atender cento e vinte pessoas por dia.

No segundo capítulo, discutimos a escolha da metodologia da História Oral como a forma mais indicada de se pesquisar esse tema. Detectamos, também, a devoção que as benzedeadas da cidade Irati manifestam com a imagem de Nossa Senhora e como consideram que a devoção ajuda em suas vidas e em suas práticas. Tratamos, também, das fronteiras móveis entre a noção de animais humanos e não humanos e como essa aproximação se deu através do tempo, sendo que para as benzedeadas é algo relativo. As curas para esses animais não humanos ainda são muito procuradas para resolver problemas tais como a bicheira¹.

No terceiro capítulo discutimos, principalmente, as benções de animais que ocorrem na região de Irati, Rio Azul e Mallet. Pudemos perceber como essas benções mudam de uma benzedead para outra, como é o caso da bicheira, pois algumas dessas pessoas que benzem curam com facilidade e outras não gostam de cura-las, porque segundo seus ensinamentos é necessário que se amaldiçoe a infestação, para que haja a cura. Tratamos neste capítulo, também, da prática de cura da benzedead Sônia Sidoski que possui experiência de ter sido benzedead no campo e agora, vivendo na cidade. Sônia precisou modificar algumas benções para continuar exercendo suas práticas, como a inclusão de benções por telefone e até mesmo por mensagem de Whatsapp. Neste capítulo abordamos, também, a experiência de Palmira Lewandowski, moradora do interior de Mallet, com antepassados poloneses e que ainda mantém vivo o idioma de seus antepassados e nos apresentou alguns nomes, em polônês, de doenças contra as quais faz as benções.

¹ Infestação em uma ferida por larvas e de mosca, conhecida também por Miíase

CAPÍTULO 1

Pele de gente, osso de bicho: ofício de benzeção

As curas por meio de benções e maldições são comuns em várias sociedades e agrupamentos humanos. Pinto escreveu que desde a mais remota antiguidade as pessoas que benzem são as curadoras populares. Dominam saberes próprios, os quais são passados de geração em geração.

As mulheres camponesas pobres não tinham como cuidar da saúde, a não ser com outras mulheres tão camponesas e tão pobres quanto elas. Elas eram as curadoras e as cultivadoras ancestrais das ervas que devolviam a saúde e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. (PINTO, 2002, p. 444)

Numa primeira aproximação, podemos dizer que a demanda popular pelos conhecimentos transmitidos e desenvolvidos pelas benzedeiras e benzedores não é coisa restrita a um tempo passado. Trata-se de um fenômeno atual e expressivo em nossa sociedade. Esses homens e mulheres são requisitados para auxiliar na cura de diferentes males que podem ser físicos ou espirituais.

1.1 A prática da benzeção

Para estas benzedeiras e benzedores a prática de benzeção é algo “divino” que deve ser transmitido de geração em geração ou recebido de alguma entidade. Nesse sentido, estamos tratando a benzeção como uma prática cultural e não como um ofício da educação formal (no sentido de que se frequenta uma “escola” e automaticamente a pessoa estaria “autorizada” a benzer). Nossa ênfase será nas tradições culturais, que sobrevivem por meio da memória, onde o benzedor ou benzedeira ensina seu filho, neto ou uma pessoa muito próxima. Também pode ser que as mães levem seus filhos para serem benzidos e esses levarão seus futuros filhos quando houver necessidade. Trata-se de uma visão de mundo em que as fronteiras entre espírito e matéria, natureza e divindade, animal e ser humano não se encontram bem definidas. Mas o universo das benzeções está longe de ser

Em Irati, no ano de 2018, foi aprovada a Lei nº 4543/2018 sobre a Política Municipal de Educação Popular em Saúde, mais conhecida como “lei das benzedadeiras”.² Ali, podemos perceber certa valorização dos saberes ancestrais e populares. Também se percebe a inserção de algumas das práticas populares no Sistema Municipal de Saúde. As benzedadeiras da cidade interessadas nos resultados da lei podem, agora, adquirir uma carteirinha de identificação fornecida pela Secretaria Municipal de Saúde. Ali, constará seu nome e a informação de que ela é reconhecida pela oficialmente como benzedeira. Além de Irati, outras duas cidades vizinhas possuem essa lei em vigor: Rebouças e São João do Triunfo. O projeto de Lei nº 083/2018 que deu origem a esta legislação foi aprovado com oito votos a favor e dois contrários. Trata-se dos votos dos vereadores Alberto Schereda (PSDB) e Rogério Kuhn (PV), demonstrando que a questão dos benzimentos é vista como algo não legítimo por algumas pessoas que vivem na região. A grande maioria, a julgar pelo tamanho das filas de atendimento que encontramos em suas portas, considera o serviço prestados por elas como de alta relevância. Isto reforçou nosso ânimo pra a pesquisa que realizamos.

Nesta dissertação procuramos compreender duas questões gerais e seus respectivos desdobramentos. A primeira delas diz respeito à história oral como uma possibilidade de aproximação ao universo da benzeção. Como desenvolvimento desta problematização, abordaremos, também, a importância do reconhecimento da atuação dos praticantes de benzeção por parte da comunidade e o entendimento que existe entre as pessoas de que o benzedor ou a benzedeira é aquela figura que pratica a “cura”. Em geral, seus poderes de cura são considerados como maiores que os dos médicos, pois muitas vezes elas conseguem sanar males em casos nos quais a medicina alopática (de caráter convencional, que utiliza agentes farmacológicos e intervenções físicas no tratamento de doenças) não obtém êxito.

A segunda questão é referente à temática do benzimento de animais, visto que quando estes adoecem de maneira repentina ou então quando não são curados mesmo que submetidos aos procedimentos veterinários ou quando os medicamentos convencionais não fazem efeito, procura-se a ajuda das benzedadeiras e benzedores. Partimos do princípio de que “[...] as definições de animalidade e humanidade mudam conforme a sociedade e época histórica, com o intuito de demarcar quem são os seres dignos de consideração moral e ética” (SILVA, 2015, p.03). Também pressupomos que,

² Disponível em: <<http://www.radionajua.com.br/noticia/noticias/irati-e-regiao/derbli-sanciona-lei-das-benedadeiras/41683/>> Acesso 07/2018.

na visão de mundo dos benzedores e benzedoras, as fronteiras entre animalidade e humanidade não parecem tão bem definidas quanto no campo científico. Ao contrário do que acontece nos hospitais, nas clínicas médicas e nas clínicas veterinárias, no campo das benzeções os males que acometem bichos e humanos são tratados pelos mesmos agentes, nos mesmos espaços e com, basicamente, os mesmos procedimentos.

No âmbito da ciência moderna, em que o animal doente é tratado pelo veterinário e não pelo médico, num espaço específico e com medicamentos específicos, domina a visão de que o animal humano pertence a uma casta superior de seres. Podemos dizer que benzedoras e benzedores também fazem algumas categorizações entre animais. Veremos algumas pessoas que se negam a benzer gatos e cães, sob o argumento de que lhes ensinaram assim. Isto nos levou a considerar tais aspectos no âmbito de forma como geralmente se considera aos animais.

Entre as várias definições e categorizações, destacamos como bastante generalizado o critério da utilidade social. O animal humano classificamos os não humanos com base na ideia de que sejam úteis para a domesticação ou para o mercado de carnes. Sobre esse assunto Leach esquematizou um quadro de categorização baseado no par proximidade e distância para demonstrar como isso interfere na escolha do comer ou não a carne de certo animal.

1) Aqueles que estão muito perto – pets (animais de estimação), sempre fortemente não comestíveis. 2) Aqueles que são domesticados, mas não estão muito perto – farm animals (animais de fazenda ou animais de corte), na maior parte comestíveis, mas somente se novos ou castrados. Raramente comemos um animal de corte sexualmente intacto e maduro. 3) Animais do campo, 'caça' – uma categoria com a qual alternamos amizade e hostilidade. Animais de caça vivem sob a proteção humana, mas não são domesticados. São comestíveis na sua forma sexualmente intacta, mas são mortos somente nas estações apropriadas do ano de acordo com um conjunto estabelecido de rituais de caça. 4) Animais selvagens distantes – não se encontram sob controle humano e são não comestíveis.” (1983, p. 184-185)

Essa categorização, embora desconsidere algumas sociedades em que animais de estimação sejam comidos em rituais específicos, pareceu-nos útil para entender algumas falas sobre benzimentos de animais. Levantamos a hipótese, a partir daí, que a fronteira entre animais e gentes, no mundo dos benzimentos implica apenas o rol dos animais domésticos porque não se benzem os animais selvagens; mas é prática amaldiçoa-los.

Sobre o fato de alimentar-se das carnes dos não humanos e domésticos, um exemplo que podemos citar é o cachorro que na sociedade ocidental é visto como um

animal doméstico. Ele está presente na metade dos lares brasileiros e sua carne não é vista como comestível; mas, no oriente existe todo um mercado voltado para a carne deste animal. Levando isso em conta, nossa pesquisa busca descobrir que tipos de animais são curados por essas benzedeadas e benzedores e se há muita demanda para este tipo de prática na região.

A localização geográfica implica outro aspecto central dessa pesquisa porque, com falamos anteriormente, os estudos sobre benzedeadas e benzedores no Brasil estão geralmente baseados na idéia de que o espaço cultural em que este fenômeno se desenvolve implica basicamente as culturas indígenas, africanas e luso-brasileiras. Na região em estudo, precisamos abordar a influência das culturas eslavas, uma vez que algumas das pessoas entrevistadas são de descendência eslava. Neste caso, trata-se de cinco benzedeadas com descendência polonesa. Uma delas é moradora da cidade de Irati, três, são da cidade de Rio Azul; e uma, do município de Mallet. Elas afirmam que aprenderam suas rezas com as gerações anteriores.

No seu início, Irati era um povoado que havia se formado em torno da “Estação Ferroviária e Telegráfica de Iraty”. Os primeiros moradores viviam de atividades agrícolas e da extração da erva-mate. O núcleo habitacional desenvolveu-se devido, entre outras coisas, ao transporte porque “[...] a ligação feita pelo trem entre Irati e os outros estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul agilizou o transporte e incrementou as relações comerciais” (TELEGINSKI, 2012, p. 25). A região também possuía uma grande reserva de madeira e de erva-mate. A ferrovia possibilitou a exploração destes recursos naturais e a instalação de serrarias. A partir de então, já se notava um certo crescimento populacional, principalmente, o que foi implementado por meio da fundação de colônias de imigrantes na primeira metade do século XX.

Segundo o IBGE de 2014, Irati conta com 59.339 moradores, com 80% destes morando na zona urbana e 20% na zona rural. É nesta Irati e região, em que algumas cidades foi aprovada a “lei das benzedeadas”, que encontraremos pessoas que são benzidos e que benzem. Eles e elas são as personagens dessa história.

No âmbito desta pesquisa, foi nos bairros de Irati que encontramos a maioria das casas, os ‘locais sagrados’ frequentados por animais humanos e não humanos. Ali, detectamos os objetos utilizados na realização dos ritos de cura, de alívio, de proteção e de eliminação do mal dos bichos. Nestes lugares ouvimos as palavras que estas pessoas sussurram, as fórmulas (quase sempre em voz baixa) que curam e as histórias de seu sucesso e de suas vidas.

Para melhor compreendê-las recorreremos à história oral, pois este recurso.

[...] possibilita a história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos [...] São histórias de movimentos sociais menosprezados; essa característica permitiu inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à histórias dos excluídos (FERREIRO; AMADO 2006, p. 14).

As palavras dos benzedores e benzedoras tornam-se, assim, documentos orais. Este tipo de fontes, atualmente são considerados como matérias tão importante quanto os documentos escritos, pois por meio deles conseguimos ter acesso a memórias dos indivíduos pesquisados; mas devemos levar em conta que o sujeito não revive o passado através das lembranças. Ele as reconstrói, as refaz, com seus valores no presente. Portanto, as fontes escritas e orais devem complementar uma à outra.

Alguns dos benzedores (as) que foram entrevistados, já são nossos (as) conhecidos (as), pois participaram de outra pesquisa, feita em 2014, para um trabalho de conclusão de curso. Quando entramos em contato novamente, eles (as) nos disseram que estavam dispostos (as) a ceder novas entrevistas. Dos (as) onze entrevistados (as), apenas cinco são procurados (as) regularmente para fazer benzimento em animais, os (as) demais praticam benzimentos servindo-se de objetos relacionados a animais, como, por exemplo, o benzimento com cera de abelha³ que é muito utilizado nesta região. A abelha, como veremos, é símbolo da limpeza, da purificação. (PASTORE, 2009, p.57) Além disso, utiliza-se o coxo dos porcos e ossos de animais, para estas práticas.

Moura (2011, p.342) nos diz que o princípio básico da benzeção é “a idéia de curar (mal físico ou espiritual) por meio da palavra, da oração, no qual o (a) benzedor (a) é um (a) intermediário (a) entre Deus, ou deuses, e aquele que se submete à cura”. Para Moura, este grau de intermediação entre forças sobrenaturais e os homens, faz com que as pessoas que benzem sejam tratadas com admiração, o que as ajuda na aceitação por parte da sociedade em que estão inseridas. Moura compreende que os benzedores ou benzedoras tornam “[...] palpável, visível, e concreto o que é impalpável, invisível e

³ Derramar cera – depois de aquecida em fogo, a cera é derramada na água de uma vasilha que fica sobre a cabeça da pessoa que será benzida. Este procedimento geralmente é feito para a “retirada” de sustos de crianças, mas também pode ser utilizada para descobrir o que está causando o mal na pessoa, pois a cera formará desenhos ao tocar na água e esses desenhos podem ser traduzidos pelos praticantes desta benzedura (BUGHAY, 2010, p.18)

obscuro, os agentes da benzeção traduzem para a linguagem popular a compreensão da doença” (MOURA, 2011, p. 354).

Além da palavra, elas estão imersas em um universo de práticas médico-religiosas bastante complexas, mas pode-se dizer que entre praticantes da benzeção, nem sempre há uma troca de experiências. Muitas vezes, como pudemos perceber durante a pesquisa, eles mal se conhecem. “Não, não. Só eu e Deus” (Maria Iolanda, 2014) respondeu Maria Iolanda à pergunta que lhe fiz, se tinha contato com outros (as) benzedores (ras). Esta mulher, nascida em 1949 e hoje, moradora do no bairro Rio Bonito (Irati), disse que já benze, desde o ano de 1994 e que sempre trabalhou apenas com a ajuda de Deus e dos santos.

Outros, (as) entretanto, são parceiros (as). Rosa Bueno Silva indicou sua amiga Inês Kamiski, quando lhe perguntamos sobre a presença de outras benzedoras em Irati. As duas moram próximas uma da outra e, segundo Rosa, existe entre elas uma troca de conhecimentos: “Às vezes, uma ensina à outra como é que é para fazer, né?” (Rosa Bueno, 2014). Ela comentou ainda que quando chega alguém precisando de uma reza que desconhece, ou se um paciente precisa que lhe derramem cera repassa a atividade para Inês. Rosa, nasceu em 1969 e mora no bairro Vila São Pedro (Irati). Benze, desde 1985, o que somaria hoje trinta e quatro anos de experiência. Esta benzedora é muito amiga da minha mãe. Elas se conhecem desde 1998 e devido a isso há entre elas uma antiga amizade. Quando eu e meu irmão nos machucávamos, ela sempre nos levava até a casa dessa benzedora. Uma das suas especialidades pela qual é conhecida consiste em costurar machucaduras.⁴ Ainda lembro-me de quando pequeno, por volta de sete ou oito anos, de ir até a casa dela e vê-la costurando um pano enquanto rezava e curava um braço, uma perna, ou qualquer outra parte do corpo que estava machucado. Entre os outros benzimentos que ela prática está o cobreiro⁵ e também faz receitas de garrafada.⁶

⁴ De acordo com Vania Vaz (2006, p. 133), “esse ritual é muito comum em toda a cidade de Irati. É usado para ‘costurar’ machucados de pessoas, que, muitas vezes não estão relacionados a fraturas ou a distensões musculares. Os clientes alegam que machucaram a ‘carne’ e que só esse benzimento resolve. Para realizá-lo, as benzedoras geralmente utilizam um pequeno pedaço de pano, que simboliza a parte do corpo machucada, fio e agulha, que representam a ‘costura’”.

⁵ Cobreiro é um tipo de infecção da pele, uma alergia (BUGHAY, 2010, p.19).

⁶ Garrafada consiste em colocar ervas maceradas, raízes ou pedaços de cascas de plantas em garrafas (em geral de vinho branco licoroso) para que fique descansando por certo tempo e depois seja ingerida pelo doente para a cura de determinados males (AZEVEDO, 2015, p.76).

O cobreiro deriva de cobra. Pastore (2009, p. 67) escreveu que “para os nativos americanos, este animal (cobra) está relacionada à proteção e cura – acreditava-se que sua pele deixava os humanos invisíveis e protegidos do perigo”.

Já a amiga mencionada, Inês Kamiski, nasceu em 1967 (hoje com cinquenta e dois anos) e é benzedeira desde o ano de 1987. Pode-se dizer que sua especialidade seja benzer utilizando a cera de abelha, mais um animal relacionado ao campo das benzeduras. Esta especialista da cera mora próximo da casa de Rosa e quando chegamos em sua residência, no dia que havíamos marcado a entrevista, estava com outras mulheres se preparando para uma leitura do terço. No momento em que chegamos ela apresentou-me dizendo que me conhecia desde muito pequeno e que, há alguns dias havia dado uma entrevista para me ajudar na faculdade; disse, então, que agora seria a vez de dona Inês. Depois disso, Inês me chamou para ir até a cozinha de sua casa, onde, segundo ela, estaria mais sossegada para a nossa entrevista. Explicou que o benzimento de derramar cera é muito utilizado na região de Irati e nas cidades vizinhas a ela tais com Rio Azul e Mallet.

Essa pratica é utilizada para a cura de sustos em crianças, mas também é utilizada em outros benzimentos. Funciona da seguinte maneira

[...] depois de aquecida em fogo, a cera é derramada na água de uma vasilha que fica sobre a cabeça da pessoa que será benzida. Este procedimento geralmente é feito para a “retirada” de sustos de crianças, mas também pode ser utilizada para descobrir o que está causando o mal na pessoa, pois a cera formará desenhos ao tocar na água e esses desenhos podem ser traduzidos pelos praticantes desta benzedura (BUGHAY, 2010, p.18).

Outra praticante de benzeção, Olga Bacil de Quadros, nascida em 1957, nos disse que benze há cerca de vinte anos, então, desde mais ou menos o final da década de 1990. Ela utiliza-se de um pequeno osso que é passado sobre o local a ser curado enquanto faz as suas rezas e pedidos. Segundo seu relato, aprendeu com uma benzedeira que frequentava em buscas de curas, até que um dia, aquela senhora perguntou se Olga não gostaria de aprender as rezas. Se quisesse, poderia dar continuidade aos trabalhos.

De acordo com a história de Olga, a mulher disse-lhe: “[...] se a senhora quiser venha aqui eu ensino a senhora. Daí passado um tempão assim, acho que um ano quase, eu fui lá. Daí ela perguntou: você veio fazer, aprender? Eu digo assim se for difícil não;

só se for meio fácil, né.”⁷ Primeiramente a benzedeira Olga tinha o interesse de aprender a curar esporão porque era um mal com que ela e seu marido sofriam.

[...] eu falei para ela ‘eu quero aprender só o de esporão’, porque esporão é uma coisa que médico não cura. Isso aí médico opera, mas daí volta de novo, né. Daí eu falei para ela, digo assim: ‘a senhora me ensinando só o de esporão já tá bom... né?’ Daí ela me ensinou de esporão, mas eu vim para casa e daí eu falei para ela: ‘e o ossinho?’ Porque é um ossinho que a gente passa, né? E eu digo: ‘e o ossinho? Como é que eu vou fazer?’ Daí, ela disse: ‘o ossinho que é meu, já tá benzido tudo preparadinho, vai ficar para a senhora’. Ela falou. E eu não sei se é da mãe dela ou da vó dela. Era o ossinho que ela usava. Daí eu vim para casa. Eu tinha um olho de peixe no meu dedo. Eu tinha um olho de peixe. Daí aqui (mostrou o local). Ela não me ensinou para olho de peixe. Daí eu rezava e passava aquele ossinho ali e desapareceu, sabe? Então, daí ela me falou para mim; ela disse assim: ‘a senhora vai aprender sozinha outras coisas dona Olga, não é preciso eu ensinar’. Como de fato, decerto é o poder da gente, né? Porque tem coisa que ela não me ensinou e eu faço. Daí assim, né? Faço e graças a Deus a pessoa sara (Olga Bacil, 2018).

Podemos compreender, por meio de seu relato, que ela buscava curar uma doença que, na sua forma de pensar, está fora do campo de cura da medicina alopática. Além de vermos que após aprender a curar o esporão e ganhar o osso a ser utilizado durante as benzeções, a benzedeira começou a testá-lo em outras doenças. Como obteve sucesso, ela começou a benzer outras pessoas que tinham o mesmo problema. De acordo com a própria benzedeira, se desconhece o significado daquele osso utilizado no ritual da benzeção. Diz que não sabe o que é necessário fazer para que alcance o poder de curar daquela maneira. “Só sei que ela usava esse ossinho e ela me ensinou com ele e com ele é que eu faço as minhas benzeções, né? Mas não sei, não sei o porquê do ossinho” (Olga Bacil, 2018).

De todas as benzedeadas entrevistadas, Olga pareceu-nos a mais exotérica, pois o uso de ossos é largamente associado à magia. Nas práticas do Vodou, por exemplo,

[...] o osso fúrcula [...] é utilizado para realização de desejos e obtenção de sonhos proféticos. [...] Ossos dos Dedos das mãos [...] Por uma relação de associação lógica, este Cúrio está associado à destreza, prestidigitação e quaisquer outras habilidades que envolvam habilidades manuais. Isso também se aplica aos jogos de azar. Como a nossa mão é o que usamos para receber pagamentos, este Cúrio é

⁷ Esporão é o crescimento anormal de um dos ossos do calcanhar, causando muita dor para a pessoa.

Fonte. <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/espouao-do-calcaneao/> acessado dia 02 de maio de 2019

usado dentro de Sacos Mojo para atrair ganhos de dinheiro e controlar finanças. [...] Osso da Clavícula [...]. Todo mundo sabe da ligação do Hoodoo com os ensinamentos de As Clavículas de Salomão. Muitas pessoas sabem também que a palavra clavícula quer dizer “chavinha”, ou pequena chave, em Latim.⁸

Outra parte dos corpos de animais muito utilizada nas curas e simpatias é o dente. Com base nos escritos do Frei Francisco Van der Poel, PASSARELLI (2014, s/p) referiu-se a uma odontologia popular, que chama de mística. Escreveu que

Os dentes sobretudo são os maiores merecedores de rezas e benzeções dirigidas à boca. Correm crenças, fazem simpatias. O próprio elemento dentário, creem, tem, energias protetoras místicas e é usado como amuleto. Sonhar com dente é indício frequente de mal (sic.) agouro. [...] Cascudo esclarece que os dentes “são amuletos possuidores de potência mágica defensiva contra o maléfico, mau-olhado, maus ares”.

Alguns usos desta parte do animal podem nos oferecer uma idéia da fluidez dos limites e fronteiras que separam os humanos dos não humanos Assim como no uso de rituais antropofágicos, em que a ingestão da carne do guerreiro sacrificado implicava a aquisição de suas virtudes, Passarelli testemunha que viu

Em Santa Cruz de Minas (em 1994) [...] um cordão que prendia medalhas de santos junto a um dente de anta. Usava-se para pôr ao pescoço durante as doenças debilitantes, que causam astenia, prostração, para dar forças, pois a anta (tapir) é um animal forte. É a presença da magia simpática.

Segundo o mesmo autor, ainda existem “[...] as enfiadas de dentes, vários exemplares trespassados em cordão compondo colares, rosários de dentes, como há os rosários de garras, com as mesmas funções. São as guias.” (PASSARELLI, 2014, s/p) Referindo-se à tradição umbandista e o uso destas guias, PEREIRA (2016, s/p) escreveu que

Os primeiros colares não eram confeccionados com miçangas coloridas e polidas como as guias de hoje, e alguns elementos eram bem diferentes. Crinas e unhas de animais, cabelos humanos, pedaços de ossos eram alguns dos componentes das vovós da guia. Ainda hoje, algumas guias são confeccionadas com dentes de animais, porém os maços de cabelo humano, estão dispensados.

Isso nos parece apontar na direção de que as fronteiras entre a câmara dos humanos e a dos não humanos era ainda mais fluída nas religiões ditas pagãs e em

⁸ <https://www.osortilegio.com/a-simbologia-de-alguns-curios-usados-no-hoodoo/>

épocas mais antigas; mas nem tudo é tão simples assim. Se pensarmos nas relíquias das pedras dara, que são partes da doutrina apologética católica, a questão se amplia bastante. Em 2008, numa reportagem sobre o tema, o jornalista erradicado no Paraná, escreveu que

[...] na Londrina atual, encontramos três entre as 72 paróquias da cidade que ainda têm a Pedra Dara com as relíquias de santos em seus altares. O problema é que ninguém sabe dizer o nome dos santos que têm um pedacinho de si em território londrinense. Na paróquia Nossa Senhora de Fátima, uma das mais antigas da cidade, que fica na Vila Casoni (Zona Leste), a pedra de mármore que deve guardar uma relíquia está lá, no centro do altar. Porém, o padre Mário Minuti, o responsável pelo templo, não sabe a identidade do santo. "Provavelmente deve ser o pedaço de um osso. Tenho a certeza de que há uma relíquia em nosso altar, mas não sei dizer de qual[...]" (SANTIN, 2008, s/p)

Podemos agora situar melhor a prática de benzeção em que se utiliza um osso de animal (talvez?) como objeto ritual. Na verdade, ela deixa de parecer a mais exotérica e sim como uma praticante de benzeduras muito inserida nos meandros do catolicismo e das religiões de matriz afro. Situada nas fronteiras entre o mundo dos humanos e dos não humanos, passando pelas bolas de crinas e cabelos, pelos ossos e dentes sem que seja revelado o corpo/carcaça do qual é tirado/a o osso, assim como o vigário da Paróquia nossa Senhora de Fátima, em Londrina, afirma desconhecer o esqueleto santo de onde veio a relíquia escondida no altar.

1.2 Ritos e palavras

O caso do pequeno osso que faz desaparecer olho de peixe e esporão implica a reflexão de que o mistério tem certa eficácia litúrgica. Um dos principais teólogos cristãos que desenvolveu o conceito teológico de mistério foi Odo Casel, no início do século XX.

A Teologia do Mistério caseliana foi amplamente usada e desenvolvida por outros autores após ele. Ainda que num sentido crítico às propostas caselianas, podemos citar o teólogo C. Vagaggini. Em sua obra mais paradigmática *O sentido teológico da liturgia*, escreve sobre o movimento econômico-salvífico e o lugar da liturgia nele. Ele coloca a centralidade da liturgia na vida cristã e destaca sete "leis" que regem a economia litúrgica: a da objetividade[...], a do movimento cristológico-trinitário[...], a do único liturgo e da única liturgia[...], a da assembleia [...], a da encarnação [...] e, por fim, a da

unitonalidade (todas as criaturas e todos os eventos históricos se encaminham para a manifestação do Reino de Deus).(FINELON, 2015, p. 58)

A idéia da unitonalidade será retomada adiante porque representa uma diluição da fronteira que separa/une a humanidade e a animalidade, uma vez que se retoma o medieval princípio teológico/doutrinário de que todas as criaturas se encaminham para a manifestação do “Reino de Deus”. Isso pode servir como base para idéia de que os animais não humanos também encontrarão a salvação. Thomas tratou dos fundamentos teológicos que fundamentam a separação humano/animal. Estas bases doutrinárias que estavam em voga na Inglaterra do século XVIII, quando os homens se consideravam como senhores absolutos dos animais, podem servir para confrontar práticas de cura animal e de animais que curam.

Se bem que os especialistas modernos localizassem relatos conflitantes incorporados na narrativa do Gênesis, os teólogos do período moderno, de modo geral, não viam dificuldades para chegar a uma síntese razoavelmente aceita. O Jardim do Éden, afirmavam, era um paraíso preparado para o homem, no qual Deus conferiu a Adão o domínio sobre todas as coisas vivas. [...]. Mas com o pecado e a Queda, a relação se modificou [...] o homem perdeu o direito de exercer um domínio fácil e incontestado sobre as outras espécies. [...] Então, após o dilúvio, Deus renovou a autoridade do homem sobre a criação animal. (THOMAS, 2010, pp. 21-22)

Tal síntese, no entanto, deixou um flanco consideravelmente aberto para os teólogos que quisessem defender a tese de que os animais não humanos também participariam da salvação em Cristo, pois, conforme a interpretação figurativa das Escrituras, Noé ao salvar a humanidade do dilúvio, prefigurou o próprio Salvador. Acontece que o “senhor da arca diluviana”, conforme a narrativa bíblica, salvou da extinção, todos os animais existentes na face da terra, tanto os domésticos e quanto os ferozes. Prefiguração, também chamada de significado alegórico, é um dos vários sentidos dos textos sagrados do cristianismo. Bosco (2019, s/p) divide tais sentidos em dois blocos: os literais e os espirituais. O primeiro bloco se divide em próprio e metafórico. O segundo, em alegórico, anagógico e moral.

Neste estudo interessam os metafóricos e os alegóricos por relacionar figuras humanas e animais. Alegoricamente, Jesus de Nazaré é um cordeiro, porque não emitiu som algum ao ser sacrificado. Popularmente se diz, cabrito bom não berra. Ora, alegórica ou prefigurativamente, as escrituras são divididas em duas partes: o antigo e o novo testamento. Algumas figuras que aparecem lá no antigo vão representar e

confirmar, como profecia, o que aparece no novo. Trata-se de uma técnica interpretativa baseada na visão teleológica da história. Parte-se do princípio de que “Deus, por meio de sua Providência, rege os fatos da História de modo a fazê-los simbolizar, prefigurar, um ou mais fatos futuros e de maior importância.” (BOSCO, 2019, s/p).

Convém considerar que o conjunto dos eventos históricos regidos pela Providência da divindade incluem acontecimentos (inclusive imaginários ou fundantes) envolvendo a história natural e, portanto, vegetais e animais. Então, aparecem as sarças ardentes, as serpentes fixadas em varas, os terneiros de ouro, as codornizes a serviço da mesa, as chuvas de rã, os asnos falantes, os ursos vingativos, as baleias missionárias, os leões pregadores, as pombas mensageiras todos a desmanterem as fronteiras entre animais humanos, vegetais e animais não humanos no âmbito da prefiguração.

Ainda conforme Bosco, o Cristo é prefigurado pelas personagens de Adão, Abel, Noé, Melquizedec, Isaac, Jacó, José, Moisés, Josué, Gedeão, Sansão, Davi, Salomão e Jonas. (2019, s/p) Mas também por animais, tais como o cordeiro, o leão e a serpente. Do mesmo modo, a virgem Maria é prefigurada por Eva e Sarah, mas também por uma leoa. Conforme DUFAUR (2018, s/p)

Sabeis que a leoa representa a Virgem Maria e o leãozinho a Cristo, que morreu pelos homens. Durante três dias jazeu na terra para conquistar nossas almas, segundo sua natureza humana, não segundo a divina. Igualmente obrou Jonas, que permaneceu dentro do peixe.

Estas figuras interpretativas dos textos sagrados diluem a fronteira entre animais humanos e não humanos e podem ser relacionadas à forma como as benzeções estão posicionadas frente a estas divisões.

A teologia do mistério também pode vincular-se a elementos tais como o osso porque, o mistério se apresenta como um elemento da eficácia do rito. Quando perguntamos à Olga se hoje em dia os seus serviços são muito procurados, ela respondeu que sim.

[...] Cinco horas, quatro horas da manhã, está cheio de gente aí. Vez passada eu estava doente, com gripe. Peguei um gripona, que quase que me matou. Minha pressão subiu muito e eu tinha que atender; e daí, vou fazer o que, né? Daí, mas vem gente de tudo quanto é parte. Nossa Senhora, como vem gente de longe (Olga Bacil, 2018)

Ela nos explicou que as pessoas começam a chegar tão cedo à sua casa, porque o benzimento é feito de forma intensiva, isto é, restrito ao período em que a lua está na

fase minguante. Olga declarou que não sabe justificar a prescrição de que o benzimento seja realizado apenas nesta fase lunar. Explicou o seguinte: “A mulher que fazia, né? Ela fazia só na minguante. Decerto é porque a minguante é a lua que mingua. Deve de ser. Eu não experimentei fazer fora de lua, porque ela me falou que tem que ser na minguante. Então eu estou fazendo na minguante” (Olga Bacil, 2018).

A benzedeira diz seguir uma tradição, a da mulher que a ensinou a benzer na fase da lua minguante. Ora, na tradição das antigas religiões, algumas cultivadas atualmente tais como a Wicca, a fase minguante da lua representa a etapa de envelhecimento e de morte de todos os seres vivos, vegetais, animais humanos e não humanos. Representaria, assim, o movimento inverso daquela discussão feita pelos teólogos a respeito da salvação de todas as criaturas. Conforme se lê no site Oldreligion, “[...] a Lua minguante representa o momento mais propício para trabalhos de cura e purificação, pois é nesse período que as forças cósmicas estão eliminando o velho, reciclando a natureza, é a morte para um futuro renascimento.” (OLDERELIGION, 2016, s/p)

É relevante notar que entre as onze benzedeadas e benzedores entrevistados para essa pesquisa Olga é a única que diz benzer em uma fase específica da Lua. Todas as outras explicam que benzem durante o mês todo, especificando apenas o horário de atendimento. Como ela não soube apontar o motivo, poderíamos classificá-la como uma benzedeira vinculada a alguma tradição diferente, talvez algo relacionado ao paganismo, o que representaria uma contradição nos termos. Tal hipótese não será descartada e mereceria uma investigação à parte. Consideraremos, no entanto, que há também uma antiga tradição cristã referente à esta fase lunar, que remete aos antigos padres da Igreja tais como Santo Ambrósio. Mas, também, alguns teólogos modernos tais como o alemão Karl Rahner, refere-se a este tema.

Segundo Capelletti (2009, p. 2) Rahner

[...] trata primeiramente da lua minguante como imagem de Cristo e da Igreja. De Cristo, porque o crescimento e o decréscimo da lua não são um defeito, mas, antes, algo estabelecido por Deus para regular o crescimento de sementes e plantas, como também a ocorrência de orvalhos e marés. Como escreve Ambrósio no Exameron (IV, 8, 32), “a lua decresce para preencher os elementos. Isso é um grande mistério. Quem lhe deu essa faculdade foi aquele que a todos doou a graça. A fim de que possa preencher aniquilou-a [exinanivit] aquele que aniquilou a si mesmo para descer até nós; desceu até nós para

levar-nos todos a subir: “Ascendeu para os céus”, diz a Escritura, “para preencher todas as coisas”. [...] Logo, a lua é mensageira do mistério de Cristo’ (SIMBOLI, p. 212).

Interessante notar que nesta produção teológica a respeito da lua minguante emerge a visão doutrinária de que todas as coisas são salvas pois trata-se do que teria acontecido quando a divindade ressuscitada, de alma e corpo, ascende aos céus. Daí, “todas as coisas” foram preenchidas, (salvas) incluindo animais humanos e não humanos. Capelletti (2009, p. 2) cita o *Exameron* de Santo Ambrósio

[...] “A Igreja tem suas fases: de perseguição e de paz. Parece sumir, como a lua, mas isso não acontece”. De fato, seu desaparecimento é, na realidade, uma diminuição de intensidade luminosa. “A lua tem uma diminuição de luz, não de corpo [...]. O disco lunar mantém-se íntegro”.

As benzeções visam diminuir, aliviar os males materiais ou espirituais que se manifestam, basicamente, nos corpos das criaturas. A ideia de benzer na fase minguante é de que na próxima fase, a lua nova, todo o mal desaparecerá, assim como a própria lua. Tal perspectiva está relacionada aos benzimentos que se faz para afugentar ou eliminar pragas e infestações de animais molestos ou pragas.

Podemos dizer que, na região aqui estudada, a busca da cura através da benzedeira ou benzedor faz parte do cotidiano de muitas pessoas independentemente do grupo social a que pertencem. Mas é preciso considerar que, conforme advertiu Nery (2006, p. 1)

Na cultura popular, corpo e espírito não se separam, tampouco desliga-se o homem do cosmos, ou a vida da religião. Para todos os males que atingem o corpo e a alma do homem sempre há uma reza para curar [...] acreditando ou não no poder da reza, tem sempre aqueles que procuram, nas rezas e nas benzeções, uma cura para sua doença ou um alívio para sua dor.

Nesta parte da dissertação, iremos nos basear, principalmente, nos relatos e experiência de vida da benzedeira Leoni Ferreira Gasparetto, de sua iniciação no trabalho como benzedeira e de algumas das práticas que executa.

Partimos do princípio de que o benzedor ou benzedeira é o “sujeito que cura por meio de orações, simpatias e remédios naturais em sua própria casa, sem cobrar por isso” (MOURA, 2011, p.344). Mas existem outras categorias de pessoas que exercem ofício de curar. Os curandeiros, também conforme Moura, são pessoas que se dizem dotadas de poderes sobrenaturais e que asseguram ter condições de lançar mão de

feitiços para solucionar problemas enfrentados por seus clientes. Para diferenciação, Moura (2011, p.345) acrescenta que os “benzedores são capazes de desfazer um feitiço, mas jamais de fazer um”.

É importante fazer estas distinções que também é estabelecida pelas (os) entrevistadas (os), embora, de forma não sistemática. Sansi (2008, p. 128) em estudo sobre feitiço e fetiche no atlântico moderno separa estes conceitos. Sobre o uso dessas expressões na língua portuguesa, escreveu que,

Os termos feitiço e feitiçaria aparecem no português medieval num contexto legal: o rei João I promulgou éditos contra a feitiçaria em 1385 e 1403 proibindo a seus súditos “obrar feitiços ou ligamentos, ou chamar diabos” [...]. A feitiçaria nasce, portanto, como um discurso de acusação. Pietz analisou a etimologia de “feitiço” em conexão ao Latim “factitius”, fictício, também na origem dos termos artifício e artificial; o feitiço é uma coisa feita (o oposto de uma coisa natural), uma coisa falsa, um engano; como sabemos, feitiço também tem o significado de enfeite, artifício de sedução (objeto que pode “obter a graça” dos outros).

Este antropólogo aponta três ambiguidades do termo feitiço: é tido como uma falsificação, mas que pode ter algo de verdadeiro; é sempre uma acusação, mas pode atingir o acusador; nele, as pessoas podem se tornar objetos e os objetos, pessoas. (SANSI, 2008, p. 128-129). Sob este ponto de vista e tomando como base definições da língua portuguesa, escreveu que:

Os feitiços, portanto, são eventos excepcionais, índices da intervenção de forças extraordinárias no mundo ordinário ou “natural”. A feitiçaria não seria, nesse sentido, uma religião secreta nem um culto organizado. Os atos de feitiçaria não seriam necessariamente objetos rituais; nem os objetos de feitiçaria seriam necessariamente objetos de culto. A religião do Diabo seria uma outra coisa: a idolatria, a adoração de falsos deuses. A feitiçaria não é idolatria, uma religião pagã, mas um fato comum da vida: ou melhor, um fato extraordinário da vida, que pode vir de qualquer direção, em qualquer momento. Assim, a feitiçaria seria um fato universal, não culturalmente específico. (SANSI, 2008, p. 130)

A idéia de que seria possível demonstrar a ocorrência de práticas de feitiço em qualquer lugar onde coabitam seres humanos será tomada, nesta pesquisa, como uma chamada de atenção para a plasticidade que o conceito atingiu no âmbito da língua portuguesa. A pergunta a respeito das nuances históricas desta prática leva-nos a outras ponderações, pois em se tratando de religiosidade considerada como pagã, podem superar a dualidade entre o animal humano e o não humano. SANSI escreveu que os

discursos sobre estes temas estão vinculados às etnias envolvidas (no sentido de povos) e a projetos específicos de colonização.

Um dado primeiro a considerar consiste em que “[...] os rituais e objetos que encontramos nos documentos de acusações de feitiçaria revelam práticas e cosmologias essencialmente africanas, e que eram usadas por escravos como formas de resistência cultural e cuidado espiritual.” (SANSI, 2008, p. 131). Assim o saber sobre a feitiçaria ultrapassa a fronteira entre as classes quando tratamos do termo mandinga. A expressão feitiço foi adotada em solo africano em situação de contato e por isso os portugueses também tomaram a palavra mandinga como mais ou menos equivalentes. O discurso sobre a feitiçaria e a mandinga

[...] mostra a extrema violência e injustiça do mundo colonial; mas essa violência não se reduz a uma contradição escravo/dono, branco/preto, ela era muito mais ampla: da perseguição religiosa contra Judeus e Muçulmanos ao conflito de classes entre fidalgos e povo, reinóis e brasileiros, homens e mulheres, incluindo até conflitos entre escravos de diferentes origens, escravos e libertos etc. O discurso da mandinga e da feitiçaria é um discurso sobre o poder cotidiano e a violência de todos contra todos, um discurso que o tráfico atlântico de escravos intensificou, sem dúvida, mas que já existia, e que continuou depois do fim do tráfico. (SANSI, 2008, p. 136)

É no sentido de que o feitiço está de alguma forma associado ao mal, seja em relação aos fins, seja em relação aos meios, que se considera uma prática diversa da benzeção. Então pode-se dizer que as benzedeadas podem desfazer um feitiço e continuarem a ser benzedeadas; mas se fizerem um feitiço, tornam-se feiteceiras. Estamos usando a terminologia no feminino por ser comum e geral ocorrer a prevalência das mulheres atuando neste ofício. Também se pode falar de arquétipo sobre a mulher curadora, que possui naturalmente o dom da cura, e passa a ser entendida como especializada nos cuidados físicos, sexuais e outros. (AZEVEDO, 2015; OLIVEIRA, KAVILHUKA, 2014).

A partir dessa classificação podemos dizer que Leoni (como todas (os) as (os) demais entrevistadas (os) para esta pesquisa) é reconhecida como benzedeadas, pois suas práticas giram em torno de orações e simpatias para a cura de doenças. Além disso, ela utiliza sua própria casa para fazer os atendimentos e não cobra nada por seus serviços. Leoni, nasceu em nasceu em 1939 e diz ter começado com estas atividades de cura por volta de vinte e dois anos de idade. Atua, portanto desde o ano de 1959. São sessenta anos de experiências. Ela é moradora do bairro Rio Bonito e seus préstimos são

reconhecidos por vários moradores da cidade além de outras regiões. Afirma que sua iniciação se deu através da prática de “costurar machucadura” e que isso aprendeu com outra benzedeira que morava na cidade de Ponta Grossa.

A benzedeira Leoni já é bem conhecida, nossa; participou com entrevista para a pesquisa que realizei em 2014 e também é conhecida por toda a minha família. Devido ao fato de sua casa se encontrar muito próxima à casa da minha avó, ela me conhece desde criança. Lembro-me de quando minha avó me levava e meus primos para sermos benzidos ali. . Ela sempre levou seus netos quando esses apresentavam alguma doença, crendo que apenas as benzedeiros poderiam cura-los. Lembro-me, também, de que algumas vezes estando na casa de vovó brincando com meus primos, devíamos ter uns oito anos na época, e mesmo sem ter qualquer mal para ser benzido íamos na casa da Leoni pelo simples fato de que gostávamos de estar na sua presença. Era, para nós, um mundo mágico e algumas vezes ganhávamos um doce ou um pirulito.⁹ Nenhum de nós, apesar dessa proximidade e admiração, foi iniciado no mundo das curas pela benzedeira.

A respeito do processo de iniciação, Quintana (1999) diz existirem dois tipos: o imitativo e o de experiência mística. O primeiro se caracteriza pela aprendizagem baseada por intermédio da imitação de um outro benzedor. Isso pode ocorrer, às vezes, em um ambiente familiar, quando ainda se é criança ou muito jovem. Já no segundo caso, a aprendizagem ocorre pela transmissão de uma entidade espiritual, que pode ser considerada como um anjo ou um guia.

Leoni nos relatou que aprendeu a benzer porque necessitava tratar as doenças e machucaduras de seus próprios filhos. “Sabe como é”, diz ela, “criança se machuca muito”. Conforme pesquisa já realizada nesta região, a prática de costurar machucadura é muito comum entre os benzedores aqui existentes.

[...] os clientes alegam que machucam a “carne” e que só esse benzimento resolve. Para realiza-lo, as benzedeiros geralmente utilizam um pequeno pedaço de pano, que simboliza a parte do corpo machucada, fio e agulha, que representam a costura” (VAZ, 2006, p. 133).

⁹ Por conta dessa ligação especial com essa benzedeira, durante a graduação quando chegou o momento de escolher um tema para o trabalho de conclusão de curso e percebi que poderia pesquisar essas mulheres especiais, decidi seguir por esse caminho. Para essa pesquisa precisamos salientar que utilizamos muito das suas falas durante a entrevista de 2014, por conta que um dos filhos da benzedeira Leoni se encontra muito doente, tendo que ser internado muitas vezes em Curitiba e durante esse tempo ela não está conseguindo atender com tanta frequência como costumava atender.

Podemos observar que os utensílios usados para a costura do machucado são associados à objetos que representam a extensão do corpo humano. Assim, o pano simboliza a parte ferida do corpo. Como o pedaço de tecido é costurado, implica que a carne (coincidentalmente chamada de tecido na biologia/anatomia) é remendada, concertada, refeita, desaparecendo a parte rompida. A coisa é costurada enquanto a benzedeira faz suas orações e seus pedidos. De certa forma, há algo de semelhante ao feitiço em termos ritualísticos, porque é como se parte da pessoa ferida se tornasse objeto e o objeto, se convertesse em parte da pessoa ferida ou machucada. (SANSI, 2008, p. 128-129). Na teologia cristã, especificamente a católica, o pão se transforma em carne e o vinho em sangue da divindade, mas a relação é diferente porque vincula objeto e o Deus cristão, mas nunca a relação objeto e o fiel participante do rito.

A prática da costura das machucaduras ou quebras, também segue um procedimento ritualístico, que inclui, além dos objetos em questão, uma postura específica e uma série de perguntas e respostas efetuadas entre benzedeira (or) e paciente, repetidas por um número de vezes específicos (às vezes sete, ou então nove vezes). Geralmente, o ritual finaliza com um Pai Nosso e uma Ave Maria. (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2015, p. 132).

Deduzimos da fala de Leoni: ela aprendeu esses movimentos rituais, as fórmulas e as orações apropriadas com a ajuda de outra benzedeira. Trata-se de uma das maneiras de se iniciar nesse mundo da cura, mas, como adverte ela mesma, não é qualquer pessoa que consegue aprender e que alcança progredir e se dar bem em tal ofício. Nem é qualquer interessado (a) que assimila e que tem sucesso na arte de benzer, mas também

Não é para qualquer um [...], que você pode passar, porque já veio gente aqui. “Você me ensina?”. Eu posso até te ensinar, mas se você não tiver vocação para isso... Resolve? Não resolve. Porque você fazer uma coisa a esmo, sem saber o que está fazendo, não adianta nada. E gente que vem aqui, que pede para mim, “você me ensina?”. Posso até te ensinar, mas você tem que ter o dom. Quem não tem esse direito que é adquirido por Deus, não adianta. E tem outra coisa: a pessoa que se submete a isso tem que ter respeito, tem que ter uma cultura, tem que ter fé. Muita fé e ser aquela pessoa de respeito. Porque isso exige muito da pessoa, exige muito, muito. Acaba tudo, você tem que se desligar das coisas, porque se não, não adianta nada (Leoni Ferreira, 2014).

A transmissão do saber está vinculada ao dom. Segundo Oliveira (1985, p. 40), a questão do dom é algo relacional para o benzedor ou benzedeira, pois não basta que perceba sua manifestação, mas, fundamentalmente, que os parentes, os vizinhos, enfim

a comunidade reconheça a posse do carisma. Esse processo, segundo a autora, é marcado por alguns passos:

Primeiro, como já disse, quando ela [a benzedeira] percebe o seu dom. Segundo, quando ela começa a acreditar na sua capacidade de curar, reconhecendo-se preparada para tanto, ou seja, quando ela começa a produzir benzeções às pessoas da sua esfera familiar, às pessoas das suas relações consanguíneas, como aos filhos, irmãos e sobrinhos [...]. Terceiro, quando ela estende a sua prática de benzeção aos vizinhos, amigos e familiares que moram na sua comunidade [...]. Quarto, quando ela começa a ficar mais conhecida, sendo procurada por pessoas de fora da comunidade (OLIVEIRA, 1985, p. 40-41).

Leoni falou que gosta muito dos rituais de cura. Disse: “[...] adoro, faço com carinho, com amor porque eu estou me dedicando a Deus. Tudo o que é feito com Deus é feito com amor” (Leoni Ferreira, 2014). Sua devoção pode ser deduzida das palavras que utiliza, pois a todo momento enfatiza ser apenas uma transmissora, uma mediadora; para ela, quem cura mesmo são seus santos e Deus¹⁰.

Quanto ao número de pessoas que buscam seus benzimentos, respondeu:

[...] nossa! Você não imagina. É fora, é fora do normal. Esses dias eu atendi oitenta e poucas pessoas. Até cento e vinte eu já cheguei a atender em um dia. Já aconteceu, graças a Deus né? Que é por Deus... isso daí né? E Ele me dá força. Porque é Ele que me dá força. Porque tem dia que você está “baquiado”. Porque a gente tem os problemas da gente, tem família, tem casa, tem tudo; mas Deus te dá força (Leoni Ferreira, 2014).

Disse-nos que o motivo pelo qual muita gente busca seus serviços, sua ajuda, suas rezas, reside na fé que anima as pessoas. Porém, a benzedeira também enfatizou que de acordo com sua experiência, apenas as pessoas que sabem benzer teriam condições de curar determinadas doenças. Em um determinado momento da entrevista disse: “Que nem uma machucadura, um sapinho, um cobreiro, jamais um médico cura isso. Eles entendem o corpo humano diferente; não como nós entendemos” (Leoni Ferreira, 2014).

¹⁰ Com uma longa experiência no campo destas curas, diz ter sido procurada por vários pesquisadores que a entrevistam. Narra que uma das pessoas que a procurou lançaria um livro e que seu nome estaria nele. Durante a entrevista que dirigimos a ela, pudemos perceber sua experiência de gente entrevistada, pois nem se mostrou incomodada ou nervosa frente ao gravador. Enfatizou que poderíamos voltar lá, quantas vezes fossem necessárias.

1.3 O corpo e a cura

Quando a benzedeira argumenta que o entendimento que elas têm do corpo humano é diferente do modo pelo qual os médicos o compreendem está falando daquilo que Foucault chamou de prosa do mundo. Para o autor,

Até o final do século XVI, a semelhança desempenhou um papel construtor no saber da cultura ocidental. Foi ela que, em grande parte, conduziu a exegese e a interpretação dos textos: foi ela que organizou o jogo dos símbolos, permitiu o conhecimento das coisas visíveis e invisíveis, guiou a arte de representá-las. O mundo enrolava-se sobre si mesmo: a terras repetindo o céu, os rostos mirando-se nas estrelas e a erva envolvendo nas suas hastes os segredos que serviam aos homens. A pintura imitava o espaço. E a representação - fosse ela festa ou saber - se dava como repetição: teatro da vida ou espelho do mundo, tal como era o título de toda linguagem, sua maneira de anunciar-se e de formular seu direito de falar. (1992, p. 33)

Nesse direito de falar sobre coisas invisíveis como é a doença e de uma forma específica e autorizada pelo saber do grupo das (os) benzedeadas (oras) há uma operação executada de modo diferente que a ciência médica. No mundo das pessoas que benzem na linguagem usada por elas, o corpo pode ser semelhante ao pano; a palavra de quem benze pode ser análoga à do santo ou da divindade. É, como diz Foucault, o jogo das similitudes, a trama semântica das semelhanças pelos quais se constituíram vários saberes sobre o corpo.

No caso de doenças como o sapinho, o olho de peixe e o cobreiro, mencionados até agora, fica evidente que a forma da similitude é usada para gerar tal saber, a começar pelo nome que se dá à enfermidade. Trata-se da analogia.

O sapinho, ou a candidíase que afeta a boca das crianças e que seria curada com uma chave de sacrário, foi alvo da atenção de literatos e folclorista. Passarelli (2014, s/p.) escreveu que existe a convicção

[...] vigente, que a genialidade de Mário de Andrade soube aproveitar em sua rapsódia, onde também incluiu outra passagem inerente ao folclore da odontologia: Macunaíma gemia com as dores incômodas causadas pelo “sapinho” (candidíase), que afetara-lhe a boca após envolver-se com três prostitutas. Curou-se porque seu irmão Maanape roubou a chave do sacrário e entregou-lhe para que a chupasse. [...] Câmara Cascudo esclareceu sobre o uso da chave do sacrário nos rituais do catimbó. [...]. Em São João Del-Rei o uso da chave do sacrário goza de grande prestígio, quando se consegue um sacristão amigo que a empresta por umas horas para compor rituais populares

para abrir caminho, fechar o corpo contra malefícios, curar sapinho passando-a em cruz sobre a boca.

A analogia é evidenciada nestes rituais, pois se a chave abre uma porta pode desobstruir caminhos e se a cerra, pode fechar o corpo. Se a doença entrou pelo contato com o pecado da luxúria, é possível que saia pelo contato com o que abre as portas para o sagrado. Passarelli escreveu que

As lesões causadas por fungos chamadas [...] vulgarmente "sapinho", merecem atenção dos benzedores. Causam incômodos principalmente em crianças e na esperança de melhoras recorrem às benzeções. Em Passos/MG (jul./1997) "Jesus Cristo quando veio de Roma, o quê que trouxe de lá? Trouxe água da fonte e ramo do monte, que há de curar deste mal de sapinho." (2014, s/p)

Acredita-se que, tal doença acomete as crianças por conta de alguma sujeira que tenha levado à boca. Então, utiliza-se a água para a cura; mas as analogias não terminam aí. Benze-se com um ramo verde que é posto a secar em um lugar protegido. A idéia é que a infecção seque da mesma forma que o ramo.

Na perspectiva da interpretação simbólica, o batráquio tem uma variedade de sentidos. “Na cultura europeia, o sapo é um símbolo relacionado às bruxas e, por isso, sugestivo de morte, possivelmente devido às substâncias tóxicas de algumas espécies.” (PASTORE, 2009, p.68) Neste caso trata-se da Inglaterra; mas de uma forma geral, da visão cristã. Martins (s/d, s/p) afirma que

Na religião cristã, os anfíbios são citados de forma negativa: uma das pragas do Egito foi um exército de sapos que varreu as terras. [...] No Novo Testamento, demônios com forma de rã saltam da boca do Dragão, da Besta e do Falso Profeta. Segundo a Bíblia, quando o faraó recusou a saída do povo de Israel do Egito, Moisés foi enviado com a ameaça de o rio transbordar sobre eles e, considerando as rãs seres imundos, elas iriam poluir todo o seu palácio e iriam mesmo andar sobre ele, sobre os seus cortesãos e subordinados.

Deve vir daí a associação que se faz entre o sapinho (candidíase) e a sujeira. Tais comparações, no entanto, passam por modificações. Em se tratando das profecias, das magias e das curas a fronteira entre o animal humano e o não humano tornou-se mais fluida, especialmente, na idade média na Europa. Neste período da história eram comuns os relatos de que

[...] as bruxas coabitavam com anfíbios e vestiam-nos, chegando mesmo a serem citados em julgamentos como familiares das bruxas. Houve muitos relatos de rãs ou sapos que emergiam da boca de uma

mulher, um evento que poderia ser entendido como prova de feitiçaria.
(MARTINS, s/d, s/p)

Essa forma de similitude tem um ponto privilegiado: o ser humano. Muitas analogias são feitas relacionando

[...] o animal humano com a terra em que habita: sua carne é uma gleba, seus ossos, rochedos, suas veias, grandes rios; sua bexiga é o mar e seus sete membros principais, os sete metais que se escondem no fundo das minas. O corpo do homem é sempre a metade possível de um atlas universal. (FOUCAULT, 1992, p. 38)

Na visão de mundo que abrange as benzeções, a pele do doente seria comparada à superfície da terra onde vivem animais como os sapos e as cobras e outras espécies de animais ditos infectos. Assim, podemos compreender a fala de Leoni de que os médicos “[...] entendem o corpo humano diferente”. Na perspectiva adotada pelas (os) benzedoras (oras) o corpo humano é compreendido como esta “metade possível” do mundo. Então, compreende-se a junção entre humanidade e animalidade.

Além dessa antiga ordem do saber baseada na semelhança, que se diferencia da linguagem médica, há outra configuração que permite conceber as doenças quanto à causa. Ainda tendo o sapinho como exemplo, na perspectiva da “ciência de Hipócrates”, trata-se de um fungo existente no corpo humano e que se manifesta quando ocorre queda imunológica nas pessoas, principalmente, nas crianças. Dessa forma, a causa do mal insere-se no âmbito biológico, no campo do que pode ser demonstrado por evidências sensoriais. Interessante destacar essa ideia porque as benzedoras de origem polonesa vão nos informar que a candidíase de crianças tem o nome de um cogumelo (fungo) na língua oficial da Polônia. Mas disso trataremos no terceiro capítulo.

Dizíamos que, na perspectiva da ciência médica, o corpo humano pode ser visto como espaço habitado outros viventes que, na imensa maioria, são visualizadas apenas por meio de instrumentos tecnológicos tais como os microscópios. As causas das doenças podem ser biológicas ou psicológicas, mas sempre restritas ao mundo físico. Em contrapartida, na visão adotada por Leoni, as doenças derivam de duas causas específicas: a natural e a sobrenatural, sendo que a primeira acessível ao diagnóstico médico que poderá saná-la com base no que vê e percebe. Quanto ao segundo caso, explica a entrevistada, faz-se imprescindível a intervenção de alguém que benza porque a ciência médica não reconhece essa ordem de coisas. Ocorre que a mesma candidíase/sapinho pode ser curada por tratamento medicamentoso; há casos, todavia,

em que apesar da intervenção médica a doença persiste. Daí, caso ocorra uma intervenção eficaz da benzedura esta é frequentemente usada para evidenciar a tese de que a causa da moléstia era sobrenatural. Sobre este tema recorreremos a algumas reflexões já publicadas.

Cunha (2012, p. 2) escreveu sobre “perturbações-enfermidades-problemas” apresentando uma espécie de distinção entre as doenças tratadas por médicos e as cuidadas por benzedoras (oras). A esse respeito, ela diz:

As benzedoras alegam que existem “doenças de médico” e “doença de benzedora”. Essas doenças das quais se ocupam são mais do que conjuntos de sintomas e de sinais físicos. Elas se caracterizam por possuírem uma série de significados simbólicos – psicológicos, sociais e morais – para os membros de grupos sociais específicos. As doenças curadas pelas benzedoras se configuram como perturbações que afligem não apenas o corpo, a esfera física, mas estão relacionadas a questões sociais, psicológicas e/ou espirituais que afetam a vida cotidiana como um todo

Podemos dizer, a partir da fala de Leoni, que se estabelece uma conexão com a esfera espiritual por meio da ideia de que tais males seriam resultantes de algum tipo de desequilíbrio. O praticante da benzeção, como portador de um poder especial, é considerado como agente, como alguém capaz de controlar e manipular forças eficientes, tendo em vista o bem-estar da pessoa que busca sua ajuda.

A demanda, no entanto, pode trazer a quem benze alguns transtornos e provocar muito cansaço, pois é uma atividade que consome bastante energia física. Leoni reforçou tal ideia dizendo que antes de se aposentar, quando chegava do serviço, já havia uma grande quantidade de gente esperando-a para ser atendida. Atualmente, disse ela, há dias em que não pode fazer outra coisa que atender seus clientes.

Eu fico sem comer, sem beber, eu fico as vezes, quatro, cinco horas aqui fechada, sem tomar um gole de água. Fico em jejum. Já fiquei, desde as sete da manhã até meio dia sem comer e sem tomar água, porque tinha muita gente. Gente precisando de mim. Então, me dedico ali; fico ali e não sinto fome; não sinto vontade de comer nada. Já brigaram comigo por causa disso, de eu ficar sem me alimentar. Que meus filhos me cobram né? “De onde já se viu, a mãe ficar sem comer”. Se preocupam e ficam brabos comigo. Eles não gostam que eu passe do horário de comer, mas as vezes é preciso. Às vezes eu estou descendo, meio dia para almoçar. Chega uma pessoa doente ou com alguma dor. Aí eu tenho que largar de tudo e vir aqui. Já deixei meu prato pronto de comida e vim aqui, porque é uma missão que eu tenho. Como é que vou dizer eu não faço. É o que eu sei... Eu vou fazer... Não posso dizer que não para ninguém (Leoni Ferreira, 2014).

A benzedeira considera que se trata de um trabalho muito gratificante: “Adoro; faço com carinho, com amor porque eu estou me dedicando a Deus. Tudo o que é feito com Deus é feito com amor” (Leoni Ferreira, 2014). Por estes e outros motivos o espaço de atendimento de seus pacientes se torna diferenciado.

Para estes praticantes da benzeção, o ambiente em que as pessoas necessitadas são recebidas para atendimento é concebido como um lugar bendito, isto é, “santo”. Representaria, assim, um lugar especial em que se sentem mais próximos do sagrado e de suas divindades. Durante a pesquisa percebemos que a escolha de local desta ordem pode variar de benzedor (eira) para benzedor (eira). Pode ser um cantinho da sala com um sofá confortável; talvez um quarto de visitas pouco usado; quem sabe, a cozinha da casa ou até mesmo um local construído, separadamente, com o fim exclusivo de se praticar a benzeção.

Vamos considerar estes espaços a partir da ideia de que os significados que lhes são atribuídos se configuram e reconfiguram a partir de práticas sociais (BRAZ; OLIVEIRA, 2013, p. 45). Argumenta que esta operação de construção de práticas sociais acontece a partir de uma série de ações que

[...] colocam em relação o masculino e o feminino, a casa e a rua, o privado e o público, o local e o global, o jovem e o velho, nós e os outros, sagrado e profano, tempo e espaço, cotidiano e extraordinário, lazer e trabalho, e, também, sociabilidade (MENEZES, 2009 apud FANTINEL, 2012, p. 45).

Para o entendimento desses aspectos do espaço sagrado, recorreremos às considerações feitas por Eliade, para quem tal dimensão da espacialidade se opõe à profana. E este processo de “sacralização” acontece quando há alguma manifestação, alguma hierofania, constituída por objetos do nosso mundo, tal como uma árvore ou uma pedra, mas que representam algo situado além do mundo material. Para tais pessoas, esses objetos têm um tipo de significado que os reveste de um caráter distinto das coisas materiais, que os transforma em algo sagrado. Eliade (1992, p. 13) explicitou tal dinâmica argumentando que:

[...] não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada, não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque ‘revelam’ algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado.

Azevedo e Azevedo (2014), desenvolveram um estudo sobre “aplicabilidade” da teoria deste pesquisador das religiões, no caso Eliade, em relação ao desenvolvimento do universo das benzedeadas e benzedores. Pretenderam entender melhor essa prática milenar e como se constitui a figura destas pessoas. No que se refere às hierofanias, estes autores argumentam que a construção do sagrado é “justamente como se vê um fenômeno natural”. Ou seja, o sagrado consiste em um objeto/acontecimento que se encontra no mundo natural e não no sobrenatural. Todavia, este algo do “mundo natural”, do “mundo biológico e físico”, é percebido de maneira diferente. (AZEVEDO; AZEVEDO, 2014, p. 60).

Tal significação indica, para nosso estudo, uma mudança de sentido. Assim, nas “costurações” de carnes rasgadas, o pano é corpo e o corpo é pano. A agulha e a linha são meios de cura e a imitação pode resolver aquilo que a tecnologia despreza, pois, no mundo restritamente científico as luxações das fibras musculares são aliviadas e curadas apenas por meio das aplicações de anestésicos, antiinflamatórios ou antibióticos. Para as pessoas que benzem, o benzimento pode “costurar a carne” restaurar o tecido assim como se faz com uma roupa.

O lugar em que acontece o ritual do benzimento também é revestido de sentido especial. Na maior parte dos casos, a prática de benzeção acontece dentro da casa dos (as) benzedores (as). Hoffmann-Horochovski, (2012, p. 131) argumenta que “o caráter sagrado do benzimento é geralmente anunciado no próprio espaço físico”. Leoni, disse que o local utilizado para o atendimento de seus pacientes foi construído para ser utilizado exclusivamente com as benzeções. É lugar separado da casa em que mora pois, segundo argumenta, estas atividades não devem ser realizadas no interior da moradia. A razão, apresentada por ela consiste em que, que algumas pessoas são portadoras de “maus fluidos”, energias pesadas que podem contaminar as casas em que são atendidas:

Porque tem pessoas que às vezes, tem mau fluído e dentro de casa aí fica na casa. E aqui já está preparado, com proteção do Divino Espírito Santo para não acontecer nada. Porque eu vou fazer as coisas em casa, fica as vezes, uma pessoa que chega aqui mal-intencionados... porque vem. Você não pense que não vem. Porque tem gente que vem aqui para explorar, vem gente com segundas intenções e isso não presta, dentro de casa. Mistura com a família e isso não pode, tem que ter o lugar certo (Leoni Ferreira, 2014).

Azevedo e Azevedo, (2014, p. 61), afirmam que “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo”, e em relação às benzedeadas, os autores

argumentam que a perspectiva do sagrado estaria relacionada com a saúde, a felicidade, o bem-estar, a alegria e a realização. Já o profano teria ligação com as doenças, o sofrimento, a dor, a traição, a reprovação e o acidente. Assim, podemos entender a preocupação da benzedeira Leoni com os “maus fluidos”, que denotam o significado de profano, descrito acima. Para ela, ter um local separado, e principalmente, um “local já preparado e com a proteção do Divino Espírito Santo” (Leoni Ferreira, 2014). é fundamental para defender sua família desses “maus fluidos”. Neste local, Leoni poderá “manipular o profano, a força negativa do mundo presente do cliente” (AZEVEDO; AZEVEDO, 2014, p. 62) sem temer que tais forças contaminem a casa e a prejudique mais tarde. Diz ela que se trata de um trabalho muito procurado e oferecido gratuitamente.

Em relação ao pagamento em dinheiro para a realização dos benzimentos Leoni disse não cobrar por seus atendimentos. Entretanto, muitos de seus pacientes doam alguma espécie de presente em forma de gratidão. Explica que não cobrar pelo serviço é umas das “regras” que as pessoas que benzem devem seguir.

Isso é lei de Deus; é uma lei de Deus. Deus nunca cobrou nada para fazer as caridades e nem os apóstolos. Então a pessoa que cobra, não tem valor. A gente faz com o maior carinho e se dedica com o maior carinho e tudo o que eu faço não tem preço. E não pode ter (Leoni Ferreira, 2014).

Os agradecimentos mais comuns se dão em forma de bens como cera de abelha, imagens de santos e velas. Para comprovar, ela nos mostrou vários objetos que lhe foram doados ao longo do tempo. Cada peça tem uma história:

[...] esse Cristo... esse foi uma graça recebida por um rapaz, também. Ele tinha pegado bugreiro¹¹ e o bugreiro, médico não cura, injeção não cura. Nada cura. Só cura com benzimento e daí ele estava cheio. Esse moço, um rico lá da cidade. [...] Fiz oração, ensinei os remédios para ele fazer e se defender daquilo. Porque cobreiro e bugreiro são quase a mesma coisa. Se não cortar, não curar, médico não cura. E daí quando foi a última cura dele, que ele estava bom. Ele veio com essa imagem para mim também. Quando ele desceu do carro com esse Cristo, eu falei – ‘ai meu Deus, não é possível, não é possível que Deus é tão poderoso’. Tem o Sagrado Coração de Jesus, Sagrado Coração de Maria, as três pessoas da Santíssima Trindade. O mais de tudo, que tudo mundo se encanta aqui é com os três anjos que eu tenho, São Miguel, São Rafael e São Gabriel. (...) essas três imagens vieram de Curitiba para mim (Leoni Ferreira, 2014).

¹¹ Alergia ocasionada pelo contato com a árvore chamada Bugreiro

Podemos perceber que o sentimento de agradecimento é algo que a toca em especial, não apenas os objetos recebidos em troca de uma cura feita, mas palavras singelas como um obrigado ou um bom dia. Como nos relatou, nos dias mais movimentados fica o tempo todo benzendo as pessoas que a procuram; mas entre as criaturas boas que chegam lá, ela também percebe que às vezes chegam pessoas “mau encaradas”

Porque tem dia que não é fácil. Tem dia que tudo bem, que chega as pessoas aqui que você atende, você conversa, você fala; e tem dia que chega pessoas com uma revolta, uma coisa assim, uma maldade que Deus o livre. A gente enfrenta barra pesada, não é só benzer, não, não, tem pessoas humanas que você gosta de fazer, que você faz com carinho, você faz com amor. E tem outras que não dizem nem bom dia e boa tarde, nem me agradecem um deus que te ajude ou um muito obrigado. Açam que a gente tem direito e aquela obrigação de fazer; não dão a mínima (Leoni Ferreira, 2014).

Leoni diz que aprendeu o que faz porque tem o dom, que aprendeu as fórmulas com outra benzedeira o que nos introduz no mundo da oralidade.

No próximo capítulo discutiremos como a metodologia da História Oral nos ajudou e permitiu a ter acesso a história de vida destas benzedeadas e benzedores. Outro ponto também tratado no capítulo dois é a fronteira tênue que separa animais humanos e não humanos para estes praticantes e como a cura para esses animais ainda é muito procurada.

CAPITULO 2:

A oralidade e as fronteiras entre animais humanos e não humanos

Neste capítulo aprofundaremos as relações entre a benzeção, a oralidade e as fronteiras entre os animais humanos e não humanos. Iniciamos informando que, para a realização desta pesquisa foi escolhido o método da História Oral. Partimos do pressuposto de que a História oral pode ser entendida de três maneiras: como uma técnica, uma disciplina ou um método; mas aqui a compreendemos como uma metodologia de pesquisa. O método da História Oral se apresentou como o melhor e mais completo método para se pesquisar as benzedoras e os benzedores de Irati.

2.1 A História Oral e o universo da benzeção

Como escreveram Ferreira e Amado (2006, p. 14),

possibilita a história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais menosprezados; essa característica permitiu inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à histórias dos excluídos

Importante lembrar que nem sempre esse foi o recurso mais utilizado para o desenvolvimento de pesquisas. Passou a ser mais empregado a partir de 1970, com o advento da “Nova História”. Santos (2005, p.2) argumenta que,

[...] notadamente, desde as décadas iniciais do século XX, diversos sociólogos e antropólogos norte-americanos fizeram uso de relatos orais em suas investigações. Mesmo no Brasil, a utilização de relatos orais em pesquisas acadêmicas remonta aos anos 1950, também nas Ciências Sociais. Contudo, foi apenas no contexto da “Nova História” que as fontes orais fizeram sua reentrada no campo desta disciplina.

Um dos grandes diferenciais da História Oral e parte do motivo de a termos preferido é a tentativa de adentrarmos ao modo pelo qual os (as) benzedores (eiras) compreendem o mundo que os (as) cerca, isto é, como algo mais complexo do que o visível e o palpável. Pode-se dizer que o mundo que os (as) cerca é mais amplo e que o visível está inserido num universo invisível e vivo no qual as energias se encontram em

perpétuo movimento. As falas desses (as) agentes da benzeção podem nos fazer acessar os sentidos deste ambiente, deste espaço praticado. (CERTEAU, 1998, p. 201.)

Nas sociedades em que predomina a escrita, a oralidade revelar é um espaço fundamental para a pesquisa.

Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, o oral nos revela o "indescritível", toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas "muito insignificantes" - é o mundo da cotidianidade - ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita (ALBERTI; FERNANDES; FERREIRA, 2000, p.33).

O “indescritível” e o “impossível de transmitir pela escrita” evidenciam-se no momento que temos contato com os benzedores e as benzedoras. Suas trajetórias de vida e sua compreensão de mundo estão cheios de momentos extraordinários, lances que não se encontram em documentos escritos ou oficiais. A história do benzedor Nadir Ferreira¹² é um desses eventos de difícil descrição.

Morador do bairro Alto da Lagoa, Irati-PR, nascido em 1939, benze há pelos menos trinta anos. Conta que, quando estava vivendo o luto por causa do falecimento de sua mãe, começou a desejar morrer também. Não acreditava, relata, que poderia viver após aquela perda. Então, certo dia, teve uma visão de Nossa Senhora das Graças. Sonhou que estava dormindo na beira de uma estrada e

Uma santa, com uma coroa assim, disse para mim assim: ‘Meu filho, não está no tempo de você morrer. Não peça para morrer porque não está na hora de você morrer. Você tem muita coisa para ajudar o povo’. E eu, como vivia trabalhando para comer, né? Eu tive força para conversar. Eu disse para aquela santa: ‘Como eu vou ajudar, se eu trabalho para eu comer; como é que eu vou ajudar o povo?’ Aquela santa virou assim e falou comigo assim: ‘Você não vai ajudar com dinheiro. Você vai ajudar com as tuas forças, com o teu poder’. Mas eu não era curador, não sabia nada. Daí, digo: ‘Bom... se é assim, então, tudo bem. Se não é para eu ficar pedindo para morrer, se eu vou ter essa força, esse poder, então está bom’. Daí, quando aquela santa saiu, ela me benzeu e saiu (Nadir Ferreira, 2014).

Nadir conta que, naquela mesma noite, um de seus irmãos e sua sobrinha que se encontrava doente, estavam voltando do hospital sem obter um diagnóstico apropriado.

¹² Em abril de 2019 encontrei a esposa do benzedor Nadir em um dos mercados da cidade e ela me contou que ele havia sofrido um derrame fazia algumas semanas e estava muito mal e com muita dificuldade para falar. Durante nossa conversa ela também pediu uma cópia das entrevistas que havíamos feito com ele, para que ela tivesse para guardar de lembrança e também para que o benzedor pudesse ouvir.

Ele, animado pelo sonho, prontificou-se a fazer um remédio. Disse que, embora não sabendo como faria o medicamento, juntou algumas ervas que encontrou e a doente começou a melhorar imediatamente. O irmão, que acompanhou tudo, passou a contar a história para os vizinhos e, em pouco tempo, a casa estava cheia de gente à procura de atendimento:

Rapaz do céu! aquilo era gente para curar. Criança para curar. Um para uma coisa e outro para outra; mas tinha sábado que eu não podia trabalhar. Daí, logo me casei. Daí eu saía sábado de madrugada do serviço. Quando dali oito horas, eu já deixava um sobrinho meu ali para me chamar, se chegasse gente. Quando ele ia ali me chamar pelas nove horas e eu vinha. Chegava carregada, cavaleiro, carroça, bicicleteiro e tudo ali. Na frente da minha casa (Nadir Ferreira, 2014).

Nadir assegura que na noite da aparição da virgem recebeu o “dom” de curar, mas também teve um estímulo para prosseguir com sua vida, enfrentar os desafios que iriam surgir e exercer a função que estava assumindo. E com isso nos introduziu na idéia do que não pode ser descrito, por exemplo, o dom. Não pode ser exposto porque é mistério e o mistério é de onde se extrai a virtude para a cura. É que não existe uma explicação racional para o fato de que a divindade conceda um dom para algumas pessoas e não para outras. Simplesmente, ele concede e não por merecimento ou por meritocracia. Também não significa que a pessoa que tem o dom da cura seja mais merecedora de recompensa eterna por isso. Longe de ser um privilégio, o dom é uma graça recebida que a pessoa agraciada precisa desenvolver, pois está escrito que de graça recebestes, de graça dai. O caso de Nadir é interessante porque ele argumenta que não aprendeu com outra pessoa; que ninguém detectou o seu dom. Ele diz que não sabia nada de cura e, devido ao contato com a santa, passou a realiza-la.

Nas religiões xamânicas, a potência da cura também não é necessariamente doada pela divindade. É descoberta pelo iniciado que então poderá ensinar tais práticas a um novo agente da benzeção. No mundo xamânico, há alguns animais espirituais, ou animais de poder que são guias espirituais que se conectam ao xamã quando em estado de êxtase. O principal animal xamânico não humano associado ao dom da cura é o urso pardo. Segundo França (s/d, s/p) “O urso pardo é o rastreador dos remédios e raízes da floresta. Ele ajuda o xamã a encontrar o remédio certo para a cura.” Além dele, são animais com poder de cura xamânica, a águia, a onça pintada, o leopardo, a cobra, a pantera, a raposa e o beija-flor.

Nesta região fronteira entre os animais humanos e não humanos, envolvendo a cura e a comunicação com as divindades e o mundo sobrenatural, temos também os animais xamânicos da fala, da expressão falada, por isso, da oralidade. O alce e o corvo fazem parte deste rol, mas o jaguar é o mais fortemente vinculado a este aspecto. “O jaguar é o mensageiro entre a alma e as águas da consciência. A busca em profundas águas da consciência, mensageiro, interação entre mente e alma.” (FRANÇA, s/d, s/p) O xamanismo, assim como o espaço das benzeções, está ligado ao campo da tradição oral. Um jaguar, no entanto, não seria uma criatura a ser benzida por ser considerada como selvagem, mas poderia sê-lo caso fosse domesticado. A oralidade, nos leva ao espaço destas fronteiras.

Através do relato oral podemos ter contato com esse mundo indescritível. Podemos ouvir e analisar a sua fala: as histórias, as circunstâncias do universo imaginário e simbólico da benzeção.

É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto às estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional (ALBERTI; FERNANDES; FERREIRA, 2000, p.34).

O que estamos chamando de campo da oralidade e do imaginário apresenta-se como uma dimensão do vivido até pouco tempo desprezada por conta da ênfase que os historiadores, em geral, davam ao papel atribuído à razão no desenvolvimento da história. Os sentimentos, os gostos e as crenças, porém, são aspectos fundamentais para a escrita da história que do contrário, estaria restrita à racionalidade.

Assim, a fala de Nadir fornece algumas pistas a respeito de uma fé conectada à uma vida, da ligação dos benzedores com seus santos e santas, de uma familiaridade vinculada a certas práticas e de uma visão de mundo.

As práticas, os saberes e as histórias relacionadas e contadas pelas benzedoras e benzedores são passadas adiante por meio da tradição oral e gestual. Grande parte dessas pessoas não costuma guardar anotação das rezas e dos conhecimentos aprendidos, pois se trata de um saber transmitido através do ouvir-falar e ver-fazer; assim, tudo está armazenado, elaborado e reelaborado, na memória. Pressupomos, com isso, que a memória não é estanque e nem se restringe à fala, pois outros aspectos fazem

parte da oralidade. Como diz Santos (2006, p.10) a respeito da relação dos curandeiros com as plantas

As mãos, o olhar, os gestos poderiam ser utilizados para sentir e diferenciar uma planta de uma outra semelhante. O olfato era empregado, por exemplo, em casos de saber diferenciar um certo tipo de planta medicinal de uma mesma espécie. (SANTOS, 2006, p. 10)

A figura do (a) curandeiro (a)/benzedor (eira) associa-se, na narrativa, à imagem xamânica do urso pardo. O toque, o olhar, o olfato, enfim, os sentidos todos podem estar ligados e ser ativados por meio da memória da cura. Tal memória vincula-se a diferentes tradições culturais. Moura escreveu que

Tanto entre os povos ameríndios quanto entre os africanos, podemos nos referir a forte oralidade presente nos rituais mágicos de cura. Até mesmo os portugueses católicos fervorosos, importaram para a “terra tupiniquim” a crença no poder curativo da palavra. Assim sendo, fica mais fácil compreendermos o poder atribuído aos benzedeiros e as benzedeadas, que, por meio de orações, restauram a saúde do paciente (2009, p. 34).

Na história da África a oralidade é extremamente importante, mas por muito tempo julgou-se que povos sem escrita eram povos sem cultura. Le Goff nos mostra que nessas sociedades sem escrita existem especialistas em memória, os chamados *homens-memória* (1990, p. 429). A importância da fala para os povos africanos nos auxilia a compreender melhor o papel da oralidade nas culturas onde o conhecimento está mais inscrito no corpo e do que nos livros. “Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela” (BÂ, p. 168). Esse empenho entre a palavra e a pessoa é tanto que em certos meios torna-se inaceitável que uma pessoa fale uma mentira.

Por esse motivo a maior parte das sociedades orais tradicionais considera a mentira uma verdadeira lepra moral. Na África tradicional, aquele que falta à palavra mata sua pessoa civil, religiosa e oculta. Ele se separa de si mesmo e da sociedade. Seria preferível que morresse tanto para si próprio como para os seus (BÂ, p. 174).

Assim, para essas comunidades africanas, a palavra falada está vinculada, além do valor moral, a um caráter sagrado e com origem divina. Divina porque para a tradição bambara, por exemplo, a palavra é uma força que foi transmitida pelo próprio Ser Supremo que, após a criação do humano, transmitiu todo seu conhecimento ao seu povo, dando início, assim, à transmissão oral. “Aquilo que Maa Ngala diz, é!”,

proclama o chanto do deus Kono (BÂ, p. 170). A palavra, para essa cultura africana, ainda possui um caráter mágico, levando em consideração que sua origem é divina. Contém forças suficientes para agir sobre o espírito do homem, criando a harmonia ou eliminando-a do corpo e do mundo que o cerca. Essa origem divina e poder mágico condenariam ainda mais alguém que falasse uma mentira.

A proibição da mentira deve-se ao fato que se um oficiante mentisse, estaria corrompendo os atos rituais. Não mais preencheria o conjunto das condições rituais necessárias à realização do ato sagrado, sendo a principal estar ele próprio em harmonia antes de manipular as forças da vida. Não nos esqueçamos de que todos os sistemas mágico-religiosos africanos tendem a preservar ou restabelecer o equilíbrio das forças, do qual depende a harmonia do mundo material e espiritual (BÂ, p. 177).

Embora haja o compromisso com a verdade ou com uma tradição, devemos compreender que tais homens-memória que assumem a função de lembrar os ensinamentos a serem transmitidos, não estão submetidos à necessidade de recordar “palavra por palavra”, como nos mostra Le Goff. Para tais populações, uma rememoração exata não é realmente necessária. Para essas sociedades sem escrita, a memória passa a ter um papel de reconstrução constante e não de repetição mecânica. Por conta disso, lembrar palavra por palavra não é útil e sim compreender aquela lembrança através de seu conhecimento atual. É mais útil reconstruir aquela memória e fazê-la ter sentido para sua vida no presente.

Assim, enquanto que a reprodução mnemônica palavra por palavra estaria ligada à escrita, as sociedades sem escrita, excetuando certas práticas de memorização *ne varietur*, das quais a principal é o canto, atribuem à memória mais liberdade e mais possibilidade criativa (LE GOFF, 1990, p.431).

Em algumas culturas africanas, tudo é considerado vivo e, com isso, as atividades humanas que interferem no meio ambiente e transformam a matéria têm origem oculta no sagrado. Nelas as funções artesanais estão ligadas a conhecimentos esotéricos que teriam sido transmitidos de geração para geração e cuja origem está na primeira revelação. O trabalho do tecelão, que

Representa oito movimentos de vaivém (movimento dos pés, dos braços, da naveta e o cruzamento rítmico dos fios do tecido) que correspondem às oito peças da armação do tear e às oito patas da aranha mítica que ensinou sua ciência ao ancestral dos tecelões (BÂ, p. 186).

Compreendemos, assim, a importância da transmissão oral do conhecimento, especialmente, as palavras herdadas dos ancestrais. Visto que em muitas culturas a memória do povo é guardada pelos mais velhos, eis aí um dos maiores bens da tradição de um povo: a lembrança guardada e transformada por eles.

Os benzedores e benzedoras são compreendidos (as) neste mesmo processo, pois suas rezas e benzeções estão ligadas às palavras transmitidas durante a benzeção e assim como as palavras para as comunidades africanas mencionadas detém o poder de harmonizar o corpo. As palavras usadas nos rituais de benzeção têm poder sobre a matéria; muitas delas também se originam na revelação divina como foi o caso narrado por Nadir.

Estas fórmulas de cura, ou as palavras a serem proferidas especificamente nas benzeduras, são guardadas ciosamente, sendo reveladas, em segredo, a outra pessoa, apenas no momento de transmitir-lhe o dom. Muitas vezes é o momento em que as benzedoras e benzedores estão com a idade muito avançada e já não conseguem mais atender as seus pacientes. Para Cunha e Assunção (2017, p. 08), as palavras utilizadas nas benzeções têm um caráter poético. “Prova disso é que a sonoridade da pronúncia, quase sempre rimada, confere um poder mágico, fruto da poesia oral que carrega”. Podemos falar de uma poética que é memória.

Eclea Bosi escreveu a respeito da diferença entre a memória de jovens e a de velhos, e tais reflexões fazem sentido nesta pesquisa porque a grande maioria dos benzedores e das benzedoras contatados (as) estão acima dos sessenta anos de idade. Bosi (1994, p. 60) argumenta que para o jovem, o momento de se perder em suas memórias, o momento de rememorar é “[...] fuga, arte, lazer, contemplação”. Para os idosos, esse momento é; aquela ocasião não é de fuga, porque eles estão se ocupando atentamente de seu próprio passado. Existe um período em que a pessoa jovem passa a não ser mais um membro ativo da sociedade, cessa de ter forças para o trabalho e, assim, passa para a velhice e sua função para a sociedade torna-se outra: a tarefa de lembrar. “A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade” (BOSI, 1994, p. 63). Compreendemos, portanto, que o sujeito ativo se ocupa relativamente pouco com o trabalho de rememorar. Ainda não gasta tanto tempo recolhido para lembrar de sua história, de sua sociedade e repensar como as coisas aconteceram. Já os mais velhos, que estão afastados de seus antigos serviços, dispõem de mais tempo para esta atividade rememorativa.

A velhice pode ser considerada como destino de todos os seres humanos, mas as diferentes culturas têm noções específicas de velhice. Assim, a “sociedade industrial é maléfica para a velhice” (BOSI, 1994, p.77). Maléfica por que a partir do momento em que a pessoa perde as forças para o trabalho e também quando não pode mais procriar, torna-se rejeitada. Isso é tanto mais comum em nossa sociedade que visa a rapidez do serviço, sem valorizar a experiência adquirida.

A velhice, que é fator natural como a cor de pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há no transcorrer da vida momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio do homem. O coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. O mundo fica eriçado de ameaças, de ciladas. Uma falha, uma pequena distração, são severamente castigadas (BOSI, 1994, p.79).

Tal sociedade, portanto, permite que os mais velhos desempenhem apenas o seu papel relacionado à memória do povo; mas essa rejeição à velhice é mais intensa em relação aos mais velhos de classe média e baixa, pois se a pessoa tiver acumulado bens e dinheiro durante a vida, esses bens irão resguardar seu espaço na sociedade. Para Bosi, essa noção de velhice tem muito mais a ver com a luta de classes do que com um conflito entre idades.

Como a maioria entrevistada para este trabalho são pessoas de idade acima dos sessenta anos pode ser que a noção de velhice seja diferente para elas. Consideramos que são procuradas por conta dos conhecimentos e das experiências que acumularam através dos anos, no mundo da cura e do alívio da dor e do sofrimento, no espaço das coisas invisíveis. Podemos até mesmo levantar a questão de que quanto mais idoso seja o benzedor ou a benzedeira, mais será visto (a) como detentor (a) de um poder maior.

Com isso podemos compreender que, ao mesmo tempo em que nossa sociedade industrializada discrimina a velhice e, muitas vezes, a trata com preconceito, ela ainda a respeita e busca o conhecimento acumulado pelos idosos. Assim como nas sociedades africanas comentadas anteriormente os benzedores e benzedeiros armazenam e reelaboram um conhecimento que foi passado por seus antepassados através da cultura da oralidade. E esse conhecimento é encontrado apenas com eles e através deles.

Trabalhar com história oral, portanto, é manusear a memória, com lembranças sujeitas a erros e esquecimentos, o que demanda alguns cuidados que devemos ter. Em uma entrevista não podemos ter uma visão limitada, particular e ligada apenas àquilo que os olhos do entrevistado viram e o que seus ouvidos escutaram. O relato não pode ser visto como um real absoluto, pois “entrevistados e investigador constroem uma interpretação daquilo que é dado como real” (SANTOS, 2005, p. 5). Uma narrativa dada durante a entrevista é uma lembrança e lembranças estão sujeitas a sofrer modificações ao sabor dos sentimentos que as acompanham.

Foi no momento da entrevista que esses homens e mulheres nos permitiram ouvir suas histórias e suas lembranças, rememorar os acontecimentos de sua vida, situados em outros tempos e lugares. Ao mesmo tempo, tomamos tais lembranças como que ancoradas no presente, pois o processo de rememorar implica o ir e vir, com as recordações sempre presas ao indivíduo do presente. Notamos que, muitas vezes, esses fragmentos do vivido não seguiram uma ordem temporal linear, até mesmo por conta de nossa intervenção como investigadores. Santos escreveu que

Assim, as lembranças, além de oferecerem uma descrição de acontecimentos vividos, trazem também uma análise daqueles mesmos acontecimentos, dada a distância em que o entrevistado se encontra deles, e a sua disposição em avaliar as transformações que vivenciou (2005, p.5).

Ficou claro, desde aí, que lembrar ou rememorar levando em conta o distanciamento dos acontecimentos, como foi o caso da narrativa do sonho de Nadir, não é reviver aquele acontecimento como ele de fato ocorreu. Consideramos que a história é contada em meio ao refazer, ao repensar, ao analisar o passado com os dados de hoje. Nadir pode, na entrevista, evidenciar que foi a propaganda, o relato no corpo a corpo feito por seu irmão que resultou na intensa procura por seus préstimos de benzedor.

Então, aquela fala foi uma construção daquele benzedor entrevistado, levando em conta as experiências de vida que ela teve e seus sentimentos e impressões sobre o que está sendo narrado, seja algo que possa ser comprovado, seja coisa imaginada ou desejada. Pressupomos que qualquer entrevista jamais será igual à outra, mesmo que seja feita com pessoas com histórias em comum, que tenham feito parte do mesmo acontecimento ou fazem parte do mesmo grupo familiar. Cada pessoa se expressa da sua maneira. O trabalho do historiador, então, é muito mais complexo do que apenas ligar

o gravador e deixar que o entrevistado fale, o historiador necessita analisar aquela fala e a organizar seguindo uma ordem que lhe faça sentido e seja coerente. Essas organizações e análises podem seguir por um tema, um acontecimento, uma linha de pensamento em comum. Para a produção das fontes orais escolhemos a forma de entrevista utilizada durante a pesquisa.

É comum encontrarmos três formas de fazer as entrevistas: com questionário dirigido pelo pesquisador e fechado, o semi-dirigido e o aberto. Antônio Cesar Santos diz ser importante produzir um roteiro para as entrevistas, mas um roteiro que permita o entrevistado seguir sua linha de raciocínio e possa responder às questões tratadas de uma forma livre. Não se deve, portanto, optar por questionários fechados. Aplicando as questões com flexibilidade, podemos obter maior interação com as pessoas entrevistadas e explorar melhor as informações passadas. Selau (2004, p. 223) acrescenta que o pesquisador deve pensar também no espaço a ser utilizado nas entrevistas. Daí, nesta pesquisa sempre propusemos que elas escolhessem qual o melhor lugar para conversarmos e gravar suas falas, privilegiado que se sentissem mais à vontade.

Foi dessa maneira que nos aproximamos dos benzedores e das benzedoras. Em nossas entrevistas havia um roteiro de perguntas que abrangia o tema tratado, mas que permitia com que eles fossem livres para contar suas histórias e responder as questões tratadas. Alguns dos benzedores e benzedoras já eram pessoas conhecidas, pois participaram de pesquisas que realizamos anteriormente. Outras como a benzedora Leoni, eram conhecidas da família pois lá íamos buscando a cura de alguma doença que tivéssemos ou apenas para que continuássemos saudáveis. Desta maneira, nossa aproximação com as benzedoras e benzedores da cidade se deu de tranquilamente, e estavam abertos (as) para serem entrevistados (as); mas o método tem, também, seus problemas.

A história oral tem seus críticos e seus defensores. Os primeiros se concentram mais em dizer que história se faz com fontes escritas, por aparentemente possuir um distanciamento e um caráter de exterioridade. Dizem, também, que os documentos escritos estão disponíveis em acervos públicos para consulta e verificação, coisa que raramente acontece com as fontes de pesquisas feitas no âmbito da história oral. Com a invenção do gravador, entretanto, este detalhe foi solucionado, pois os depoimentos podem ficar registrados em acervos especializados “garantindo a oportunidade de ser

utilizado como prova” (SELAU, 2004, p. 219). Infelizmente acervos para documentação oral ainda são raros, mas seu número vem aumentando com o passar do tempo.

A crítica ajudou os pesquisadores a desenvolverem técnicas e métodos para garantir um caráter de confiabilidade aos depoimentos. Selau aponta que a crítica às fontes deve estar presente na vida do historiador, tendo ele utilizado fontes escritas, orais, imagéticas ou de qualquer outro tipo. A crítica às fontes deve estar presente em todos os momentos da produção do saber na área de história, pois qualquer tipo de fonte que o historiador venha a utilizar pode suscitar dúvidas e justamente esse debruçar-se sobre a fonte possibilitará encontrar novas evidências.

Os documentos orais contêm informações tão válidas quanto os documentos escritos e imagéticos. Eles não se referem apenas a acontecimentos, mas também nos permitem ver e entrar em contato, no caso desta pesquisa, com diferentes formas de perceber o corpo, o bem e o mal, o mundo e tudo o que ele contém. Assim, por meio das falas das benzedoras e benzedores percebemos as variações e modificações ocorridas nas fronteiras que separam e unem os animais humanos e os não humanos, em perspectiva temporal. Por meio deles temos acesso às memórias dos indivíduos pesquisados, mas devemos levar em consideração o fato de que o sujeito não revive o passado através das lembranças, ele as reconstrói, as refaz, com seus valores do presente.

A metodologia da história oral tem uma importância enorme para os estudos que compreendem a história vista de baixo, da história dos excluídos e marginalizados. Através dela, conseguimos ter acesso a dados que estão na memória das pessoas e que são ali trabalhados. Um dos exemplos que podemos apresentar aqui é o apego que estes (as) benzedores e benzedoras têm para com o divino. Muitos (as) deles (as) construíram suas memórias intimamente ligadas a algum santo ou santa, como foi o caso de Nadir. Ele recorreu à padroeira da cidade em que mora, Irati.

Assim como as pessoas que benzem, parte da população de Irati, tem uma forte relação com a devoção à Nossa Senhora das Graças. Como um dos pontos turísticos da cidade, a imagem da santa foi construída no ano de 1957 em comemoração ao aniversário de cinquenta anos do município. Trata-se da maior imagem desta manifestação de Maria construída no mundo, possuindo vinte e dois metros de altura. Está posicionada sobre uma colina de forma que, podemos pressupor que os devotos acreditem que ela pode olhar por todos e derramar suas bênçãos sobre a população

local. Partindo deste pressuposto, podemos dizer que tudo se passa como se a própria santa fosse, também, uma benzedeira.

2.2 Santos, animais e benzedores

Também conhecida pelo nome Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, suas primeiras aparições estão ligadas à França, onde segundo contam os fiéis, apareceu para uma religiosa chamada Catarina Labouré. Enquanto rezava teve a visão da Virgem Maria se apresentando como Nossa Senhora das Graças. A santa então pediu para que Catarina fizesse medalhas com a sua imagem e lhe disse que tais objetos seriam imbuídos de grandes poderes, proporcionando graças às pessoas que os usassem. A imagem contém uma alegoria em que a mulher pisa, com o pé descalço, a cabeça de uma serpente. Trata-se de uma alegoria em que a fronteira entre o animal humano e o não humano pode ser evidenciada.

O pé da mulher sobre a cabeça da serpe é interpretado como uma vitória de Cristo sobre o mal - a serpente é figura do demônio - também pode ser considerada como o poder de vencer os males do corpo e da alma, ou seja, a cura das doenças. Uma alegoria da mobilidade da fronteira entre o humano e animal.

A caracterização das serpentes e escorpiões como animais portadores de veneno associados ao Diabo e ao mal, corrente na simbologia e na mística cristã, é evidenciada, com uma função explicitamente tipológica, nos bestiários moralistas medievais que constituem elaborações do texto alexandrino do Fisiólogo. [...] A classificação que orienta este tipo de textos introduz um critério dualista vertical, que percorre as várias tipologias vegetais e animais (divisíveis em aquáticos, terrestres e celestes, ocupando os répteis uma categoria autónoma): as diversas espécies descritas são definidas pela sua associação alegórica a Cristo ou ao Diabo. (RAMOS, 1997, p. 97)

O termo bestiário, segundo Vasques, Texeira e Caria (2016, p. 12)

[...] surge apenas no século XII para classificar este tipo de texto e suas raízes devem ser rastreadas até a Antiguidade, nos tratados científicos produzidos pelos gregos e romanos. Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) no seu História animalium (História dos animais) catalogou e descreveu hábitos de quase 500 animais, embora em algumas descrições tenha acatado certas crenças populares que atribuíam qualidades mirabolantes a certos animais. Significativo notar que seus estudos possibilitaram o desenvolvimento de uma prática na biologia que é a classificação das espécies¹⁷. [...] Além das influências de

Aristóteles e Plínio que se faziam presentes sobre os bestiários, não se pode esquecer Santo Isidoro de Sevilha (560 d.C. – 636 d.C.) e suas *Etimologiae*, a primeira grande compilação de informações da Idade Média, que foi adotada durante muito tempo como livro de referência pelos estudantes.

Devemos considerar também que

No livro XII, dedicado aos animais, explica-se a natureza deles a partir da origem etimológica de seu nome. Tendo em vista todas essas influências, pode se identificar como protótipo do bestiário, o *Physiologus* (Fisiólogo), que foi uma espécie de tratado de história natural, produto da mentalidade cristã, típica da Idade Média, em que às narrativas sobre os animais era acrescida uma moralidade, exaltando ora a virtude, ora o vício que alegoricamente cada animal representava. A longa tradição dos bestiários que contou com diversos exemplares manuscritos que sobreviveram até o presente não estava desvinculada de um caráter catequético, por isso, se esperava que o fiel fosse convertido, se não através da narrativa vinculada ao mundo natural, obra aberta de Deus para ser admirada, então, através da iluminura que representava simbolicamente um aspecto da moralidade apresentada e vinculada àquela narrativa e cuja função era similar a dos vitrais das igrejas. (VASQUES, TEXEIRA e CARIA, 2016, p. 12)

A imagem do morro da Santa pode ser comparada às iluminuras, por conta do sentido catequético. Em termos das relações de sentido entre o animal humano e o não humano, podemos pressupor que tal alegoria está vinculada ao pensamento escolástico, século IX ao XVI, e por este meio, a Aristóteles. A forma dominante de perceber os animais, estava contida nos bestiários. Ali, as serpentes não eram foco da discussão porque se dava mais atenção chamadas bestas, isso é, aos animais de quatro patas especificamente por seu caráter de utilidade aos animais humanos. A serpente, a princípio estaria fora, mas foi neste mesmo período que os escolásticos introduziram uma nova categoria, para eles, merecedora de atenção. Tratava-se das feras, ou seja, dos animais ferozes, algo semelhante aos selvagens. Aparentemente, algo sem efeitos, mas considerável para esta pesquisa porque era uma mudança nas classificações.

Por volta do ano de 1800, segundo Thomas (2010, p. 73) ocorreu uma modificação dessas nas formas de categorização. Com respeito aos animais não humanos,

Os primeiros zoólogos modernos herdaram de Aristóteles a prática de classifica-los conforme a sua estrutura anatômica, habitat e modo de reprodução. Entretanto, também consideravam a sua utilidade para o homem, bem como seu valor alimentício, medicinal e de símbolos morais.

A serpente podia ser pensada, no âmbito da alegoria teológica, como animal útil aos homens porque, de algum modo, participou da história da salvação. Em forma de catequese, passou a simbolizar o mal, mas o malefício que foi suplantado pela mulher, a Virgem Maria, coautora da salvação do mundo. Ao mesmo tempo, os pés e a serpente são alegoria do caminho, podendo ser da mesma estrada a beira da qual Nadir dormiu em sonho.

Entre os participantes da comunidade católica da cidade e também de outros municípios vizinhos, muitos milagres são atribuídos à santa da colina. Junto à imagem existe uma capela onde são celebradas missas e novenas; e, também, são realizados batizados. Sob os pés da imagem localiza-se uma pequena capela, onde os fiéis podem depositar flores, fotos bem como assinar um livro de testemunhos. Nos registros escritos podemos encontramos centenas de agradecimentos e pedidos feitos pelos fiéis. Entre eles destacamos o seguinte:

[...] mãe, Nossa Senhora das Graças, em Irati, 17 de fevereiro de 1983, sofri um acidente e minha mão direita precisaria ser amputada. Os médicos de Curitiba fizeram o melhor que puderam, mas Deus fez o melhor: devolveu minha mão. Obrigado Mãe e meu Pai do céu.¹³

Podemos falar da importância da devoção por Nossa Senhora das Graças existente entre os moradores e também, as pessoas que benzem. A benzedeira Rosa, moradora de Irati, igualmente diz fazer parte do grupo dos devotos. Como Nadir nos contava suas visões e pudemos perceber, em suas vozes, a emoção e orgulho que sentiam por terem sido escolhidos por ela. Mas estas pessoas que benzem também podem ser devotas de outros santos.

Nossa Senhora Aparecida é citada por Leoni que, durante a entrevista, fez a seguinte intervenção:

[...] para que mais poderosa do que ela? Para que mais poderosa que Nossa Senhora Aparecida que é minha mãe. A oração que eu faço foi através dela, porque eu tirei Nossa Senhora Aparecida de dentro de um poço e desde o dia que eu tirei ela de dentro de um poço eu recebi essa oração. Eu não aprendi com ninguém, ninguém me ensinou, ninguém nada, foi a Nossa Senhora Aparecida.

Pudemos notar que, a todo o momento, durante a entrevista, a benzedeira olhava na direção da imagem colocada em seu altar enquanto contava a sua história. A história

¹³ Bilhete deixado na capela do morro da Santa.

da imagem de Nossa Senhora Aparecida consiste em que a vila de Guaratinguetá, hoje Aparecida do Norte, iria receber a visita do Conde de Assumar e na pretensão de fazer um banquete, a Câmara convocou inúmeros pescadores para trazerem seus pescados para serem preparados e servidos aos convivas. Daí, a santa foi capturada nas redes e tornou-se devoção espalhada por todo o Brasil. (PETERS, 2012, p. 24)

Durante a fala de Leoni ficou claro que tal história está vinculada às memórias desta benzedeira pois ela assegura ter encontrado sua imagem no fundo de um poço e que, a partir daquele momento, foi gratificada com uma oração poderosa e eficaz, que usa, desde então, para as suas benzeções. A relação com as águas estabelecida nas duas narrativas, a dos pescadores de Guaratinguetá e da benzedeira de Irati, tem amplos significados teológicos relativos à soteriologia. Segundo a tradição judaica, Moisés, que libertou o povo da escravidão do Egito foi resgatado das águas do Nilo.

A alegoria com a história de Cristo é evidente, tratando-se de uma narrativa presente em outras culturas. Os significados identitários (entre outros) desta narrativa foram estudados por Sigmund Freud. Sender (2011, p.122) fez o seguinte comentário sobre o livro *Moisés e o Monoteísmo* de autoria do pai da psicanálise:

O primeiro é o fato de o livro ter surgido em um tempo de acirradas perseguições aos judeus - o que era o prenúncio do que veio a se constituir numa das maiores tragédias históricas dos últimos séculos -, perseguições estas que atingiram o próprio Freud. O segundo, é ter sido esse um dos últimos (se não o último) escritos de Freud, criado na sua mais elevada maturidade intelectual, tendo recebido, certamente, pinceladas de influências de suas questões pessoais

Para nós fica claro a relação do ato de resgatar das águas com a eliminação do sofrimento, a salvação de situação de desespero causadas por epidemias, doenças, exploração, guerras e outras formas de opressão como foi o caso dos judeus, como livrar do mal é a proposta das benzedeadas e benzedores. Sender (2011, p. 122-123) escreveu, em relação ao livro, que

Há ainda um objetivo maior, atribuir ao monoteísmo a função antropológica de substituir o matriarcado pelo patriarcado, com a supremacia do intelecto sobre o instinto. O retorno do patriarcado, que não é outra coisa senão o estabelecimento da superioridade absoluta de um Deus único e poderoso, ou, em outras palavras, o retorno do pai, resgata a culpabilidade para com o pai da horda primeva. O intelecto é aqui representado pela Lei (no caso, a de Moisés), o que implica um compromisso de renúncia ao instinto.

Podemos notar que tanto na narrativa dos pescadores, como na de Leoni, uma mulher é salva das águas e não um homem como foi o caso de Moisés. Ela se torna a salvadora, parecendo inverter a lógica da substituição do matriarcado pelo patriarcado. Enquanto Moisés foi salvo por uma mulher, a mulher de Guaratinguetá foi resgatada por três homens, e a de Irati, por uma benzedeira. São histórias de salvação, de gênero e de identidade que precisam ser mais aprofundadas. Em todo caso, Leoni passa a convicção a respeito do poder da imagem salva do poço, considerando-a como senhora do espaço utilizado para as benzeções que realiza. Trata-se de um espaço específico, de local de acesso a forças superiores, ao divino, ambiente de oração, de cura e salvação.

São apenas alguns exemplos de dados que podemos conseguir através da história oral, enriquecendo as narrativas e a compreensão da história. Podemos compreender a história das benzedeadas e dos benzedores e também das pessoas que buscam seus conhecimentos. O número delas é bem significativo segundo as entrevistas. Leoni diz já atendeu cento e vinte pessoas em apenas um dia. Podemos perceber então como essa sociedade mesmo em meio à cidade e ao conhecimento científico ainda busca esse conhecimento do mundo dos instintos. Parece haver, neste espaço cotidiano, um movimento contrário àquele apontado por Freud na hegemonia da narrativa mosaica em que o intelecto se torna hegemônico na sociedade ocidental. A figura do ser humano e depois da imagem sendo retirada das águas está relacionada ao mundo dos animais aquáticos. Alegoricamente, o Cristo era associado ao peixe assim como a imagem de Aparecida que se vincula a uma pesca milagrosa. Também, à baleia que engoliu Jonas tornando-se partícipe na história da conversão dos povos ao Deus Javé, diluindo os limites entre animais e humanos.

2.3 Animais humanos e não humanos – fronteiras móveis

O convívio e a exploração econômica dos animais não humanos são considerados pelos especistas como recursos essenciais para a sobrevivência na sociedade ocidental. Em termos da relação entre humanos e não humanos, pode-se dizer que a humanidade, teve primeiro um convívio de aprendizagem, buscando estudar os hábitos dos bichos para que houvesse maior facilidade no momento da caça, da pesca e também para a defesa contra predadores. Posteriormente, com o processo de

domesticação de plantas e animais a busca por alimento foi facilitada e, com isso, as relações entre estas duas câmaras do reino animal ficaram mais estreitas. Ovelhas e cabras, por exemplo, foram domesticadas, no sudoeste da Ásia, há mais ou menos 10.000 anos.

Se considerarmos as fronteiras entre as duas câmaras citadas acima, “as definições de animalidade e humanidade mudam conforme a sociedade e época histórica, com o intuito de demarcar quem são os seres dignos de consideração moral e ética” (SILVA, 2015, p.3). Este pressuposto será tomado como básico neste segundo capítulo porque nos lugares em que as benzedoras e benzedores atendem não é rígida a separação entre a câmara de humanos e de não humanos. Diferentemente do que acontece no espaço medicinal moderno do atendimento e tratamento de doenças, os animais domésticos podem esperar na fila com as pessoas para receber um benzimento e até um tratamento que será aplicado pela mesma pessoa que atenderá ambos. Nesta fila de benzimentos se percebe a diluição das fronteiras que se modificam e que se movem na relação com a dignidade ética e moral dos seres.

Para Zuanon e Fonseca os animais tiveram um papel importante na formação da cultura de praticamente todos os povos

Sejam como elementos de cultuação religiosa; como adornos funerários em rituais mortuários na forma de oferendas junto ao corpo dos mortos; elementos para efetuar cálculos matemáticos desde a pré-história; parceiros de trabalho; ou ainda, como animais de companhia (p. 84, 2014)

Classicamente cita-se como um dos exemplos, a cultura egípcia e os deuses com suas características antropozoomórficas. Deuses eram constituídos com partes do corpo de animais e partes humanas. Anúbis tinha o corpo de humano e a cabeça de chacal. Bastet com o corpo humano feminino e cabeça de gato. Com o passar do tempo o culto de animais cedeu lugar a um pensamento antropocêntrico, no qual se considerava que o mundo havia sido idealizado para os animais humanos e apenas para eles. Os outros animais passaram a ser enquadrados na categoria de desejo. Suas peles, presas, unhas, ossos e cabeças tornaram-se troféus de alta demanda. Outros animais passaram a ser tratados como fonte de produção de proteínas.

Durante a época das grandes navegações, séculos XV e XVI, e no decorrer da colonização das Américas os animais domesticados pelos europeus tiveram grande importância e lhes deram uma vantagem decisiva no embate contra os povos nativos.

Crosby (1993, p 156) escreveu que “A vantagem dos europeus sobre os indígenas de suas colônias ultramarinas não era as plantas cultivadas e sim os animais domesticados”. Para Crosby, se não fossem por esses animais domesticados trazidos dentro dos navios, os europeus não teriam provocado uma mudança tão intensa no meio ambiente colonizado.

Se os europeus tivessem chegado ao novo mundo e a Austrália dispondo da tecnologia do século XX, mas sem animais, não teriam provocado uma mudança tão grande quanto a que causaram desembarcando lá com cavalos, vacas, porcos, cabras, carneiros, asnos, galinhas, gatos e outros bichos. Como esses animais se auto-produzem, a eficiência e a velocidade com que podem alterar o meio ambiente, mesmo em escala continental, é superior à de qualquer máquina que tenhamos até hoje concebido (CROSBY, 1993 p.156)

Em termos da colonização portuguesa das terras hoje brasileiras, de onde deriva parte das benzeções de que estamos tratando aqui, os animais não humanos podiam ser considerados, também, como seres que estavam espalhando a civilização cristã para o novo mundo. A cura de animais por meio de práticas envolvendo divindades era comum na antiguidade quando se recorria à arte de Asclépio, deus da medicina, no mundo greco-latino. Mais que isso, na mitologia greco-latina da arte de curar, as fronteiras entre a humanidade e a animalidade, a natureza e a espiritualidade evidenciavam sua alta mobilidade e fluidez. Basta pensar que Hipócrates era descendente de Asclépio, Filho de Apolo, educado pelo centauro Quiron, meio homem e meio animal, filho de Cronos. (FÉLIX, 2011, p.1)

O centauro representa o curandeiro que realiza a cura por solidariedade porque sente a mesma dor que sentem os sofredores que o procuram (ele tinha uma ferida incurável causada acidentalmente). Representa, também, uma visão de mundo em que o animal e o humano se fundem em aparência, mas não na essência, porque o centauro é filho de duas divindades (de Cronos em forma de cavalo e de Filira, uma oceanide).

Na passagem da medicina veterinária clássica para a chamada moderna, 1762,¹⁴ bem como na contemporânea, podemos perceber um delineamento mais claro das fronteiras entre a terapêutica de seres humanos e de animais.

Foi nesta época que os árabes que eram apaixonados por cavalos criaram a Hippiatria. Uma área da medicina veterinária que lida exclusivamente com a cura das doenças dos cavalos. Nesta época,

¹⁴ Afirma-se que a Medicina Veterinária moderna teve origem em 1762, quando Claude Bourgelat criou a primeira escola desta área de saber.

inúmeras “pestes” acabaram com rebanhos bovinos da Europa, como por exemplo a Peste Bovina, Febre Aftosa, Carbúnculo e a Pneumonia. O tratamento dos bovinos enfermos era realizado por pessoas das castas inferiores da sociedade, como pastores, boiadeiros, ferreiros entre outros, sendo a terapia empírica, dominada por superstições e fetichismos, com ativa participação da Igreja Cristã. (DRESSEL, 2015, sp.)

Podemos falar, então, de uma longa tradição na área da terapia e da cura de animais doentes envolvendo a prática relacionadas à igreja cristã, ou seja, mais especificamente o catolicismo. Os defensores dos saberes científicos consideravam as práticas populares como superstições e fetichismo. As benzeções faziam parte destas atividades.

Uma parcela da arte de benzer foi trazida pelos portugueses desde a Península Ibérica, e a quase totalidade dos animais domésticos que hoje conhecemos, também. Assim, se foi transplantando um espaço de relações envolvendo animais, humanos e o sagrado. O cavalo é uma peça destacada neste campo. A relação deste animal não humano com o catolicismo no novo mundo se evidencia nas representações da conquista espanhola por meio das figuras de Santiago Mata-índios. Trata-se da imagem de um santo cavaleiro que desde meados de século IX é associado à expansão espanhola. Pode-se concordar que

Não cabe a menor dúvida de que uma das maiores figuras sagradas da hagiografia espanhola, que foi para a Nova Espanha e que figurou como importante personagem da conquista militar, foi Santiago Apóstolo, Santiago Matamoros; santo padroeiro de Espanha, quem, segundo o registro deixado por Dom Rafael Heliodoro Valle, aparecendo sete vezes durante as batalhas entre índios e espanhóis montado num brioso corcel branco, espada na mão, lutando pelo triunfo da Espanha. (VARGASLUGO Apud SANTOS, 2008, p.12)

Não se trata, neste caso, de benzimento de animais, mas da associação entre o santo e o animal doméstico e a extirpação de algum mal que aflige as pessoas. Santiago era evocado nos assaltos da conquista e nas justificativas elaboradas pelos colonizadores “[...] assegurava o triunfo da fé, não sobre os povos nativos, mas sobre o demônio que se encontrava entre eles” (SANTOS, 2008, p.12). O equino pode ser considerado como um animal merecedor das benzeções, mas

O cavalo de Santiago aterrorizou os indígenas e se converteu durante séculos em um símbolo de conquista da Nova Espana. Os primeiros índios corriam aterrorizados dos cavalos. Eles achavam que se tratavam de homens com duas cabeças e quatro patas. Muito rapidamente, a aparição do cavalo na colonização da América teve

intervenções milagrosas. Vemos a vigência da imagem do cavalo de Santiago na cultura popular mexicana.

A devoção a Santiago é disseminada também na Bolívia e em grande parte da cordilheira dos Andes. É comum a devoção a partir de uma alegoria do santo representado na figura de um general (ou soldado) montado num cavalo que pisoteia um indígena.

El 25 de julio, anualmente se celebrará en Santiago de Callapa así como en otras regiones, el “Día del Rayo” (Illapa), también conocida como la fiesta del Tata Santiago, festividades de gran importancia dentro del calendario de las culturas ancestrales. [...] Mendoza (2012) afirma que cuando los españoles llegaron a estas tierras venían con su Santo patrono el apóstol Santiago que los indígenas lo identificaron en el estruendo de los disparos creyendo que se trataba de una manifestación de Illapa [...] Es a partir de este acontecimiento que el santo patrono fue conocido como “el santo mata indios” que fue testimoniada con la imagen de Santiago montado sobre un caballo blanco pisando a un indio. (FESTIVIDAD DEL “TATA SANTIAGO” PATRONO DEL MUNICIPIO SANTIAGO DE CALLAPA, 2017)

O cavalo de Tata Santiago aparece na alegoria venerada no povoado de Chaqui, no departamento de Potosi, mas, então, pisoteando os corpos de brancos infiéis. pensamos tratar-se de uma releitura popular da representação colonizadora.

No povoado de Pumpuri, também no Potosi, existe outra versão popular da alegoria do santo. Ali, não aparecem nem o índio nem o cavalo; o santo está de pé, segurando a Bíblia na mão direita e a espada na esquerda. A narrativa local que acompanha a representação é de que

[...] un día en el que dejaron las puertas abiertas de la iglesia de esta región se vio cómo Santiago Apóstol salió del templo, dirigiéndose a Huari, y luego a la población de Pumpuri, donde algunos hombres le instaron a visitar un montículo de piedras con extraño brillo. Cuando el santo se encontraba apreciando estas piedras, el diablo en forma de serpiente se hace presente ayuntando al caballo, esta es la razón por la cual el Tata Bumburi es representado sin caballo. (CORO & PECA, 2018, s/p)

O Tata Santiago de Pupuri é separado do cavalo que, por ser animal de guerra, vai identificado com o massacre dos nativos ocorrido na ocupação espanhola: torna-se símbolo associado ao diabo na leitura feita pelo indígena alvo da guerra se ocupação do território andino.

A Igreja católica fez parte dessa guerra de colonização e representa este animal como aliado no trabalho leigo e também na própria pastoral, porque era usado como meio de transporte cotidiano. Há mesmo uma liturgia específica para a benção dos animais, inclusive os equinos. Pode ser realizada por sacerdote, diácono ou ministro leigo e deve ocorrer, preferencialmente, a 4 de outubro, dia de São Francisco. A cerimônia é bem simples: no intróito o oficiante fala sobre a importância e a utilidade dos animais que servem para o trabalho, como alimento e como companhia e distração. A assembléia, composta de animais humanos e não humanos, no mesmo espaço, se reúne e entoia um hino apropriado. O celebrante faz o sinal da cruz e exorta para que Deus ajude reconhecer a dignidade humana através do cuidado com todas as criaturas. Se faz uma leitura do livro do Genesis ou Salmos, e uma reflexão, se for o caso. Se faz algumas preces e depois a benção, em que o oficiante estende a mão sobre os animais e reza a fórmula:

Ó Deus, criador e doador de todos os bens e que tudo fizestes com sabedoria e destes ao homem, criado à vossa semelhança, o domínio sobre todos os animais, nós vos pedimos que, mediante vossa benção, estendais sobre estes animais a vossa mão e concedei que eles sejam bem cuidados. Olhai, vos rogamos, por aqueles que não têm lar e sofrem desamparados; enquanto nós, vossos filhos, ajudados por vossa criação, possamos ser conscientes e fazer bom uso de tudo o que condiciona a existência humana, enquanto aspiramos confiantes, aos bens eternos. Por Cristo, vosso Filho e nosso Senhor, na unidade do Espírito Santo. Amém. (UMA ORAÇÃO DE BÊNÇÃO PARA OS ANIMAIS, s/d)

Depois disso, o celebrante faz a aspersão, com água benta, sobre animais humanos e não humanos. E faz a benção final. Na fórmula, os animais não humanos são considerados como criaturas de Deus e bens doados aos humanos. Como tais, que a divindade propicie que sejam bem cuidados e que olhe por aqueles que não tem lar.

O rito da benção dos animais é mais um exemplo da fluidez das fronteiras entre o humano e o animal no espaço sagrado. Aqui, como no ambiente em que as benzedoras e benzedores exercem suas práticas não há separação, de um espaço para o animal humano e outro para o não humano. Do mesmo modo, a liturgia da benção dos animais foi trazida da Europa pelos colonizadores. Trata-se, no entanto, de uma prática regida pela hierarquia católica, dirigida por padrões cerimoniais oficialmente reconhecidos pelos liturgistas e que foi transplantada para o novo mundo juntamente, como dissemos, com a maior parte dos animais domésticos que hoje conhecemos.

Destaca-se entre os animais domesticados que foram trazidos nos navios pelos europeus, os porcos. Estes são considerados como um dos mais importantes animais para os colonizadores e para os navegantes. Visto que são onívoros e podem se alimentar de uma variedade impressionante de produtos, desde raízes, frutos caídos, relvas, pequenos lagartos e sapos nos pântanos e qualquer outro ser vivo que fosse pequeno demais para representar-lhe algum perigo. E, além disso, esse tipo de gado se reproduz em grande velocidade. Cada uma das porcas saudáveis pode dar a luz a ninhadas de dez ou mais filhotes. Devido a toda essa facilidade de alimentação e rapidez na procriação, Crosby chega a dizer que “dentre todos os grandes animais domesticados, o porco é o que mais se assemelha a uma erva daninha” (CROSBY, 1993, p.156).

A fama dos porcos serem como uma praga já era conhecida por muitos navegantes, caçadores de baleias e pelos piratas. E já eram utilizados “para semear ilhas remotas” (p. 185) a fim de prover carne para quando precisassem voltar novamente àquela mesma ilha ou para outros navios europeus que eventualmente precisassem de um reabastecimento.

Crosby diz que

Alguns anos após a descoberta de Hispaniola, o número de porcos correndo solta era “infinito”, e “todas as montanhas formigavam com eles” [...] Dada a presença de animais carnívoros, a velocidade de proliferação no continente, talvez tenha sido menor do que das Antilhas, mas os porcos logo se tornaram muitos, muitos milhares no continente [...] Para o frade Las Casas, toda essa multidão de porcos era, sem exceção descendente dos oitos porcos que Colombo comprara por setenta maravedis cada um nas ilhas canárias e trouxera para Hispaniola em 1493. (1993, p.158)

O gado bovino também foi fundamental na expansão das colônias e das práticas de cura, uma vez que se alimentavam, assim como os porcos de pasto e folhas. Os bovinos, caprinos e ovinos eram capazes de transformar alimentos não consumíveis pelos humanos em carne e também em leite. Além de proverem o couro eram utilizados como animais de tração. Mas diferentes dos porcos que eram menores e quando ficavam em um estado de sem domesticados e ficavam bravios eram abatidos com mais facilidade. Os bovinos quando se tornavam selvagens vivendo solto pelas florestas da colônia, viravam animais perigosos e difíceis de ser abatidos. “Assim como acontecera com os porcos, o meio ambiente tornava esses bovinos rápidos, esguios e agressivos [...] animais que quando crescidos não recuavam diante de qualquer desafio” (CROSBY,

1993, p.160). Aqui podemos notar, especialmente no que tange aos suínos e bovinos, uma diluição de fronteiras. Agora não entre os animais humanos e os não humanos, mas entre os domésticos e os selvagens. Evidentemente, estes animais foram domesticados, ou seja, seus ancestrais foram trazidos para o convívio nas proximidades com os animais humanos. Afirma-se que foram domesticados entre oito e sete mil anos antes de Cristo, o porco na China e a vaca, na Mesopotâmia. Mas durante parte da colonização da portuguesa do Brasil, que vai de 1530 à 1822, animais pertencentes às duas espécies voltaram ao estado selvagem e, portanto, como o cavalo de Tata Santiago de Pupuri, saíram da esfera de relação com o santo. O cavalo de São Tiago, por colaborar no extermínio dos nativos; bovinos e suínos, por retornarem ao estado de animais selvagens. É que os benzimentos, assim como o ritual católico oficial da benção dos animais só se aplicam aos animais domésticos e de estimação. Pode-se dizer que neste sentido, a concepção que se tem dos animais é um tanto utilitarista.

Mais atualmente, com o avanço dos movimentos ambientalistas, os animais não humanos voltam a ser vistos como integrantes ativos no planeta, não mais apenas por seu aspecto de serviço aos animais humanos. Mesmo perdurando certas classificações do tipo animais que são para consumo e animais domésticos, pode-se dizer que humanos começam a se relacionar de maneira mais próxima com os bichos. Santos e Ramírez-Gálvez (2012) afirmam que um dos efeitos do aumento da preocupação com bem-estar e saúde animal foi o surgimento de organizações não governamentais que atuam buscando sensibilizar a sociedade a este respeito. Organizações que podem ser milionárias como a PETA (People for the Ethical Treatment of Animals) e até mesmo organizações menores como a Amigo Bicho que atua na cidade de Irati buscando resgatar animais de ruas e encontrar novos lares para estes animais, podem ser citadas neste rol.

Pode-se dizer que esta nova sensibilidade tem se ampliado nas últimas décadas e que está baseada na reciprocidade da relação entre humano e animal. Hoje em dia é comum encontrarmos famílias dividindo suas casas e até mesmo suas camas com animais de estimação pouco usuais como lagartos, cobras e mini porcos. Podemos notar também essa preocupação com os animais de estimação mais convencionais (cães e gatos) na proliferação de lojas e locais voltados inteiramente para distribuição e venda de produtos para animais, que vão desde rações com inúmeros sabores e marcas diferentes, bem como também remédios, roupas, camas e até mesmo banhos e tosas. Se pensarmos a história do Pet-commerce, em 1860, “A primeira ração comercial exclusiva

para cachorros é oficialmente criada na Inglaterra, após o empresário James Spratt observar cães sendo alimentados com restos de comida de um navio.”¹⁵

Trata-se de um nicho de mercado que vem acendendo nos últimos anos seguindo o crescente número de pessoas que possuem animais. Segundo o IBGE, o Brasil conta com 52 milhões de cachorros e 22 milhões de gatos. Esse número pode ser ainda maior, porque o Instituto não leva em consideração os animais abandonados nas ruas. Dessa maneira, como dizem Santos e Ramírez-Gálvez, é comum “encontrarmos pessoas se referirem a seus animais de companhia como filhas ou filhos”. Isso novamente demonstra a mobilidade da fronteira entre animal e humano.

No jornal Folha de São Paulo, (SEM FILHOS, MULHERES CUIDAM DE SEUS CÃES COMO BEBÊS..., 2016) podemos ler que a proprietária de um Buldogue Francês chamado Gael diz "não sentimos falta de ter um filho agora. Ele preenche bem esse espaço". O Buldogue Gael ainda tem uma conta própria no instagram¹⁶ que é administrada por sua dona, sendo seguido, na época, por 44.800 internautas, onde podemos ver que ele é categorizado como pet model. A tecnologia, portanto, pode ser considerado como outro fator a diluir e a mobilizar as fronteiras entre o humano e o animal.

Tudo isso nos levou a pensar numa entrevista com um esteticista de animais da cidade de Irati, para podermos comparar estes espaços e suas fronteiras e ter uma melhor percepção sobre esse mundo. Se haveria alguma semelhança com o espaço de atendimento existente nas casas dos benzedores e benzedoras e dos espaços formados para a realização da Liturgia Católica da Bênção de Animais.

Segundo Christian Franco (2018), o esteticista entrevistado, que trabalha neste ramo há seis anos, os últimos dois anos em uma Agro veterinária Rio Bonito localizada no bairro Rio Bonito na cidade de Irati, a equipe que atua com ele chega a atender cerca de trezentos animais não humanos durante um mês para banho e tosa. Este número exclui os humanos que vão até à loja apenas para comprar ração ou medicamentos para seus bichos. Segundo Christian, a maior parte dos animais que atende no banho e tosa são cachorros, mas já chegou a atender outras espécies também, como coelhos, porquinhos da índia e até mesmo carneiros.

¹⁵ Disponível em <https://www.petelegante.com.br/dicas/historia-dos-pets/>. Acesso em 14/09/2018.

¹⁶ https://www.instagram.com/gael_frenchie/

As primeiras atividades dos Pet shops no Brasil são da década de 1970 com o objetivo primeiramente de oferecer aos seus clientes cortes de pelos especiais e diferenciados para cada tipo de cachorros, visando principalmente às competições e exposições de beleza animal¹⁷. Mas um mercado exclusivo para animais existe desde muito tempo, como por exemplo fornecimento rações específicas para cães e gatos. Segundo Abonizio e Baptistella, até 1860 quando se inventou a ração animal na Inglaterra, os animais comiam restos das mesas de seus donos, mas a indústria criou a necessidade do seu produto usando uma publicidade ofensiva que veiculava a qualidade da alimentação especializada (2016, p.16).

Pode-se dizer que, aqui, a fronteira de que viemos falando é mais definida uma vez que, nas clínicas de estética animal não se faz tratamento estético nos humanos, nem se vendem medicamentos e alimentos que não sejam para os não humanos. Entretanto, segundo Christian, muitos dos donos chegam àquele lugar referindo-se a seus cães e gatos como filhos ou filhas. “É comum chegarem aqui com um cachorro que tem nome de gente, como Sofia e alguns têm até sobrenome nas carteirinhas de vacinação” (Christian Franco, 2018).

Keith Thomas nos mostra que existem dois traços particulares que distinguem o animal doméstico dos outros animais. Em primeiro lugar ele pode entrar na casa de seu dono (2010 p.159) e em segundo, possui um nome pessoal e individualizado. E isso o distingue de todas as outras criaturas (2010, p. 161). Entre os nomes dados para os animais domésticos entre os séculos XVI e XVII na Inglaterra, boa parte deles eram semi-humanos, mostrando assim o seu local inferior socialmente; mas o autor nos mostra também que quanto mais próximo seu dono fosse do seu animal, maiores chances a criatura tinha de receber um nome humano.

Quanto mais o animal fosse mimado por seu dono, maior era a possibilidade de ter um nome humano. Henry, primeiro lorde de Berkeley, possuía dois falcões seus prediletos, aos quais denominou Stella e Kate; e em 1626 sir Gawen Harvey, fidalgo de Essex, legou seu canil de beagles ao bispo Harsnet, “com a única exceção de Nancy”. O cão aos pés do bronze de sir Bryan de Stapleton (datado de 1438) trazia a etiqueta “Jakke” enquanto na igreja de Deerhurst, em Gloucestershire, um bronze próximo de 1400 recorda que o cão de estimação da mulher de sir John Cassy era chamado “Terry”. [...] havia uma tendência constante, que se acentuou – e muito – no século

¹⁷ Disponível em: <<https://www.dci.com.br/impresso/os-criadores-do-conceito-de-pet-shop-sobrevivem-1.20570>> Acesso em: 22/08/2019

XVIII, de atribuir aos animais de estimação nomes humanos, e tal atitude indicava um vínculo mais estreito entre animal e dono (2010, p.162 – 163).

Santos e Ramírez-Gálvez (2012) também se referem a estas redefinições de limites e às novas sensibilidades, tendo em vista os chamados “adesivos da família feliz”. O estudo foi realizado na cidade de Londrina-PR, no início da presente década de 2010. Adesivos deste tipo foram usados de modo generalizado até recentemente na cidade de Irati. Este material era comprado e decalcado na parte traseira dos veículos particulares, que circulavam pela cidade exibindo quantos membros suas famílias possuíam. Nesses mesmos adesivos, muitas pessoas incluíam seus animais de estimação e de companhia, como gatos, cachorros e outros. Estes artefatos podem ser considerados como uma alegoria laica da família feliz, que assim como a do Tata Santiago torna porosa a fronteira entre o animal humano e o não humano. Mello (2015, p. 09) chama atenção para o aspecto de que os animais e humanos hoje estão se relacionando de uma maneira mais naturalizada uma vez que, passam a não ser mais vistos como animais. Ao contrário, vivem com humanos dentro de lares durante boa parte de suas vidas partilhando espaços, convívio, atividades, discursos e afetos.

Santos e Ramírez-Gálvez (2012, p.12) asseguram que a crescente preocupação com o bem-estar do animal e com relação aos maus tratos sofridos por eles pode ser medida pelo gradual aumento de postagem na internet denunciando abandono de animais e a negligencia com seu bem-estar.

Na rede social Facebook, por exemplo, abundam postagens sobre denúncias de maus tratos e abandono de animais que são oferecidos para adoção. Geralmente essas postagens são amplamente compartilhadas e recebem comentários que muitas vezes ressaltam as características positivas da afetividade e do caráter dos animais em detrimento da perversidade humana (SANTOS; RAMÍREZ-GALVEZ, 2012, p.12).

A organização Amigo Bicho que atua na cidade de Irati desde o ano de 2004 conta com um grupo no Facebook que se encontra hoje¹⁸ com onze mil membros. Pode-se constatar que todos os dias aparecem postagem de pessoas denunciando maus tratos sofridos por algum animal não humano na cidade de Irati e regiões próximas. Entretanto, chama a atenção o fato de que a maior parte das postagens são de pessoas oferecendo cães e gatos para doação. A maior parte destes animais são filhotes e quase

¹⁸ https://www.facebook.com/groups/285054034918307/?epa=SEARCH_BOX

sempre nascidos de animais resgatados das ruas e que haviam sofrido algum tipo de agressão.

Para Ingold essas novas relações e atitudes frente ao animal não humano contribuiu para a incorporação desses animais à vida familiar das pessoas, tanto que se tornou rotineiro que passem a interpretar as ações dos seus animais como algo intencional e não mais instintivo.

Uma conseqüência dessa pressuposição é que, enquanto as ações humanas são geralmente interpretadas como produtos de desígnio intencional, as ações dos outros animais – mesmo que ostensivamente semelhantes por sua natureza e conseqüências – costumam ser explicadas como resultado automático de um programa comportamental instalado. [...]. Certamente, quando se trata dos poucos animais com os quais mantemos relações estreitas e duradouras, tais como gatos e cães domésticos, logo descobrimos exceções, e lhes atribuímos intenções e propósitos, da mesma maneira que fazemos com os seres humanos (1994, p. 10).

Assim podemos perceber que a prática da benzeção de animais não se caracterizaria como um costume extravagante ou marginal na sociedade brasileira do século XXI. Esta que estamos chamando de nova sensibilidade, que atribui novos sentidos aos animais não humanos e que no âmbito da medicina e da veterinária convencionais os separa drasticamente, não é estranha aos benzedores e benzedoras entrevistados para esta pesquisa. Parece ter estado aí desde há muito.

2.4 Animais e humanos benzidos

A prática da benzeção de animais foi estudada por Adriana Cristina Tussi (2017) no curso de pós-graduação em ciências veterinárias com o título “Tratamento de animais domésticos por meio de práticas tradicionais utilizadas no Faxinal dos Kruger, Boa Ventura de São Roque, Paraná”. A autora teve contato com moradores do faxinal, onde estes utilizam de práticas tradicionais no tratamento de seus animais domésticos. O estudo inclui as práticas de utilização de plantas medicinais, de benzimentos e de simpatias.

Os faxinais, aqueles que conservam o criatório comum, podem ser considerados como um espaço social onde se manifesta de forma mais evidente a quebra de fronteiras entre humanos e não humanos. Podemos dizer isso porque diferentemente do que acontece nas áreas que vão se urbanizando, e mesmo nas áreas rurais de fazendas ou de pequenas propriedades individuais, nas áreas faxinalenses de criatórios comunitários o

gado, aves, cães e gatos convivem no espaço comum com os humanos. Nestas localidades em que se usa a terra em comum para a pastagens existentes na região Sul do Brasil,

A área de criação, ou área de compáscuo, é um cercado composto por matas e pastagens em que se localizam as habitações dos faxinalenses. Na parte interior a esse espaço comum, que pode pertencer a um proprietário não morador do faxinal, ou a vários proprietários/moradores, são criados animais de várias espécies, tais como bovinos, equinos, caprinos, ovinos e suínos, além de vários tipos de aves domésticas [...] Os animais são de propriedade particular dos faxinalenses, sendo o número que cada morador pode criar naquele espaço, definido pelo grupo [...] As casas são dispostas no interior da área cercada, sendo boa parte delas protegidas por um cercado menor, ao entorno dos quais as criações circulam livremente. As entradas e saídas destas áreas são protegidas por porteiras e cancelas, ou por uma espécie de pequena ponte, construída sobre um vão escavado especialmente para tal fim [...] as terras de plantar localizam-se fora do cercado e podem pertencer ao proprietário que as cultiva, ou serem arrendadas (CAMPIGOTO; SOCHODOLAK, 2008, p.181).

As plantas medicinais, no entanto, são geralmente cultivadas em pequenos cercados situados nas proximidades ou contíguos às casas dos faxinalenses como referiu Tussi (2017).

Pode-se dizer que utilização de plantas medicinais é tão antiga quanto à própria história da humanidade. Os saberes concernentes ao seu emprego são passados de geração para geração, de povos para povos por milhares de anos.

A utilização da fitoterapia, que significa o tratamento pelas plantas, vem desde épocas remotas. A referência mais antiga que se tem conhecimento do uso das plantas data de mais de sessenta mil anos. As primeiras descobertas foram feitas por estudos arqueológicos em ruínas do Irã. Também na China, em 3.000 a.C., já existiam farmacopéias que compilavam as ervas e as suas indicações terapêuticas. A utilização das plantas medicinais faz parte da história da humanidade, tendo grande importância tanto no que se refere aos aspectos medicinais, como culturais. (TUSSI, 2017, p. 03)

Crosby (1993, p 165) fala das plantas introduzidas pelos colonizadores na América do Norte “[...] desde que os ingleses começaram a plantar e criar gado na Nova Inglaterra”. Dentre elas temos várias plantas medicinais, como dente-de-leão, serralha, erva moura de flor branca, malva, confrei, erva de sangue, bolsa de pastor, erva-de-sangue, tasneira, tanchagem, absinto, camomila, meimendo, verbasco, labaga, morrião dos passarinhos.

Convém, no entanto, destacar que utilização de remédios fitoterápicos e simpatias já estava presente no cotidiano de inúmeros povos que habitavam as Américas quando os europeus para cá trouxeram seus animais, suas plantas e suas práticas de cura. No caso do Brasil, com a colonização esses saberes foram passados e assimilados pelos negros e portugueses. Com o passar do tempo tais conhecimentos foram se mesclando e se ampliando.¹⁹

O conhecimento tradicional é considerado um alicerce de comprovação farmacológica. Neste sentido, torna-se cada dia mais importante o resgate e a valorização do uso dessas plantas medicinais, principalmente na área da Medicina Veterinária. São as pessoas detentoras desse conhecimento tradicional, muitas vezes residentes no meio rural, que fornecem informações que podem ser úteis aos pesquisadores para o desenvolvimento de medicamentos e fármacos para o tratamento de doenças. (TUSSI, 2017, p. 28)

No faxinal pesquisado, a principal doença que afeta as aves é a bouba e a terapêutica que os moradores utilizam implica o uso de uma planta medicinal. Trata-se da figueira. E para que haja a cura é necessário que a pessoa corte a casca desta árvore e coloque-a na água fornecida para os animais, durante vários dias até que os sintomas desapareçam (TUSSI, 2017, p. 33).

Podemos dizer que existem certas vantagens no uso de plantas medicinais para o tratamento de animais no setor agropecuário. Além de diminuir a agressão à saúde causada pelo uso de medicamentos químicos,

As vantagens do uso da fitoterapia em animais são inúmeras como, por exemplo, redução de custos, eficácia terapêutica promovendo assim o bem-estar animal, redução de efeitos colaterais, prevenção de outras possíveis doenças, entre outras vantagens não citadas. Entretanto mesmo com a comprovação popular e científica sobre a ação de diversas plantas medicinais para a cura de enfermidades e controle de endoparasitas e ectoparasitas, são poucas exploradas por propriedades rurais e profissionais da área animal. (SANTANA; COL, 2015, p.229)

Além da medicina através de plantas também podemos detectar, aqui, a cura por meio de benzeções. Muitas destas pessoas que curam as criações fazem uso de plantas, mas as rezas, frases e simpatias são seus principais meios. O benzedor ou benzedeira de

¹⁹A partir de tais práticas muitos medicamentos de uso farmacêutico foram desenvolvidos por empresas de biotecnologia, mas infelizmente esse desvio de conhecimento pelas empresas não se preocupa em fortalecer esses conhecimentos e muito menos em beneficiar os reais possuidores destes saberes populares.

animais é uma pessoa que se torna conhecida na comunidade em que vive por causa das curas que faz. Dificilmente os vemos fazer propaganda de seus trabalhos e é mais comum que sua fama venha através da propaganda “boca a boca”.

No Faxinal dos Kruger pratica-se a cura de animais através da benzeção, e também se faz esse tipo de divulgação dos trabalhos. Em um faxinal o animal não humano tem certa importância econômica, ambiental, mas também sentimental devido ao convívio no mesmo espaço do criatório comum. Pelo mesmo em termos de espaço, no faxinal, a fronteira entre a câmara dos humanos e a dos não humanos é pouco definida.

A forma de integração de vários animais no mesmo espaço (aves, suínos, bovinos, caprinos, ovinos e equinos) cria uma interação entre eles na coleta dos alimentos: enquanto o bovino consome o capim com a língua, o cavalo o faz com lábios e dentes, o porco fuça, a galinha cisca e assim vão sendo realizadas diversas dinâmicas, de modo que há um aproveitamento maior dos alimentos e do pasto, integrando os animais com a natureza (TUSSI, 2017, p. 32)

Uma das doenças mais comuns dos animais que leva a procura de benzedores é a bicheira, também conhecida como Miíase, que é uma infestação por larvas de mosca em uma ferida. No livro “As orações que o povo reza” de Mário Souto Maior podemos encontrar um benzimento que deve ser feito traçando cruzes com a mão sobre o rastro feito pelo animal doente.

Maus que come não se logra; quem come e não reza, não se salva. Oficial de Justiça não se salva. Delegado não se salva. Promotor não se salva. Juiz de direito não se salva e muitos poderes colados não se salvam, e assim, caia de um e um, de dois em dois, de três em três, de quatro em quatro, de cinco em cinco, de seis em seis, de sete em sete, de oito em oito, de nove em nove, de dez em dez, de onze em onze, de doze em doze, de treze em treze, caia de um em um e não fique nenhum, amém. (MAIOR, 1998, p. 56)

No mesmo faxinal há outro benzimento que é feito para a cura da bicheira. Consiste em

Contar os números de 1 a 100; após isso, contar os números de trás para frente (100, 99, 98...). Depois, deve-se amaldiçoar a “bicheira” no nome de uma pessoa que trabalha em dia de domingo e fazer uma oração de defesa, que pode ser o Pai Nosso, Salve Rainha, Santa Maria, Creio em Deus Pai ou outra. (TUSSI, 2017, p.37)

Para curar anemia o procedimento é o seguinte:

A pessoa ou animal é colocado na grama em forma de cruz, de braços abertos. Pega-se um fio branco, a fim de medir a pessoa/animal da ponta da cabeça até a ponta do pé; risca-se com faca ao redor dela e pergunta-se para a pessoa (com anemia ou dona do animal) o que ela quer que seja cortado. A resposta deverá ser “a anemia”. Após isso, são feitas rezas para alguns santos, vira-se toda a terra abaixo de onde a pessoa/animal se deitou e, quando a grama do lugar morrer, a pessoa estará curada. Deve-se realizar esse procedimento na lua minguante. (TUSSI, 2017, p.37)

Aqui o animal humano e o não humano são submetidos ao mesmo procedimento. Apenas a resposta dada à pergunta feita pela benzedeira ou benzedor separa claramente as duas esferas. Como escreveu Ingold (2011 p. 26) citando Deleuze e Guattari, “trata-se do modo como materiais de todos os tipos, com propriedades variadas e variáveis, são avivados pelas forças do cosmo, misturadas e fundidas umas às outras na geração de coisas”. O mundo das benzeções, como viemos destacando até aqui, tende a tratar os pacientes ao modo de coisas diferentemente das ciências médicas para quem os humanos são objetos da medicina ao passo que para as ciências veterinárias os não humanos são os seus objetos. Neste ambiente repleto de coisas que demandam a atenção de quem benze, as fronteiras entre o mundo físico e o espiritual apresenta porosidade semelhante.

Nota-se que há uma demanda constante por benzimentos contra doenças não físicas tais como o mau olhado, “olho grande” ou conhecida, também por “olho gordo”. As (o) benzedeadas (ores) entrevistadas (as) também compartilham da ideia de que existem pessoas com o olhar carregado de más energias, de inveja e que qualquer vivente atingido por tal energia fica sem forças e doente. Receita-se um benzimento para que o efeito seja quebrado.

O ritual para a cura deste mal quando afeta não humanos, segundo Leoni, consiste em abençoar uma fita vermelha e atá-la a quem foi atingido; o nó não deve ser desfeito antes de sete dias. Segundo a benzedeadora ainda deve-se fazer uma prece a São Francisco de Assis, protetor dos animais. A fórmula, a ser pronunciada é a seguinte: “Meu querido São Francisco, corte o mau que caiu sobre o meu bichinho”.

Para cada tipo de doença existem um santo e uma oração específica, mas na cura e proteção dos animais não humanos por meio da benzeção, segundo Nery (2006, p.5), a imagem e o correspondente santo utilizado é escolhida (o) com base na sua hagiografia. A benzedeadora Maria Iolanda explicou o caso de São Francisco

Contam, né? Que ele era uma pessoa muito bondosa. Ele era bom com as pessoas e também era bom com os animais. Que sempre que ele começava a rezar, os animais apareciam. Ficava cercado pelos pássaros e ele chegava a amansar os lobos. E por isso que ele é o protetor dos animais (Maria Iolanda,2018).

Essa história de São Francisco é bem conhecida entre os benzedores e entre as benzedoras e outras pessoas da região de Irati. A narrativa do santo também pode ser considerada como uma alegoria a diluir as fronteiras estabelecidas entre o espiritual, o animal e o humano. Em 1228 São Francisco foi canonizado como o protetor dos animais. Conta-se que em certo dia, enquanto ele rezava, um lobo selvagem apareceu e São Francisco disse-lhe “Venha aqui irmão lobo, mando-te da parte de Cristo, que não faças nenhum mal a mim e nem a ninguém” e com isso o lobo não lhe fez nenhum mal. Mas, como dissemos, no espaço das benzeções a separação entre animal selvagem e doméstico é bem nítida: não se sabe de alguém que benza para curar animais silvestres. Segundo Thomas (2010, p. 73) um dos critérios de classificação dos animais no início da idade moderna era quanto a sua proximidade para com os humanos.

A ordem mais natural para organizar os animais, defendida por Buffon, o grande naturalista francês do século XVIII, era segundo o grau de seu relacionamento com o homem. [...] Havia essencialmente três categorias para os animais, aos pares: comestíveis e não comestíveis; ferozes e mansos; úteis e inúteis.

Mas além deste critério havia o da utilidade geral para com os seres humanos e por fim, a distinção entre selvagem e doméstico. Podemos dizer que esta distinção dos selvagens vem desde a idade média e perpassa o campo das benzeções. Mas em algumas alegorias, Francisco é apresentado como um novo Noé, pois ao seu redor reúnem-se, aos casais, todas as espécies de animais não humanos, domésticos ou não.



<https://pt.aleteia.org/2018/04/17/por-que-todo-o-mundo-ia-atras-de-sao-francisco-de-assis/>

Em Irati, existe uma capela dedicada ao santo de Assis situada no bairro São Francisco e que foi construída em 1978. Todos os anos o dia do padroeiro da capela, é

comemorado com missas onde também se leva os animais para participar da Liturgia da Bênção de Animais. Por tratar-se de um bairro, uma área já bastante urbanizada, a quase totalidade dos animais levados para participar da cerimônia é de estimação. Trata-se, basicamente de gatos e cães.



Podemos perceber que as fronteiras do espaço da benzeção são mais amplas do que as práticas de cura oficiadas pelas benzedoras e benzedores. Trata-se de um campo cheio de alegorias, de fronteiras móveis que incluem a espiritualidade canônica e a popular, as releituras feitas pelos leigos, a colonização e as lutas populares, a divindade e o mau olhado, a santidade e a carne impregnada de larvas, uma proteção para mau olhado ou até mesmo bicheira e outros males.

No próximo capítulo iremos tratar principalmente as benzeções de animais que ocorrem na região de Irati, Rio Azul e Mallet e como uma benzeção pode variar dependendo da pessoa que benze. Neste capítulo discutimos também a experiência de vida da benzedora Palmira Lewandowski, moradora do interior de Mallet, sendo ascendente de poloneses e benzendo em português e também em polonês.

²⁰ Imagem retirada do site da Rádio Najua <<http://radionajua.com.br/noticia/noticias/irati-e-regiao/franciscanos-celebram-35-anos-de-atuacao-em-irati/35716/>> Acesso em 02/01/2019

CAPITULO 3

Benzo, queimo, atropelo e espanto: Benzeção e ascendentes de poloneses

Neste capítulo iremos discutir, principalmente, as benzeções de animais que são praticadas na região dos municípios de Irati, Mallet e Rio Azul. Entre as benzedeadas entrevistadas para este capítulo a maioria é de descendência polonesa.

3.1 Trabalho e paciente fixo

Esta opção por benzedeadas que fizessem parte desse grupo específico foi possível devido ao fato de que durante o ano de 2018 tive a oportunidade de participar de um intercâmbio internacional, graças a uma bolsa de estudos ofertada pelo Centro de Línguas, o Núcleo de Estudos Eslavos da UNICENTRO e o Consulado Geral da República da Polônia no Brasil. Como aluno do curso de polonês ministrado pela professora Sônia Niewiadomski²¹ desde o ano de 2015, recebi uma bolsa para participar do Curso de Verão de Língua, Literatura e Cultura polonesa na Universidade da Silésia, na cidade de Cieszyn – Polônia. Então, durante quarenta e cinco dias eu tive a oportunidade de conhecer e aprender um pouco e praticar o que eu já havia aprendido no curso de que faço parte. Reguina Kowalczyk Drewnowski, aluna do curso de polonês ofertado na cidade de Mallet-PR, também estava nessa atividade de intercâmbio e nos auxiliou nesta parte da pesquisa.

Durante esse tempo que estive lá conversei, fui interrogado a respeito da minha pesquisa em conversa com duas professoras da universidade de Varsóvia e que falam português. Elas informaram que, na Polônia, também havia algumas mulheres que atuavam como benzedeadas, que curavam através de rezas e simpatias, mas que seu número era reduzido e que viviam em regiões afastadas, em vilarejos do interior do país.

Reguina acompanhou as conversas e me disse que conhecia algumas benzedeadas com ascendência polonesa e que moravam no interior Mallet-PR. Este dado me chamou a atenção porque no imaginário popular a benzedeadas ou benzedor e mesmo na imensa maioria dos estudos sobre benzeção, costumam ser retratados como pessoas com traços

²¹ Graduada em Letras Polonês pela Universidade Federal do Paraná em 2013, mestrado em Relações Internacionais com conclusão em 2015 na Uniwersytet Warszawski e mestre em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste em 2019.

culturais caboclos, indígenas, afro ou ibéricos, mas dificilmente uma pessoa associada às culturas eslavas seria considerada como praticante de benzimentos. Devido a isso, começamos a entrar em contato com as pessoas que eu conhecia e as que a Reguina e outros informantes indicaram a mim. A idéia era saber se elas também benziavam animais ou se isso estaria restrito ao espaço afro-ibero-indígena das benzeções. Também, pretendia investigar se entre os (as) ascendentes de eslavos alguns nomes de doenças são nomenclaturas de animais, como é sapinho, nas partes do Brasil sem influencia eslava.

De forma geral, e como vimos até agora, os agentes da benzeção não estabelecem distinções muito clara entre animal humano e animal não humano uma vez que o benzimento pode ser aplicado a um e a outro, no mesmo espaço, inclusive. No mundo racionalizado e pós-cartesiano, os primeiros são tratados em lugares específicos como os hospitais e clínicas especializadas enquanto que os segundos são tratados nos espaços Pets e em clínicas veterinárias. Seria muito raro, talvez impossível, encontrar algum lugar em que os medicamentos para humanos e animais fossem vendidos na mesma prateleira. Mas seria a falta de distinção também uma característica entre benzedores (as) ascendentes de poloneses (as)?

Sonia Sidoski é moradora da cidade de Irati, bairro Rio Bonito, nascida em 1947. Disse ter iniciado a aprendizagem do ofício desde muito pequena. Nem mesmo consegue lembrar-se da época precisa. “Olha eu aprendi desde criança, mas assim, oh. Eu trabalhava na roça, eu fui aprendendo com meu, com o tio do meu pai. Ele estava ensinando meu pai e fui aprendendo com ele. Então desde criança eu ajudava, eu ajudava meu pai”.

Diz que, por muitos anos, morou no interior da cidade de Irati. Trabalhava na lavoura e ao mesmo tempo, atendia as pessoas que a procuravam. Mudou-se para a cidade onde continua atendendo seus clientes e, portanto, viveu duas experiências neste campo da cura: a de ser benzedora no campo e também, na cidade. Disse que trabalha “[...] fixo, uns quinze a vinte anos. Mas eu atendia. Toda a vida eu atendi. Eu estava na roça, eles me chamavam. Eu estava lá assim carpindo e minha filha vinha: mãe tem gente; e eu vinha”. Quando voltava do trabalho na lavoura, atendia às pessoas que a procuravam em sua casa. “Eu atendia das cinco as seis”, isso é, no final da tarde.

O atendimento terminava em torno das seis horas porque é muito comum que não se pratique benzimentos depois do pôr do sol. Somente em casos emergenciais e

principalmente quando se trata de incidente envolvendo crianças se pode abrir exceção para atendimentos noturnos.

Sonia disse que seu trabalho de benzedeira passou a ser fixo, ou seja, diário, há cerca de quinze ou vinte anos, quando ficou muito doente e precisou abandonar seu trabalho na lavoura. Então, desde meados da década de 1990, decidiu que iria atender em tempo integral todas as pessoas que a procurassem. Mas após algum tempo, o trabalho passou a ser desgastante e depois de uma conversa com um padre, decidiu definir um horário para os seus atendimentos. Até então,

[...] eu atendia. Não tinha dia; não tinha horário. Não tinha nada, sabe? Era de segunda a segunda. Mas o padre aconselhou. O padre disse: tire um tempo para você. Então, eu pensei assim: vou atender das uma até as cinco. Das uma as cinco eu fico fixo com as pessoas. Se vier das uma as cinco eu estou aqui para atender as pessoas. Eu vou tirar férias sim. Uns dez dias, uns quinze dias, mas não sei que dia. Mas eu vou tirar. Eu vou tirar. Sábado eu atendo de emergência se uma criança está doente, de noite em caso de emergência eu atendo também. Esses dias, segundo ele (o marido) eu estava dormindo. Tinha tomado remédio e dormi e minha filha não quis me acordar sabe. Mas de manhã eu cuido da minha neta e fazer almoço. Não dá tempo. Aí, das uma as cinco eu fico fixo para todo mundo. A todos que vem aqui (Sonia Sidoski, 2019).

A definição de horário para atendimento é algo recorrente nas falas das entrevistadas. Alegam que se não houver, as pessoas não param de bater nas suas portas. Sônia nos relatou o seguinte:

Hoje eu comecei a atender eram doze e meia. Doze e meia para atender e eu vou até as cinco. Eu falo até as cinco, mas, às vezes, eu vou até as seis. Eu tenho as cinco e meia uma mãe que tá com uma criança na escola, que não aguenta a escola, que tá chorando. Ela vem aí para se benzer. Ela me ligou e disse: eu venho depois das cinco. Eu disse tá bom. Então hoje, depois das cinco, eu tenho uma (Sonia Sidoski, 2019).

E após a entrevista Sonia explicou que precisava de um tempo para os seus afazeres e também para descarregar as energias. Então era o tempo para conversar com a família, assistir um pouco de novela e fazer algo que não fosse apenas o benzimento.

Sonia vivia no interior, mas precisou se mudar para a cidade em 2014. Agora mora com o marido e uma de suas filhas. Disse que o número de clientes continuou o mesmo depois da mudança.

Mesma coisa. Mesma coisa. Na serra não tinha ninguém (outras benzedeadas) e a sogra começou a falar e a turma foi um contando para

outro. E eu vim para a cidade e eu achei que ia ficar mais tranquila, mas mais ainda. Por aí um diz que está na cidade, está mais perto, que lá na BR é difícil. É trecho pesado (Sonia Sidoski, 2019).

Os atendimentos feitos por ela se dão em um dos maiores bairros da cidade de Irati, o Rio Bonito. A localidade onde morava anteriormente fica na saída da cidade, Serra dos Nogueiras, é também um bairro pertencente ao município de Irati. Disse que lá, trabalhava com o marido como chacareiros até que seu patrão precisou vender a propriedade e eles foram obrigados a sair.

Sônia falou a respeito de sua atuação como benzedeira na chácara. Disse que sentia muitas saudades e que, lá, tinha acesso às plantas que utilizava para fazer remédios. Contou, também, que na chácara havia aprendido a benzer e a curar animais.

Sobre as plantas disse que lá

[...] tinha remédio para ensinar. Lá era mais fácil. Eu dizia oh! Você está com uma ferida braba; está com um urticário (sic.); está com frebite (sic.); está com ulcera varicosa'. Então a gente dizia: olha, esse remédio você vai achar. Aqui não tem, não tem como mostrar. Então lá a gente não ficava tão perdido. [...] Tudo que é mato é remédio, mas sabendo fazer. Lá era mais fácil, como por exemplo curar anemia. Anemia não é fácil de curar. Você sabe que a anemia prejudica a pessoa que Deus o livre. Então anemia, que você tome a tiririca. Ontem estava aqui uma mulher que estava com a menininha com uma anemia braba. Então a gente cura a anemia na minguante, tem as fases da lua. Daí, ela disse eu não conheço. Aí eu fui ali e não sei como tinha um pé de tiririca. E eu disse olha, é esse aqui. Você vai ter que achar esse pé de tiririca. E é uma praga para o colono, porque não tem veneno que mate. Ele dá tipo uma cebolinha, mas ele dá um remédio. Para mim tudo que é mato é remédio, mas sabendo fazer. Então lá era mais fácil ensinar. Aqui eu ensino sim bastante, mas lá era mais fácil (Sonia Sidoski, 2019).

Maciel e Neto (2006, p.64) escreveu que

No Brasil é comum a troca de receitas que envolvem plantas na cura de enfermidades. Geralmente tais fórmulas foram elaboradas por pessoas mais idosas que experimentaram, testaram e aprovaram estas receitas [...] São as avós, tias, comadres, benzedeiras e rezadores, xamãs, que mantêm esse milenar hábito de uso das plantas na medicina não oficial da cultura brasileira, e em muitas localidades é o único auxílio 'médico' existente, especialmente em áreas onde centros de atendimento médico são inexistentes ou muito distantes

Devido à mudança de ambiente, Sônia precisou adaptar seus conhecimentos. Receita menos chás e remédios caseiros, mas quando é realmente necessário, disse, pede ajuda ao marido para encontrar as plantas adequadas. Além disso, orienta seus

clientes a procurá-las nas lojas que vendem produtos naturais. “O bálsamo que eu dizia ‘passe balsamo para desinchar a perna’ hoje já tem a pomada bálsamo”. Algumas ervas são utilizadas até para a cura da bicharada.

3.2 Arrumando criação

Sobre o benzimento de animais Sonia refere-se ao tempo passado, de sentimentos muito agradáveis e de boas recordações. Disse que tudo começou com um boi que nasceu lá na chácara em que trabalhava com o marido.

Aconteceu por causa desse boi. Porque o patrão foi lá. Nós nos mudamos em junho e em setembro, nasceu um boizinho, lá. Um boi, aquele boi de cupim. Não sei como se diz; aqueles bois que tem um cupimzão. Ele nasceu com esse osso (a paleta) daqui para trás. Ele nasceu virado. Aí, quando ele nasceu, daí o Carlos (veterinário) disse: oh seu Ambrósio (patrão) não tem o que fazer. Tem que matar. Mandou-nos matar. E eu disse :João (marido) eu não vou matar esse boi, eu vou arrumar. Eu peguei, fui lá e pus pra cá (para o lado correto) e daí eu enfaixei e aí nos erguia para dar de mamar. Aí nós íamos dar de mamar para ele e nós erguia em dois. E eu disse; oh seu Ambrósio eu preciso de uma Calminex. Ele disse, porque? Eu disse: eu vou curar. Ele disse: não vão matar? Eu disse: não. E ele disse: uma semana eu não venho aqui, que eu não quero ver o sofrimento desse bichinho. Eu disse: não, só me mande uma pomada. [...] Não levou um mês e ele começou a andar (Sonia Sidoski, 2019).

Sônia nos contou a história emocionada. Era o primeiro animal que ela havia curado e mesmo tendo o veterinário dito não haver cura ela precisava tentar. “Assim como eu ajudo as pessoas, eu precisava ajudar ele”. Com os conhecimentos de benzedeira, também sabia arrumar um osso quebrado, colocar um musculo no lugar. Sônia se apegou ao animal.

O boi era muito manso, era muito manso, muito. Quando o patrão vendeu ele eu cheguei a chorar. Ele vendeu para matar; para carne. Que era um boi... um baita de um boizão. Um boi lindo, lindo, lindo. Até tem foto do meu filho montado. Eu não sei onde está, senão eu tinha achado. Aquilo era muito mansinho (Sonia Sidoski, 2019).

O caso do boi de cupim marcou a história de Sônia como benzedeira de animais. O sucesso na cura fez aparecer e aumentar sua fama como curandeira de gado. Logo as pessoas começaram a trazer suas criações e seus pets para serem benzidas e curadas.

Olha isso aconteceu, tem uns quinze anos ou talvez mais. Uma mulher chegou lá e disse assim: a menina derrubou o cachorrinho da janela. Eu não sei se não quebrou a patinha. Eu digo: vamos arrumar, né? Eu arrumei. Peguei dois pauzinhos assim, amarrei com duas faixinhas assim e pus na patinha e fiz uma faixa e digo: deixe ele ficar uma semana, com esse curativo. Digo, ele não vai mexer a patinha. E daí, depois eu digo: depois daí, traga que a gente tira e vamos ver. Daí ele ficou bem da perna. Então, aí você veja, daquela mulher ela foi falando para os outros, assim como as outras pessoas, que eu arrumo criação. Então daí quantos, quantos que eu já arrumei de criação (Sonia Sidoski, 2019).

Com base nas datas fornecidas na entrevista, podemos dizer que a benzedeira atuou por cerca de dez anos como arrumadeira de criação na chácara de Ambrósio. Sendo assim, esse tipo de atividade começou em torno do ano de 2004. Mas depois que passou a morar no bairro do Rio Bonito, precisou fazer umas adaptações porque as pessoas que a procuram continuam sendo, na maioria, moradores da Serra dos Nogueira o que dificulta o transporte dos animais de grande porte até o local de atendimento. Sônia encontrou uma saída eficiente para o problema: passou a benzer o gado por meio do telefone e até mesmo através do aplicativo WhatsApp.

As vezes eles me ligam e dizem: oh! meu cavalo está com uma bicheira. E eu digo: então pegue lá três ramos... Eu explico, o ramo, um copo de água e vá lá na bicheira. Eu daqui, pelo celular, vou contando para ele lá. Às vezes eu vou na casa do outro, né? Mas eu não gosto de ir na casa dos outros. Prefiro eu ensinar e eles façam na casa. Ensinar não muda. Animal também precisa. Sim! Precisa de muita proteção para os animais (Sonia Sidoski, 2019).

Podemos perceber que mesmo para continuar com suas práticas de benzeções ela precisou adaptar e reformular a forma como exercia seu ofício. A tecnologia de comunicação se torna um espaço de estreitamento das relações e de diluição das fronteiras entre os animais humanos e os não humanos, porque, como gente, os animais são benzidos à distância. O WhatsApp foi lançado em 2009 para usuários de iPhone e logo se popularizou. Passou a fazer parte do cotidiano de inúmeras pessoas superando a casa dos cem milhões de usuários no Brasil. Para a benzedeira Sonia não foi diferente. Com o auxílio do neto, aprendeu a usar o aparelho de celular e assim passou a atender pessoas que moram em outros bairros, outras cidades e até mesmo em outros estados.

Às vezes, de noite eu estou ali, deitada e olho o celular e está cheio de mensagem. E aí eu vou respondendo. Respondendo e mandando o que fazer. Oh! o que eu aprendi: meu neto me ensinou a falar em áudio. Aí, em áudio, para mim é mais fácil. Ele disse: a vó aperta aqui, fala e aí a vó manda. Que daí é mais fácil. Daí, falam lá: meu cavalo ficou

doente. Eu digo: vamos fazer um remédio; e mando dar. E aí eu pergunto: o que está acontecendo? Eles dizem: acho que prendeu a bexiga. É um cavalo ou uma égua? É uma égua. Então pegue o chinelo do teu marido e passe em cruz na barriga dela. Oh! Isso é uma simpatia... e dê chá de salsa. Então veja... por telefone. A turma agora mais está procurando por telefone, porque eles estão longe, né? É longe não tem como; então a gente faz (Sonia Sidoski, 2019).

O celular pode ser considerado como um novo utensílio no ritual de benzimento. O uso de utensílios e objetos além de imagens de santos é comum em algumas práticas de benzeções, como por exemplo, o pano para a prática de “costura”, a cera de abelha, no rito de derramar cera. Podemos dizer, portanto, que o aparelho celular utilizado para os rituais de cura, naquele momento, adquire outro significado: mais do que um mecanismo de comunicação. Durante o tempo em que a benzeção acontece, se torna o elo ou a ponte entre a agente de cura e a pessoa ou animal a ser curado. Como se o celular naquele momento fosse uma extensão do corpo do bicho ou da gente, assim como acontece com a utilização de fotografias ou quando alguém traz o nome de um parente ou amigo, ou de uma criação (como veremos adiante) para ser benzido. Naquele momento durante a benzeção, aquela fotografia e aquela folha de papel onde está o nome do animal humano ou do não humano, se tornam uma extensão do corpo doente. (VAZ, 2006, p.100)

Além de benzer para curar animais, Sonia também conhece simpatias e rezas para afastar criaturas indesejadas, prejudiciais ou incômodas. Esses benzimentos do âmbito da câmara dos não humanos, segundo ela, são dos mais procurados pelas pessoas que vão a ela. Costuma-se solicitar tais práticas quando surgem, em suas casas, muitos insetos ou animais vistos como repugnantes e quando falham os repelentes e outros defensivos. Sônia explicou o seguinte:

[...] eu atropelo formiga, espanto lagarta, lesma, rato e aranha. Tudo que é inseto que te prejudica. Esse é tudo o que te prejudica. A gente amaldiçoa, mas não manda para ninguém. Não precisa ter medo, porque tem gente que manda. Mas eu não. Eu mando para um lugar que não tenha, pão, vinho e nem água (Sonia Sidoski, 2019).

Conforme nos esclareceu, direciona esses animais para locais sem pão, sem vinho e sem água. Por que o pão e o vinho são alimentos muito importantes, disse. Foram deixados por Jesus; e água, é para um local que tenha pouca água: “todo mundo toma água, nós e os animais, mas em um lugar com pouca água, esses animais vão se acabando”.

Para Sonia espantar pulgas, ratos, formigas e para todo tipo de animal implica convencê-los por meio de uma conversa. Disse que “as pessoas não sabem conversar com os animais, a gente tem que conversar com eles. Você pode conversar com animais, isso já falaram para você? Sabia que você pode conversar com animais?” Então, isso é algo que todos podem fazer sozinhos sem recorrer a nenhuma força superior; mas que as pessoas não sabem falar com os bichos, não têm paciência com os animais.

[...] você chega lá e fala com eles. Pede para ir embora. Fala que aquele não é lugar deles, que eles precisam ir. Mas, você tem que saber falar com eles, não pode chegar xingando. Não pode gritar e brigar com eles. Porque eles sentem e eles não vão ir embora (Sonia Sidoski, 2019).

Portanto para a benzedeira existe uma forma correta de se falar com os animais e uma forma errada; e segundo ela, todos eles entendem. A conversa com os animais é uma técnica que todos podem dominar. É igual conversar com outras pessoas: “se eu for grossa com você, se eu xingar você, você também vai me xingar e vamos brigar”.

A partir da leitura dos escritos de THOMAS (2010, 135) ficou claro que a conversação com animais não humanos, bem como a atitude de percebê-los como seres capazes de compreender a linguagem usada pelos animais humanos não é novidade. No caso dos domésticos, na Inglaterra do início da modernidade

Também era comum que se falasse com eles, pois seus donos, ao contrário dos intelectuais cartesianos, nunca os consideravam incapazes de entender. “Olá, olá rapaz! Vem, pássaro, vem”, diz Hamlet, e os dicionários de dialetos oferecem-nos ampla gama de tais formas de tratamento²².

Sônia nos relatou que, além de convencer os animais considerados como pragas a deixarem os humanos em paz, também sabe essa linguagem dos animais domésticos, como vimos apontada por Thomas. Disse que ensina técnicas de falar com o gado para as pessoas que a procuram e também, instrui como treinar esses animais, principalmente quando as pessoas reclamam que seus cavalos ou vacas não querem ir para o pasto ou não querem fazer seu trabalho. Explicou que pergunta a quem a procura:

²² Gansos e galinhas eram chamados para comer: “Yuly, Yuly!”, “Coom Bidy” (de comer, I bid Thee: venha, eu te ordeno); ou mandados embora: “Shoo, shoo”, “Shough, shough!”. Aos porcos se dizia: “sic, sic, sic”, no Norte; “Chuck, Chuck”, em Hampshire; “sug, sug”, em Norfolk; “sook, sook”, em Devon. “Barek up”, dizia a ordenhadeira de Norfolk, enquanto amarrava suas vacas. “Rynt thee”, gritava suas colegas de Cheshire, querendo dizer “Mexa-se, terminei”. “How up, how up”, berravam os homens a guiar o gado.

[...] você treina o cavalo? Diga para o cavalo: eu vou dar milho para você comer. Coma para você ganhar o pão de cada dia para o seu sustento. Se você não ir trabalhar você não vai ter comida. Igual para um jovem. Jovem vai trabalhar para ganhar o pão de cada dia. A mesma coisa, o cavalo. O cavalo é ruim. Se você surrar o cavalo ele te dá coice. Se você agradar ele, ele te dá carinho. Ele esfrega o fuço dele, ele dá muita coisa boa. Como o cachorro. O cachorro se você é inteligente, você bate no chão e não nele e fala para ele o que tem que fazer (Sonia Sidoski, 2019).

Podemos dizer que se trata de um saber muito antigo no âmbito do trato com os animais de trabalho, passado de uma geração à outra, de uma maneira geral. Thomas (2010, p.135 – 136) nos mostra que, na Inglaterra, para animais de labuta como os cavalos, as técnicas de conversa que existiam nos dicionários de dialetos eram mais extensas do que para os outros animais domésticos.

“Cavalos e mulas”, afirmava um autor seiscentista, “entendem a linguagem dos carroceiros, que com seus termos de ofício como “Gee’ e “Ree’ e outros semelhantes fará com que avancem ou parem, virem à esquerda ou direita, segundo sua vontade [...] Os cavaleiros aristocráticos empregavam vocabulário mais altivo. Os mestres de equitação recomendavam “Ha, Villain” [ah, Vilão], “Diablo!”, e “ameaças do gênero”; ou se o cavalo devia ser incentivado, “olá, assim rapaz, aí rapaz, aí!”. Os domadores profissionais adquiriram a reputação de serem capazes de se comunicar por assovios ou um cochichar misterioso no ouvido do animal.

Sonia disse que certas criaturas que infestam animais causando-lhes doenças precisam de uma abordagem mais agressiva para cessar os males que fazem. Nestes casos é preciso que se faça um rito usando fórmulas de maldição. Sônia explicou que “bicheira a gente amaldiçoa. Bicheira, berne, carrapato a gente amaldiçoa”. Disse também que quando uma bicheira se torna muito grande e ela não consegue cortar o mal, pede a São Jorge para ajudá-la. “E aí bicheira a gente amaldiçoa; amaldiçoar... e se ele não vai, aí a gente pede para São Jorge que amanse a bicheira, que ela fique calma” (Sonia Sidoski, 2019).

Mas algumas benzedeadas não gostam de curar doenças causadas por parasitas por conta da necessidade de amaldiçoa-las. Maria Silva, nascida em 1962, que mora no Rio Bonito e trabalha como benzedeadas há trinta e nove anos, nos relatou que começou a benzer desde 1980, mais ou menos. Disse que herdou o conhecimento da benzeção de sua avó. A mãe e as tias de Maria, segundo informou, não quiseram aprender o ofício da cura.

Eu aprendi com a minha avó que passou o cargo dela para mim. Que quando minha avó morreu, eu tinha nove anos. Eu era pequena [...]. Ninguém quis ficar com as coisas dela, de benzimento, de carta que ela via. Aí ela falou para o meu pai que ninguém queria e ela ia deixar para mim quando eu fosse maior (Maria Silva, 2018).

Conforme relatou Maria, seu pai também sabia benzer e ele mesmo ensinou-a algumas rezas. Benzia gado e gente. “Meu pai ele benzia criança, tudo que é mordida de bichinho ele benzia, mordida de cobra, ele curava criação também”. Disse

Eu benzo os bichinhos também, benzo. Então a gente cura os bichinhos. Gosto dos bichinhos e tenho os meus bichinhos também. E não gosto de ver ninguém judiar dos bichos. As vezes eles precisam de uma cura, estão abatidos, estão tristes e a gente faz uma reza. Uma oração e eles melhoram (Maria Silva, 2018).

Mas no caso de parasitas ela nos contou que prefere não trabalhar com esse tipo de doença.

A gente cura até bicheira. Bicheira eu não gosto de curar, porque bicheira, quando é uma criação cria um bicho e não consegue se livrar você tem que amaldiçoar, né? Daí, para amaldiçoar você vai ter que colocar o nome de uma pessoa que trabalha no domingo. Então, aí eu não gosto, porque aqui, da maneira que eu trabalho, eu só ajudo os outros. Aqui não existe maldade. Aqui não existe nada disso, né? (Maria Silva, 2018).

Podemos perceber, nesse caso, uma diferença entre as práticas realizadas por Sônia e por Maria Silva. As duas benzem para curar animais, mas no caso da primeira, não existe a necessidade reportar-se a alguma pessoa conhecida e que trabalhe aos domingos. Quando percebe que é o caso de doença grave, ela pede ajuda a São Jorge. Mas na aprendizagem que Maria Silva recebeu existe essa obrigação.

Maria explicou que tem medo de fazer algo ruim, que tenta fazer as coisas todas de forma correta. “Tenho muito medo do castigo de Deus, eu tento fazer minhas coisas certinho. Não faço nada de errado”. Ela disse que existem muitas pessoas que têm o dom, mas ao invés de curar, exploram os outros e para ela isso é extremamente errado; argumentou que não quer ser vista como uma dessas pessoas. Por isso não faz nada que possa parecer maldade. Mesmo com esse temor percebemos que aqui houve uma coincidência entre a prática encontrada por nós e aquela citada por Tussi, como encontrada no faxinal dos Krüger. Ela nos mostra que a maldição faz parte do rito de cura da bicheira e que inclui a necessidade de mencionar uma pessoa que trabalhe aos domingos. O ritual descrito consiste em

Contar os números de 1 a 100; após isso, contar os números de trás para frente (100, 99, 98...). Depois, deve-se amaldiçoar a “bicheira” no nome de uma pessoa que trabalha em dia de domingo e fazer uma oração de defesa, que pode ser o Pai Nosso, Salve Rainha, Santa Maria, Creio em Deus Pai ou outra. (TUSSI, 2017, p.13).

Outra benzedeira que declarou não fazer benzeção destes parasitas foi Telina Qulis. Nascida em 1938, mora no município de Rio Azul, na localidade do Salto do Potinga. Nos disse que esse tipo de benzimento não fazia, porque “dizem que não é bom” (Telina Qulis, 2019). Então perguntei a Maria Silva porque havia diferença entre benzer e amaldiçoar os parasitas. Ela respondeu que não sabia. Que havia aprendido assim, mas por se tratar de amaldiçoar algo e usar o nome de alguém não fazia. Mas sabe-se também que quem benze pode substituir o nome próprio por uma fórmula genérica do tipo: “esses bichos hão de se acabar como toda pessoa que trabalhe aos domingos”. Então, se condena o ato e não um sujeito específico.

Sônia explicou que benzia porque tais doenças são causadas por parasitas.

Eles são animais, né? Eles tão fazendo o que sabem fazer, mas às vezes eles são muitos, eles começam a fazer mal para o cavalo, mal para a vaca e aí a gente tem que tirar. Aí uma reza às vezes não funciona, às vezes a simpatia funciona, às vezes São Jorge ajuda, mas às vezes é preciso amaldiçoar. Aí, é como eu te falei. Aí a gente amaldiçoa, corta eles e eles acabam (Sonia Sidoski, 2018).

Estas práticas, no entanto, se aplicam à parasitas externos. Quando se trata de infestação interina, “A gente reza para Deus, né? Para ele curar aquela criação; você diz o nome da criação e faz a oração e pede para a Santíssima Trindade para curar aquela criação que está precisando” (Telina Qulis, 2019). Quando pedimos um exemplo de cura que ela tinha alcançado para algum animal, nos contou sobre uma de suas vacas que estava doente há alguns meses.

[...] eu faço assim para terneiro quando tem bicha.²³ Até a mãe dessa vaquinha ali (apontou para o animal que pastava próximo da casa) estava quase morta e demos remédio do veterinário e tudo; e nada adiantou. Aí eu disse para a minha neta: vamos fazer um remédio de casa. Eu peguei e pus esse soro de leite azedo, sabe? na água e alho e “taquemo”²⁴ nas ventas dela, sabe? Meia garrafa mais ou menos. Aí peguei dois ovos e também, “taquemo” em cima. Aí, pegamos leite fresco e “taquemo” por cima de tudo. Quando foi no outro dia, a

²³ Lombrigas.

²⁴ Administramos.

terneira²⁵ lavou a estrebaria de bicha, sabe? [...] Aí, hoje está bem. Está até hoje aí se criando (Telina Qulis, 2019).

Benedeiras (ores) ascendentes de poloneses, como explicado no início do capítulo, era um dos nossos objetos de pesquisa. Na cidade de Irati encontramos a benedeira Sonia Sidoski que tem esta descendência; as outras pessoas entrevistadas moram em Mallet e Rio Azul.

Essa região toda é assim povoada porque, durante o século XIX e início do XX, o Brasil recebeu centenas de milhares de imigrantes vindos diferentes lugares do mundo, sobretudo da Europa. Muitos deles vinham com o sonho de uma vida melhor, de enriquecer e de, talvez, voltarem para suas regiões com uma situação financeira melhor, segundo Teleginski (2016 p.73).

Quando se considera a imigração polonesa constata-se o sonho daqueles imigrantes em se tornarem proprietários de um pedaço de terra ou conseguirem trabalho para colocar comida na mesa. Ao deixarem suas aldeias, muitos dos que emigravam eram vistos por seus alguns de seus conterrâneos, que se engajavam em movimentos sociais contra a opressão vivida, como traidores, por “abandonarem” a luta pela liberdade da Polônia que se encontrava sob o domínio estrangeiro.

Durante o período que se estende entre o século XVIII e o início do XX a Polônia estava dividida entre três grandes potências, a Prússia, a Áustria e a Rússia. E sob esse regime, os poloneses sofreram com “desnacionalização”. Nesse contexto, era proibido que essas pessoas usassem sua língua materna ou realizassem manifestações artísticas e culturais ligadas à nação. (Teleginski, 2016, p.74). Muitos desses poloneses viram no Brasil como um lugar onde estariam livres, mas devido à tripartição do território polonês, muitos desses imigrantes não foram reconhecidos como poloneses, e sim “classificados nas estatísticas oficiais com diferentes denominações, ora como poloneses ou polacos, ora como austríacos, galicianos, silesianos, russos e até mesmo alemães” (TELEGINSKI, 2016, p.75).

Niewiadomski (2018, p.3) escreveu que

A região sudeste do Paraná é caracterizada pela emigração eslava, polonesa e ucraniana, nessas comunidades a cultura eslava continua viva e os descendentes preservam as tradições de seus antepassados, seja na culinária, nos ritos religiosos, no artesanato típico, nas crenças e, principalmente, nos sistemas linguísticos trazidos pelos seus ancestrais.

²⁵ Bezerra.

Ora, se eles (ou pelo menos alguns deles) mantêm os rituais, as crenças e a língua e se algumas dessas pessoas atuam com benzeções, então, podemos ver a especificidade dessas práticas no ambiente da eslavidade. Encontramos algumas pessoas de origem eslava que também são benzedeadas, mas nem todas preservaram a língua de seus ancestrais.

3.3 Sapos e cogumelos.

Lúcia Kruk administra um espaço de tipo “pesque e pague”, com sua família, na cidade de Rio Azul. Nos contou como começou a benzer. Disse que herdou o conhecimento de sua mãe e já fazem trinta e quatro anos que trabalha como benzedeadora, uma vez que começou o ofício por volta de 1985. Explicou que, no início, não tinha muita fé que aquelas coisas dariam certo, até que um dia, o filho de uma vizinha precisou da sua ajuda.

[...] quando ele chegou aqui... Tipo as bichas atacaram e aí ele começou assim, espumando e vomitando. Aí, ela pediu para eu fazer; e aí eu fiz, né? Peguei a cera, porque para as bichas é a cera que corta. Aí, eu benzi das bichas e não deu quinze minutos e aquele menino estava normal, sabe? (Lucia Kruk, 2019).

Lúcia relatou que mesmo herdando os conhecimentos de sua mãe - uma ascendente de poloneses - a maior parte das rezas para curar doenças aprendeu com a sogra, também possuía antepassados que eram imigrantes vindos da Polônia. Sobre a mãe do marido, disse o seguinte: “Eu fui morar com ela e as pessoas iam atrás dela e aí eu começava a derreter a cera e fazer as coisas para ela. Eu comecei a fazer para ela e aí eu fui atuando na área e aí o pessoal começou a vir e continua vindo” (Lucia Kruk, 2019).

Nos disse Lúcia que atua como benzedeadora por conta do amor que sente para com as crianças e que sua especialidade é benzê-las. “Quem dizem: que venham a nós as criancinhas do reino de Deus. Então eu faço tudo por amor as criancinhas” (Lucia Kruk, 2019). Contou ainda que além de fazer os benzimentos, também fornece dicas para as mães das crianças.

Que tem mães de primeira viagem que não sabem quase nada sobre ter um filho. Então você geralmente vai dando as orientações. Que daí as mães não sabem, né? Se a mãe está nervosa e ela vai amamentar ela vai passar no leite. O leite já é nervoso e aí ele vai passar as energias

negativas para a criança. E aí a gente ensina também que o bebe sempre quer estar na presença da mãe. Então a gente ensina assim: se a mãe usa um perfume, uma coisa assim, ela pode passar nela e no bebe e aí o bebe pensa que ele tá em contato com a mãe. Porque naquele momento ele sente o cheiro, assim, ou uma roupa que a mãe usa ela pode colocar perto do berço do bebe. Ela vai dar mais calma para o bebe, porque o bebe pensa que a mãe está ali. O bebe quer ficar o tempo todo agarrado na mãe, né? Com o cheiro da mãe, né? (Lucia Kruk, 2019).

Durante essa entrevista pudemos perceber o quanto as práticas das benzeções estão ligadas ao cotidiano, tanto das pessoas como dos animais; tanto de filhotes quanto adultos. Minha avó e meu avô paternos planejaram um atendimento com uma dessas benzedeadas de origem polonesa porque alguém lhes dissera ser ela a pessoa mais preparada para cortar o ar. Nossa conhecida Leoni havia diagnosticado que o idoso retinha muito ar no corpo. A quantidade era tão alta, disse ela, que somente uma especialista em queima de ar poderia ajudá-lo. Eu fui os acompanhando. A especialista indicada chamava-se Maria Frontik, vizinha próxima de Lúcia. Maria Frontik é nascida em 1931, e segundo ela, benzedeadora desde criança.

Ao chegarmos à casa de Maria fomos recebidos por ela e por seus vários gatos. Nos contou que morava sozinha, desde que seu marido faleceu, há vinte anos, mas seus filhos, que residem em Rio Azul iam visitá-la quase todos os dias. Segundo o que disse, quando “[...]chegava da escola e a mãe dizia, veja lá aquela criança... não está boa. E a gente ia lá, fazia uma oraçãozinha e ela melhorava” (Maria Frontik, 2019). Disse também que aprendeu a benzer com uma tia que também era benzedeadora e que quando era pequena, conversava com os vizinhos em polonês, mas que hoje em dia não consegue mais lembrar das palavras. “Era, mas eu agora não lembro mais polonês. [...] E aí esquece” (Maria Frontik, 2019).

Explicou que, entre as doenças que as pessoas costumam procurar por sua ajuda, estão também situações que ela não pode ajudar. Que não são assuntos que benzedeadora possa ajudar:

Muitos... qualquer coisa eles pensam que a gente ajuda. Tipo uma moça lá briga com o rapaz e aí ela vem aqui para ver se ele volta com ela. Digo essas coisas a gente não... eu não lido com essas coisas de baralho e essas coisas. Não, não é comigo. Eu só sei tirar susto, benzo de cobreiro, queimo o ar e faço costura para machucadura. Essas coisas de benzedeadora, né? (Maria Frontik, 2019).

A menção à doença chamada popularmente de cobreiro na língua portuguesa levantou a questão, durante a entrevista, de como seria nomeada tal enfermidade em

polonês. Maria é de origem polonesa, mas não utiliza mais a língua, o que seria uma boa oportunidade para entrarmos no espaço da cultura popular eslava.

Cobreiro é o nome português para uma série de afecções da pele que estariam associadas ao contato com as serpentes, as aranhas e a outros animais peçonhentos. O nome na língua portuguesa relaciona-se a um animal, (cobra) assim como o sapinho (sapo) e a chamada doença de mico (macaco). A questão que emergiu, então, era saber se na língua polonesa, na cultura eslava, este tipo de doença que estas benzedeadas lidavam tinham também nomes de animais ou se tal forma de nomeação seria típica das culturas de matriz portuguesa/indígena/africana.

Aproveitei para entrevistar Maria que em seguida pediu para que eu chamasse meus avós para atendê-los. Assim que meus avós entraram perguntou o que estava acontecendo e minha avó contou.

Ele está com muito ar no corpo. Uma benzedeadinha perto de casa benzeu ele, mas disse que ele precisava procurar uma que pudesse queimar o ar. Durante a noite ele fica se repuxando, repuxando o corpo. E agora está aparecendo umas bolinhas na cabeça dele. Até fiz ele raspar o cabelo bem curto para ver se sarava, mas não sarou.²⁶

A benzedeadinha logo em seguida respondeu: “é ar, é muito ar que tem nele. Por isso ele fica se repuxando quando dorme. Mas nós vamos cortar, vamos queimar todo esse ar aí e ele vai ficar bom” (Maria Frontik, 2019).

O rito de queima de ar praticado por Maria Frontik consistiu no seguinte. Primeiro ela pediu para que meu avô deitasse de lado num sofá com o rosto virado na direção da parede. Em seguida, cobriu a cabeça dele com um pano. Sobre a cabeça coberta, colocou um pouco de pólvora em cima do local onde fica a orelha. Em seguida, pegou um pequeno ramo de palha e uma caixa de fósforo. Depois de fazer uma reza com a voz muito baixa, acendeu o fosforo e queimou a ponta da palha que estava em suas mãos. Com o material em chamas, aproximou o fogo da pólvora e uma lavareda de cerca de vinte centímetros de altura surgiu junto com um pequeno estrondo. Até mesmo a benzedeadinha se assustou com a altura do fogo e comentou “nossa vida, que ar forte. Pegou ar da réstia”.²⁷

Após o benzimento Maria explicou que nem todas as benzedeadas queimam o ar e que ela mesma já estava com dificuldades de continuar fazendo devido às barreiras que estava encontrando para comprar a pólvora. Explicou que compra “[...] essa pólvora

²⁶ Com base na fala de Maria da Luz Gonçalves, feita para a benzedeadinha Maria Frontik.

²⁷ Raio de sol.

lá de Irati. Minha neta me traz. Por aqui eles não vendem e não tem. Lá também não estão querendo vender, porque muitos jovens compram para fazer bomba caseira” (Maria Frontik, 2019). Temos nessa fala também um exemplo de benzimento que logo vai precisar ser modificado. Ela nos disse que também benze animais, mas como informou que não sabia mais a o polonês fomos procurar outras pessoas que benzem e usam o idioma.

A benzedeira Telina Qulis e a benzedeira Palmira Lewandowski, que iremos apresentar logo em seguida, moram em localidades bem afastadas da cidade. Recorremos à ajuda da professora Reguina, que conhece algumas pessoas com ascendência polonesa na cidade de Mallet e, entre elas, pessoas que se enquadravam no perfil que estávamos buscando. O primeiro contato foi o benzedor Zugmundo Rosinek, mas ao entrarmos em contato, seus familiares nos informaram que ele não estava bem de saúde e que mal conseguia se comunicar. Sua filha, então, nos passou o nome de Palmira Lewandowski e nos disse que esta morava na localidade do Braço Salto do Potinga, próximo à divisa entre o município de Rio Azul e de Mallet. Informou também que Palmira era uma amiga da família e que também falava polonês.

Encontrar a casa indicada foi bem difícil, primeiro porque não conhecíamos a região interiorana de Rio Azul e de Mallet e também porque pelas informações que tínhamos, ela ficava numa localidade afastada da cidade, pelo menos uns vinte quilômetros. Para facilitar nessa busca entramos em contato com dois policiais que trabalham na cidade e que eram amigos do meu pai, que também é policial militar. No dia seguinte eles nos ligaram e disseram que sabiam onde era a casa da família Lewandowski e que poderiam nos ajudar a chegar até eles.

Com essa informação partimos para a cidade de Rio Azul na tentativa de encontrar aquela benzedeira. Chegando à cidade, encontramos os dois policiais e seguimos por estradas de terra, com eles nos guiando por cerca de trinta minutos até a casa onde diziam que a família Lewandowski morava. Chegando lá não era a família da benzedeira Palmira e sim outra, com o mesmo sobrenome. Perguntamos para eles se conheciam essa benzedeira, mas a pessoa que nos atendeu disse nunca ter ouvido falar, mas que sabia que mais próximo do município de Mallet havia outros Lewandowski. Ele nos indicou voltar e pegar outra estrada que nos levaria até a localidade Braço Salto do Potinga. Naquele momento nos separamos dos policiais que nos ajudaram chegar até ali. Eles voltaram para o centro de Rio Azul e nós seguimos por nossa conta, o que dificultou um pouco mais as coisas.

Por sorte, encontramos algumas pessoas que a conheciam e que nos disseram que estávamos no caminho certo. Em uma dessas paradas para pedir informação nos contaram que havia outra benzedeira logo à frente e que ela se chamava Telina. Já que estávamos lá, decidimos chegar para conversar com ela também. Era Telina Qulis que apresentamos a cima.

Com sua ajuda soubemos, também, que estávamos próximos da casa de Palmira e após uma conversa com ela, seguimos em frente. Quando entramos no lugar, fomos atendidos pela família da benzedeira que estava reunida na varanda de sua casa. Estavam presentes seu marido, sua filha, sua sogra e uma criança pequena que era seu neto; além disso, de alguns gatos e dois cachorros faziam parte do grupo.

Palmira nos contou que já trabalhava como benzedeira há cerca de trinta anos, isso é desde 1990 e que havia herdado o conhecimento de sua mãe. “Aprendi com a minha matka,²⁸ minha mãe era benzedeira e ela pegou do pai dela e aí ela passou pra mim” (Palmira Lewandowski, 2019). Disse que tanto sua mãe, quanto seu avô eram ascendentes de poloneses e que as pessoas da sua região costumam procura-la em busca de benzimentos e também de simpatias. “Sim tem bastante. Tem bastante gente que busca por aqui. Para bronquite, mordida de aranha, mordida de cobra, costurar machucadura eu faço, tirar susto e eu faço assim para animais também, né?” (Palmira Lewandowski, 2019).

Em relação à cura de animais, os casos mais frequentes são: “[...] berruga nas tetas das vacas, mordida de aranha, de cobra em cavalos e na vaca também, né? Bicheira também faço, né?” (Palmira Lewandowski, 2019). Diferentemente de Sônia e de Maria Silva, Palmira não falou em nenhum momento sobre a dificuldade de curar bicheiras e nada disse sobre a necessidade de reportar-se a gente que trabalha aos domingos. De acordo com seu relato, parece ser um procedimento normal. “Ah! Para bicheira, faço muito. Muita gente vem procurar e aí a gente reza. Faz os pedidos e funciona” (Palmira Lewandowski, 2019).

Outro detalhe importante na fala de Palmira... Ela se nega a benzer cachorro, gato e cabrito. Disse que “[...] para o gato, não se faz benzimento; para cachorro não se faz benzimento, porque não pode; e para cabrito, também, não faz benzimento” (Palmira Lewandowski, 2019). Disse que não sabia explicar o motivo da proibição, mas que sua mãe havia lhe ensinado daquela forma. Enfatizou que não chegava a ser uma

²⁸Matka em polonês é Mãe.

proibição, mas uma informação de que a benzeção destes animais não surtia efeito algum. Este seria um dado a ser investigado para saber se se trata de uma particularidade do universo cultural das benzedeadas de tradição eslava. Em todo caso, nota-se, aí, uma configuração específica das fronteiras entre a câmara dos animais humanos e a dos não humanos. Cães, gatos, cabritos e animais selvagens estariam numa posição inferior à das criaturas não humanas que podem ser benzidas.

Palmira informou, também, que quando as pessoas precisam de cura para um animal que não se pode ou que seja de difícil transporte até ela, recorre a um procedimento especial: faz o benzimento através do nome do animal que deve ser informado pelo dono.

Aqui benzimento de animais eu faço também pelo nome. Assim, por exemplo: mordida de cobra para os animais, para o cavalo ou para a vaca que não consegue vir até aqui. Aí, eles não procuram veterinário. Eles vêm primeiro aqui. Daí, se adianta não precisa, né? Eu faço no rio com faca. Aí tem que pegar água e aí a água eu dou para levar para casa. Aí, eles têm que passar três vezes. Não... nove vezes passar a água (no ferimento) e também têm que cuidar da comida, né? O que você vai dar de comida (Palmira Lewandowski, 2019).

A benzedeadada pode ser considerada como uma espécie de pronto atendimento dos animais domésticos, no caso, de picadas de cobras. Mas o dado de que o animal pode ser curado por meio do nome demonstra a proximidade das relações que estes agricultores estabelecem com os animais domésticos. Thomas (2010, p. 134) escreveu a respeito deste assunto. Na Inglaterra do início da idade moderna,

Ovelhas e porcos não costumavam receber nomes individualizados, mas as vacas sempre os tinham; não nomes humanos, pois a distância havia de ser preservada, mas nomes de flores, como cravo ou lírio, ou epítetos descritivos que com frequência, denunciavam afeto por parte do proprietário. Em Essex, na época Tudor havia vacas com o nome Bondosa, Nariz castanho, Cabelos brancos, Botão e Graciosa. [...] Os touros tinham nomes menos lisonjeiros e emotivos, embora alguns fossem chamados de Bem-amado e Soberbo. Os bois de tiro, sob a mesma canga, traziam pares estereotipados de nomes destinados a soar distintamente, quando o lavrador os chamassem: Crespo e Castanho, Águia e Falcão [...].

Atualmente, na região em que acontecem estas benzeções, como em outras regiões do Brasil em que o contato dos humanos com vacas, bois e cavalos é cotidiana, estes continuam a receber nomes específicos. Mas é preciso considerar que a distância entre o mundo dos animais domésticos e dos animais humanos foi aumentando durante

o período moderno, quando surgiu uma nova sensibilidade, uma nova estética em que os animais de criação foram sendo alijados dos espaços domésticos.

Durante a entrevista com Palmira ouvimos várias palavras em polonês, tais como *dziadek* que tem como tradução avó. *Matka* que é mãe em polonês. E em certo momento quando ela referiu-se a uma doença que afetava os cavalos, ela utilizou-se da palavra *travagem* e demonstrou que não conhecia essa doença por um nome em português.

[...] *travagem* é em polaco. É tipo um sapinho que dá em cavalo. Ele cresce no céu da boca do cavalo, daí aparelha com os dentes e o aí o cavalo não come. E aí para terminar com isso, você esquentava um ferro quente e queimava. Mas daí eu faço o benzimento e ele desaparece, sem precisar judiar do bicho. Aí não precisa queimar (Palmira Lewandowski, 2019).

Como a benzedeira referiu-se a esta doença com nome na língua polonesa, perguntamos se conhecia o nome de outras. Respondeu que não sabia todas, mas que falaria de algumas: “[...] dor de dente que muita gente busca, essa é *Ból zęba*; dor de cabeça que também procuram é *Ból Głowy*. Aí, tem também essa doença que chamam mingua de macaco que chamam. Aí em polaco é *Suszona*”. Outras doenças citadas pela benzedeira foi “sapinho = *Betki*” (Palmira Lewandowski, 2019). e “bicheira em polaco é *Robak... Robactwo*” (Palmira Lewandowski, 2019).

Com a ajuda de Sônia Niewiadomski buscamos compreender quais eram as traduções destes termos e também se tinham ligação com animais como no nome português. Para isso utilizamos de dicionários online e também de alguns sites, mas o acesso a essas informações não são tão fáceis, por que não são muito pesquisados e também porque na Polônia muitos sites com artigos científicos só são acessíveis por meio de pagamento o que dificulta o acesso a informações.

A explicação para as duas primeiras palavras é mais simples: *Ból zęba* tem como tradução dor de dente, pois *zęba* = a dente e *Ból* = a dor. E a palavra *Bóle Głowy* tem como tradução dor de cabeça, sendo *Bóle Głowy* = dor de cabeça.

Quando perguntamos se Palmira conhecia o nome para bicheira em polonês, ela ficou na dúvida e precisou pensar um pouco antes de responder. Com a ajuda do marido que também é ascendente de poloneses e usuário da língua, respondeu que seria *Robak*

²⁹ *Robactwo*.³⁰ Ficou na dúvida entre as duas palavras. *Robak* em polonês significa

²⁹ Disponível em: <https://sjp.pwn.pl/sjp/robak;2515423.html> Acesso em: 14/06/2019.

verme, larva e parasita. Enquanto isso, *Robactwo* é denominação para designar conjunto de vermes, larvas ou parasitas.

Podemos compreender, portanto, que as duas palavras descrevem o que seria a doença bicheira, uma ferida causada por vários vermes ou larvas que se alimentam da carne do animal ainda vivo. Ouvindo a entrevista gravada, Sônia pode notar que Palmira falava *Robactwo*, com “s” e não com “c”. Pronunciava *Robastwo*, que segundo Sônia essa é uma variação dialetal na Polônia. A bicheira também pode ser designada como miíase, entre os veterinários, o que seria traduzido, em polonês, como *Muszyca* ou ainda larwa wędrująca.³¹

Palmira aplicou o termo *Betka*³² para a doença chamada sapinho. Essa palavra assim como *Robak* também possui algumas variações. Pode ser *Betka*, *Betki*³³ quando é no plural, mas nenhuma delas significa sapo ou outro animal. O termo aplica-se a uma espécie de cogumelo que, embora comestível, é classificado como produto de má qualidade. Afirma-se que, na Polônia, as pessoas ricas comiam os cogumelos do tipo *Grzyb*, de qualidade melhor e mais bonitos, enquanto que os mais pobres eram obrigados a comer os fungos mais feios, de qualidade inferior e conhecidos como *Betka*.

Pelo que conseguimos encontrar a respeito dessa palavra, é pouco usada atualmente na Polônia, mas levando em conta que essas pessoas com ascendência polonesa que se instalaram no Brasil no final do XIX e início do XX, é normal que o termo seja utilizado aqui. É interessante notar que o nome popular da candidíase em polonês não tem relação com um animal e sim com um vegetal. Mas há outra doença que se relaciona a um animal, a mingua.

A mingua de macaco, segundo Palmira chama-se *Suchoty*.³⁴ Em polonês essa palavra é utilizada com o significado de tuberculose³⁵ ou como moléstia da garganta.³⁶ Segundo Sônia os ascendentes de poloneses da região do Paraná costumam utilizar a palavra *Suchy* para designar pessoas magras. *Suchy* ou *sucha*, que estão no gênero feminino e masculino são sinônimos para a palavra seco em português. Por exemplo,

³⁰ Disponível em: <https://sfery.fandom.com/wiki/Robactwo> Acesso em 14/06/2019.

³¹ Disponível em: <https://pl.m.wikipedia.org/wiki/Muszyca> Acesso em 14/06/2019.

³² Disponível em: <https://obcyjezykpolski.pl/to-dla-mnie-bedlka-bedka-betka/> Acesso em 14/06/2019.

³³ Disponível em: https://pl.wikipedia.org/wiki/Czernid%C5%82ak_ko%C5%82pakowaty Acesso em 14/06/2019.

³⁴ Disponível em: <https://sjp.pwn.pl/doroszewski/suchoty;5502218.html> Acesso em 14/06/2019.

³⁵ Disponível em: <https://polki.pl/zdrowie/encyklopedia-chorob,gruzlica-pluc,8,choroba.html> Acesso em 14/06/2019.

³⁶ Disponível em: <https://sjp.pl/suchoty> Acesso em 14/06/2019.

suchy kaszel significa tosse seca ou *sucha Kielbasa* que se traduz como linguiça não gordurosa.

Algumas doenças em polonês possuem significados parecidos com as em português, como *Robak* e da bicheira. Outras é preciso compreender a forma como a língua polonesa era na época da vinda dos imigrantes para o Brasil como o caso da palavra *Betka*. O mais interessante é constatar que algumas doenças tratadas através de benzimento, na língua portuguesa são associadas a animais como é o caso do sapo e do macaco. As mesmas moléstias, tratadas da mesma forma por meio de rezas, por ascendentes de poloneses não têm a mesma associação no nome com animais não humanos. A candidíase é associada a um cogumelo, enquanto a mingua, à magreza..

CONCLUSÃO

No decorrer desta pesquisa buscamos apresentar um pouco do rico universo das benzedeadas e benzedores a que tivemos acesso. Com isso expomos, principalmente, as práticas de benzedeadas de animais que, em regiões interioranas, são feitas com maior frequência, mas que também são realizadas no perímetro urbano. Com o auxílio da metodologia da História Oral, conseguimos ter acesso a uma parte da história de vida destas mulheres e homens que asseguram ter dom de benzer e também um pouco das suas práticas. Durante a segunda entrevista com Sônia, uma das benzedeadas com as quais tivemos contato, ela disse o seguinte: “nós fazemos muita coisa, nós sabemos muita coisa e quanto mais você for estudando, mais você vai aprendendo”.

Sônia é ascendente de imigrantes poloneses e também nos forneceu uma série de subsídios orais a respeito do benzedeadas de animais. Explicou que “eles também precisam de ajuda”, rompendo aquela visão antropocêntrica de que os animais não humanos estão no mundo para servir como força de trabalho, como objetos de lazer e como alimento para os animais não humanos. Num mundo em que a máquina substitui a força animal e o robô toma mais o espaço do trabalhador humano as relações entre animais humanos e não humanos se rearranjam.

Entrar em contato com benzedeadas (ores), gente que cura, que cuida da estética e que adota animais como se fossem membros da família é descortinar um mundo em transformação, definido por fronteiras movediças. Fazem parte de um espaço que não é apenas natural, mas também espiritual, que não possui uma distinção precisa de onde começa um e termina o outro. Os dois universos colidem e interferem um no outro. Como a maior parte dos (as) meus (as) entrevistados (as) é de senhoras e senhores acima de cinquenta anos, eles adoram contar suas histórias de vida, relatar os sucessos que obtiveram nas curas e falar da quantidade de gente que os procura em busca de saúde de si ou de seus animais.

Durante essa pesquisa pudemos mostrar como, para as benzedeadas e benzedores, os animais não humanos são considerados como merecedores dos benefícios da cura do mesmo modo que os animais humanos. Os viventes de ambas as câmaras precisam receber a ajuda de alguém que benza porque assim como os médicos não têm poder (nem conhecimento suficiente) para curar certas doenças, o mesmo se aplicaria aos veterinários, como ficou exemplificado por meio do caso de “boi de cupinzão” narrado por Sonia. Os animais também são coadjuvantes das curas como evidenciamos por meio

do exemplo da cera de abelha que é muito utilizada nas benzeções praticadas na região de Irati, Rebouças e Mallet. Também, no caso do osso usado para benzer, que possivelmente seja de um animal não humano.

Paralelamente à pesquisa da benzeção pudemos interagir com pessoas que utilizam tanto a língua portuguesa nos benzimentos, quanto a língua polonesa. Esse contato, foi extremamente enriquecedor, pois pudemos perceber um pouco do cotidiano destes descendentes de poloneses, que procuram manter viva as tradições e a língua de seus antepassados, muitas vezes aprendendo a língua polaca como língua mãe, mesmo morando em um país de língua portuguesa. Com a ajuda da benzeadeira Palmira Lewandowski pudemos ter acesso também a alguns nomes de doenças em polonês e com isso abre-se um campo de investigação pouco explorado no Brasil.

Para nós, esta pesquisa não cobre todas as práticas de benzeção e nem abrange este universo em sua totalidade. Apresenta apenas um ramo de uma grande cadeia de conhecimentos que estes praticantes dos benzimentos detêm, constroem e reconstróem.

Durante os momentos em que ficamos nas filas de clientes destes (as) benzedores (as) esperando a nossa vez para os entrevistar, pudemos conversar de forma descontraída com algum de seus pacientes e pudemos perceber o como eles se sentiam bem por estar ali. Um deles que chamou nossa atenção, estava na fila para ser atendido Maria Silva. Disse que sempre buscava as palavras daquela atendente quando tinha problemas de saúde e também buscava sua ajuda para tomar decisões importantes. Comentou que sempre se sentia bem depois de uma consulta. Depois do atendimento, sorriu para nós e disse: “viu só? A gente sai mais leve, mais contente depois de conversar com ela”.

Com essa pesquisa esperamos ter demonstrado a importância destas benzeadeiras e benzedores que como suas práticas culturais ajudam seus pacientes, sejam eles humanos ou não humanos. Trata-se de um universo rico e que merece ser mais investigado.

REFERÊNCIAS

ABONIZIO, Juliana; BAPTISTELLA, Eveline. À mesa com cães e gatos: ração vegetal e fronteiras interespecies. **Iuminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 42, p. 107-135, 2016.

ALBERTI, V; FERNANDES, TM; FERREIRA, MM. *História oral: desafios para o século XXI* [online]. Rio de Janeiro: **Editora Fiocruz**, 2000. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/2k2mb>>. Acesso em: 26 de maio de 2018.

ALMEIDA, Dinoráh Lopes Rubim. **Desafios da memória como fonte histórica: esquecimento, silêncio, mutações e realidades.** *Memórias, traumas e rupturas*. 1ªed. Vitória/ES, v.1, 2013.

ARAÚJO FILHO, Lourival. **A dicotomia cultural do imigrante e a Polonidade anunciada.** Trabalho de Graduação (História), Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.

AZEVEDO, Gilson Xavier de. A geografia das benzedeadas no município de Quirinópolis, Goiás. **Revista Mirante**, Anápolis (GO), v.8, n. 2, set. 2015.

_____. Das vassouras aos ramos: o arquétipo das benzedeadas nas antigas bruxas medievais. **Mandragora**, v. 21. N.21, 2015.

AZEVEDO, Gilson Xavier de; AZEVEDO, Janice Fernandes. Benzedeadas em Mircea Eliade, uma aproximação possível. **Protestantismo em Revista**, v. 35, 2014.

BÂ, Amadu Hampaté. A tradição viva In: KI-ZERBO, Joseph (Coord.). **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 3ª. ed. São Paulo: Cortez/Brasília: UNESCO, 2011

BOING, Lucio; STANCIK, Marco Antônio. Benzedeadas e Benzimentos: práticas e representações no município de Ivaiporã/PR (1990-2011). **Ateliê de História UEPG**, 2013.

BOSCO, Afonso. As prefigurações do Messias no Antigo Testamento. In: MONTFORT **Associação Cultural**. 2019. Disponível em <http://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/prefiguracoes_messias/> Acesso em 19/06/2019.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3ed. São Paulo: companhia das letras, 1994.

BRASIL CONTA COM MAIS CACHORROS DO QUE CRIANÇAS NAS CASAS. Disponível em <<https://www.revistaencontro.com.br/canal/atualidades/2017/11/brasil-ja-conta-com-mais-cachorros-do-que-criancas-nas-casas.html>> Acesso em 30/01/2019.

BUGHAY, Eliane Aparecida. **“Eu te benzo, eu te curo”**: práticas cotidianas de benzedeadas na comunidade de São Cristovão, vozes de uma tradição. União da Vitória, 2010.

CAPELLETTI, Lorenzo. Luz refletida. In: **Revista 30dias**. Nº 9, 2009. Disponível em <http://www.30giorni.it/articoli_id_21743_16.htm>. Acesso em 21/06/19.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3 ed. Petrópolis. 1998.

CORO, José Luis Pérez; PECA, Marco Antonio Flores. Tata Santiago, el primer santo de Potosí. Disponível em < <http://www.miradasdelsur.com/tata-santiago-el-primer-santo-de-potosi/>> Acesso em 23/01/2019.

CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico**: a expansão biológica da Europa, 900-1900. Tradução José Augusto Ribeiro. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

CUNHA, Lidiane Alves da. Saberes e religiosidades de benzedeadas. **Anais dos Simpósios da ABHR**, v. 13, 2012.

DRESSEL, Tainá de Sena. A medicina veterinária na história da humanidade: a ciência dos animais na base das civilizações. In.: **XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**. UNIJUÍ, 2015.

DUFAUR, Luis. Simbolismo do leão Jesus Cristo e da leoa Nossa Senhora. Disponível em < https://gloriadaidademedica.blogspot.com/2018/07/o-simbolismo-do-leao-jesus-cristo-e-da_15.html> Acesso em 19/06/19.

FÉLIX, Luciene. Apolo, Quiron, Asclépio e Hipócrates - Mito Grego da Medicina. In: **Jornal Carta Forense**. 02/02/2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 8ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FESTIVIDAD DEL “TATA SANTIAGO” PATRONO DEL MUNICIPIO SANTIAGO DE CALLAPA, 2017. Disponível em: http://medicosdelmundoenbolivia.org/index.php?option=com_content&view=article&id=843:festividad-del-tata-santiago-patrono-del-municipio-santiago-de-callapa&catid=35:ultimos-articulos. Acesso em 23/01/2019.

FINELON, Vitor Gino. **Teologia do Mistério**: Aspectos bíblico-patristicos, teológico-litúrgicos e magisteriais. Dissertação (Mestrado em Teologia) Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2015.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins fontes, 1992.

FRANÇA, Vitor Hugo. Animais de poder: conheça o significado de cada um. Disponível em <<https://www.luzdaserra.com.br/animais-de-poder-conheca-os-significado-de-cada-um-358>> Acesso em 22/06/19.

GONÇALVES, William Franco. **“Deus deixou o médico e deixou o benzedor”**: um estudo sobre as benzedeadas e benzedores de Irati/PR (1957-2014) (Trabalho de conclusão de curso) – Universidade Estadual do Centro Oeste, Irati, 2014.

GONÇALVES, William Franco. *“Adoro, faço com carinho, com amor”*: reza e Benzeção em Irati-PR. **Interações**, Campo Grande, MS, v.19, n. 2, p. 257-264, abr./jun. 2018.

INGOLD, Tim. *Humanidade e Animalidade*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Brasil, n.28, 39-54, jul. 1995.

LEACH, Edmund. Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal. In: **Edmund Ronald Leach**: antropologia. São Paulo: Ática, 1983.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4ª ed. Campinas, SP. 1996.

NERY, Vanda Cunha Albieri. Rezas, crenças, simpatias e benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2006, São Paulo, Intercom, 2006.

- MAIOR, Mário Souto. **Orações que o povo reza**. 1º edição, São Paulo, IBRASA, 1998.
- MARTINS, Filipa. Anfíbios: uma vida dupla de adoração e discriminação. In: Naturlink. Disponível em <<http://naturlink.pt/article.aspx?menuid=9&cid=92478&bl=1&viewall=true>> Acesso em 22/06/2019.
- MOURA, Elen Cristina Dias de. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. **Mneme Revista de Humanidade**, p. 340-369, 2011.
- NIWIADOMSKI, Sônia Eliane; COSTA, Luciane Trennephol. *Lenição e epêntese em grupo consonantais tautossilábicos na língua polonesa falada em Cruz Machado, Paraná. Palimpsesto*. n. 28, p. 415-439, 2018.
- OLDRELIGION. Lua minguante – a morte. 17/06/2016. Disponível em <<http://www.oldreligion.com.br/Esbaths/LUA-MINGUANTE-A-Morte>> Acesso em 21/06/2019.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ORREDA, José Maria. **Irati, vol. II**. Irati: Edipar, 1974.
- PADILHA, Milene Aparecida; OLIVEIRA, Oséias de. **As benzedeadas como sujeito histórico: relações entre memória e história**. Trabalho de conclusão do curso (graduação em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2012.
- PASTORE, Paula Christina Falcão. **A simbologia dos animais em expressões idiomáticas inglês/português: uma proposta lexicográfica**. Tese (doutorado em Letras). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, da Universidade Estadual Paulista. Ribeirão Preto, 2009.
- PASSARELLI, Ulisses. Odontologia Mística - levantamento bibliográfico e notas de campo. Blog Tradições populares das vertentes. Disponível em <<http://folclovertentes.blogspot.com/2014/04/o-folclore-dos-dentes-parte-1.html>> Acesso em 17/06/2019.
- PERREIRA, Júlia. Por que eu uso guias? Blog UMBANDAEAD. Disponível em <<https://umbandaead.blog.br/2016/02/18/1713/>> Acesso em: 17/06/2019.
- PETERS, Jose Leandro. **Nossa Senhora Aparecida, no discurso da Igreja Católica no Brasil (1854-1904)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2012.
- PINHO, Lucas Fernandes de Pinho. Benzedeadas, mulheres com dons nas mãos e nas palavras, um estudo sobre as narrativas da benzedura na cidade de Farias Brito-CE, final do século XX e início do XXI. **Anais do 14º Congresso de História da Educação Ceará. História de Mulheres: amor, educação e violência**. UFC, campus da Urca, Crato-CE, 01 a 04 de junho de 2015. p.1-11.
- PINTO, Maria Benedita Celeste de Moraes. Vivências cotidianas de parteiras e ‘experientes’ do Tocantins. **Revista Estudos Feministas UFSC** ano 10 n° 02, 2002. P. 441-448.
- RAMOS, João Manoel. O pensamento sizígio: confronto, combinação e transformação nos bestiários medievais. In: **Etnográfica, Vol. I** (1), 1997, pp. 97-112.
- REZENDE, Helena, A. A utilização de Fitoterapia no cotidiano de uma população rural. **Revista da Escola de Enfermagem da USP** v.36, 2002.

- SANCHEZ, D; RAMIREZ-GALVEZ, Martha. Entre humanos e animais – Relações familiares na sociedade contemporânea. In: **Reunião Brasileira de Antropologia**, 2012, São Paulo. Anais 28a, RBA, 2012, p.1-20.
- SANSI, Roger. Feitiço e fetiche no Atlântico moderno. **Revista de antropologia**, São Paulo, USP, 2008, v. 51 nº 1.
- SANTANA, Debora Correa; e COL. Uso de plantas medicinais na criação animal. **Enciclopedia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v.11, n.22, p. 223-241, 2015.
- SANTIN, Wilhan. Por dentro do altar: os segredos das 'Pedras Dara'. In: **Jornal Folha de Londrina**. 12/04/2008.
- SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história**. Curitiba, 2005.
- SANTOS, D. L. Curandeiros, Médicos e Doentes nas Encruzilhadas da Cura. Santo Antônio de Jesus. Recôncavo Sul. Bahia (1940-1980). In: **III Encontro Estadual de História - ANPUH - Bahia**, 2006, Caetité - Bahia. III Encontro Estadual de História - Poder, Cultura e Diversidade, 2006. v. único.
- SANTOS. Dulce O. Amarante dos. Os saberes da medicina medieval. In: **História Revista**. V. 18, nº 1, 2013.
- SANTOS, Juberto de Oliveira. São Tiago Maior: o Apóstolo Mataíndios (séculos XVI E XVII). In: **Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC Vitória** – 2008.
- SCHREIDER, Ana Paula. Iratienses prestam homenagem a Nossa Senhora das Graças em 27 de novembro, **Hoje Centro Sul online**, 23 nov. 2015. Disponível em: <http://hojecentrosul.com.br/?id=350>. Acesso em 15/10/2018.
- SELAU, M. S. História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. **ESBOÇOS**, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC., Florianópolis, v. 11, p. 217-228, 2004.
- SEM FILHOS, MULHERES CUIDAM DE SEUS CÃES COMO BEBÊS..., 2016. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2016/05/1765634-sem-filhos-mulheres-cuidam-de-seus-caes-como-bebes-conheca-tres-maes.shtml>> Acesso em 30/01/2019.
- SENDER, Tova. Moisés e o monoteísmo e a noção de “povo eleito”. In: **Cadernos de Psicanálise - CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 24, p. 119-127, 2011.
- SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- TAMAYO, Ruy Pérez. De la magia primitiva a la medicina moderna. Disponível em: <http://bibliotecadigital.ilce.edu.mx/sites/ciencia/volumen3/ciencia3/154/html/delamgi.html>. Acesso em 14/06/2019.
- TELEGINSKI, Neli Maria. *Bodegas e bodegueiros de Irati-PR na primeira metade do século XX*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

TUSSI, Adriana Cristina. **Tratamento de animais domésticos por meio de práticas tradicionais utilizadas no Faxinal dos Kruger, Boa Ventura de São Roque – PR.** 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Veterinárias) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Guarapuava, 2017.

UMA ORAÇÃO DE BÊNÇÃO PARA OS ANIMAIS, s/d. Disponível em: <http://anatividade.blogspot.com/2009/10/liturgia-da-bencao-dos-animais.html>. Acesso em 23/01/2019

VASQUES, Rafael Carneiro; TEIXEIRA, Francisco Diniz; CARIA, Vitor Celli. O bestiário medieval e os livros de monstros do RPG. **In: Revista Mais Dados: exploração e releitura** – Ano 3, v. 3, 2016.

VAZ, Vania. **As benzedoras da cidade de Irati:** suas experiências com o mundo, e o mundo da benzeção. 2006. Dissertação (Mestrado em História) -Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

ZUANON, Á; FONSECA, C. A relação do homem com os demais animais e o que se conhece deles a partir da etologia e da ciência do bem-estar animal. **ARS Veterinária**, v. 30, p. 83-91, 2015

FONTES ORAIS

KAMISKI, Ines (Ines Kamiski) [52 anos]. [mar. 2014]. Entrevistador: William Franco Gonçalves. Irati, PR. 21 mar. 2014.

GASPARETTO, Leoni Bueno (Leoni Bueno) [80 anos]. [mar. 2014]. Entrevistador: William Franco Gonçalves. Irati, PR. 25 mar. 2014.

GONÇALVES, Christian Franco (Christian Franco) [22 anos] [dez. 2018] Entrevistador: William Franco Gonçalves. Irati, PR. 20 dez. 2018.

SILVA, Rosa Bueno (Rosa Bueno) [50 anos] [mar. 2014]. Entrevistador: William Franco Gonçalves. Irati, PR. 21 mar. 2014.

GUIMARÃES, Maria Iolanda N. (Maria Iolanda) [70 anos]. [abr. 2014]. Entrevistador: William Franco Gonçalves. Irati, PR. 16 abr. 2014.

FERREIRA, Nadir (Nadir Ferreira) [80 anos]. [out. 2014]. Entrevistador: William Franco Gonçalves. Irati, PR. 28 out. 2014.

QUADROS, Olga Bácil de (Olga Bácil) [62 anos] . [mar. 2018]. Entrevistador: William Franco Gonçalves. Irati, PR. 20 mar. 2018

KRUK, Lúcia (Lucia Kruk) [54 anos]. [mar. 2019]. Entrevistador: William Franco Gonçalves. Rio Azul, PR. 03 mar. 2019.

FRONTIK, Maria (Maria Frontik) [88 anos]. [mar. 2019]. Entrevistador: William Franco Gonçalves. Rio Azul, PR. 05 mar. 2019.

LEWANDOWSKI, Palmira (Palmira Lewandowski) [53 anos] [mar. 2019]. Entrevistador: William Franco Gonçalves. Mallet, PR. 04 mar. 2019.

SIDOSKI, Sonia Maria (Sonia Sidoski) [50 anos] [mar. 2019]. Entrevistador: William Franco Gonçalves. Irati, PR. Irati, PR. 16 mar. 2019.

QULIS, Telina (Telina Qulis) [81 anos] [mar. 2019]. Entrevistador: William Franco Gonçalves. Rio Azul, PR. 04 mar. 2019.

SITES CONSULTADOS

DCI Diário, Comercio, Industria e serviços, Os criadores do conceito de ‘pet shop’ sobrevivem. Disponível em: <<https://www.dci.com.br/impreso/os-criadores-do-conceito-de-pet-shop-sobrevivem-1.20570>> Acesso em: 22/08/2019

Instagram, Gael Frenchie. Disponível em: <https://www.instagram.com/gael_frenchie/> Acesso em 14/09/2018.

Obcy język polski, bedlka, bedka, betka. Disponível em: <<https://obcyjezykpolski.pl/to-dla-mnie-bedlka-bedka-betka/>> Acesso em 14/06/2019.

Pet elegante, História dos pets: 8 fatos que você não sabia. Disponível em <<https://www.petelegante.com.br/dicas/historia-dos-pets/>>. Acesso em: 14/09/2018.

Polki, Gruźlica płuc (Suchoty, Tuberkuloza). Disponível em: <https://polki.pl/zdrowie/encyklopedia-chorob,gruzlica-pluc,8,choroba.html> Acesso em: 14/06/2019.

Radio Najuá, Derbli sanciona “lei das benzedeadas”. Disponível em: <<http://www.radionajua.com.br/noticia/noticias/irati-e-regiao/derbli-sanciona-lei-das-benedeadas/41683/>> Acesso em: 07/2018.

Sferopedia, Robactwo. Disponível em: <https://sfery.fandom.com/wiki/Robactwo> Acesso em: 14/06/2019.

Słownik języka polskiego PWN, Robak. Disponível em: <https://sjp.pwn.pl/sjp/robak;2515423.html> Acesso em: 14/06/2019.

Słownik języka polskiego PWN, Suchoty. Disponível em: <<https://sjp.pwn.pl/doroszewski/suchoty;5502218.html>> Acesso em: 14/06/2019.

Słownik języka polskiego SJP, Robaki. Disponível em: <<https://sjp.pl/robaki>> Acesso em: 14/06/2019.

Słownik języka polskiego SJP, Suchoty. Disponível em: <<https://sjp.pl/suchoty>> Acesso em: 14/06/2019.

Wikipedia, Czernidłak kołpakowaty. Disponível em: <https://pl.wikipedia.org/wiki/Czernid%C5%82ak_ko%C5%82pakowaty> Acesso em: 14/06/2019.

Wikipedia, Muszyca. Disponível em: <<https://pl.m.wikipedia.org/wiki/Muszyca>> Acesso em 14/06/2019.

Wiktionary, Betka. Disponível em: <<https://pl.wiktionary.org/wiki/betka> Acesso em 14/06/2019> Acesso em: 14/06/2019.

Autorizo a divulgação integral deste trabalho no banco de dados do
PPGH/UNICENTRO.

Autorizo apenas a divulgação do resumo e do *abstract* no banco de dados do
PPGH/UNICENTRO.

Irati(PR), 30 de Setembro de 2019.


William Franco Gonçalves